



REVISTA DE
LITERATURA
INFANTIL E JUVENIL

#18

OUTUBRO 2025

COMO FALAR

**DOS LIVROS
(que nos encantam)
AOS OUTROS?**

REVISTA SEMESTRAL. DISTRIBUIÇÃO ONLINE GRATUITA. ISSN 2184-1233.
DIRETOR: JOÃO MANUEL RIBEIRO

FICHA TÉCNICA

www.trintaporumalinha.com.pt
geral@trintaporumalinha.com

Estatuto Editorial

<https://www.trintaporumalinha.com/revista>

Diretor

João Manuel Ribeiro

Chefe de redação

Joana Inácio e Raquel Seça

Design e Paginação

Joana Inácio e Raquel Seça

Equipa de redação

Manuela Vieira (coordenadora)

Alexandra Duarte

Carina Novo

Joana Inácio

Lucinda Cunha

Raquel Seça

Teresa Dangerfield

José António Moreira (jornalista)

Redação

Lg. Eng. António de Almeida, 30 3.º andar – Sala DD3
4100-065 Porto

Propriedade

Editora Trinta-por-uma-linha

Rua António Bessa Leite, 1516 C, 3.º Dto

4150-074 Porto

Contribuinte 508381037

N.º Registo ERC 127032

N.º ISSN 2184-1233

Depósito Legal 433086/17

Periodicidade Semestral

Edição

Editora Trinta-por-uma-linha



ÍNDICE

3 Editorial

4 UAU...

12 Falámos com...

Ana Margarida Pinho
Armando Requeixo
Isabel Brandão
Paulinha Perlímpimpim
Rita Gouveia
Susel Gaspar

34 Dossier

Os Prémios Literários de LIJ
em Espanha

46 Lemos, gostámos e
recomendamos

53 Livro/Autor
em Destaque

68 Dos Livros para a Tela

79 Crónicas/Podcasts/
Eventos

81 A Palavra é Tua!

99 Guião de Livros

105 Decálogo de Escrita

Alexandra Duarte

106 De Viva Voz

107 Citações

108 Para Brincalhães

111 Notícias

EDITORIAL

Querido(a) leitor(a),

Como falar aos outros dos livros que nos encantam?

Há livros que nos tocam tão fundo que ficamos sem palavras. Fechamos a última página e permanecemos em silêncio — como quem regressa de uma viagem e precisa de tempo para arrumar dentro de si o que viveu. E, no entanto, logo depois, nasce a vontade de contar. De partilhar. De dizer: “*Lê isto!*”

Mas como falar dos livros que nos encantam?

Como pôr em palavras o espanto, a ternura, o riso, a ferida, o consolo?

Talvez o segredo esteja menos em explicar e mais em contagiar.

Falar de um livro é, antes de tudo, voltar a lê-lo com a voz — e oferecer aos outros um pequeno fragmento da nossa leitura interior.

Falar de livros é também um gesto de amor: amor pelas histórias e amor pelas pessoas a quem as oferecemos. É dizer: “*Este livro fez-me pensar em ti.*” É criar pontes entre mundos que, de outro modo, nunca se tocariam.

Nesta edição de *A Casa do João*, abrimos as janelas às palavras que circulam entre leitores, aos modos como partilhamos o que nos comove, e à arte delicada de recomendar sem impor, de entusiasmar sem empurrar. Porque, afinal, cada leitor é único — e cada encontro com um livro é irrepetível.

Assim, falamos com o crítico literário galego **Armando Requeixo**, com a YouTuber **Ana Margarida Pinho**, a InstaTuber **Paulinha Perlimpimpim**, as professoras bibliotecárias **Isabel Brandão** (Arouca) e **Susel Gaspar** (Mértola) e a *bookstagrammer* **Rita Gouveia**. Além disso, pedimos à nossa **equipa** que escolhesse e escrevesse sobre um livro marcante das suas vidas (e há belos livros com **autores/livros em destaque**). No *Dossier*, apresentamos os principais Prémios Literários de LIJ em Espanha e apresentamos alguns dos livros premiados. Apresentamos igualmente alguns filmes, músicas e animações sobre o encanto da partilha de livros e leituras.

E, como verás, não ficamos por aqui...

Que esta revista seja, pois, uma casa onde se fala de livros com o coração na boca. Onde cada texto seja uma conversa ao crepitar do lume, um convite à curiosidade, um eco do espanto. Falar de livros é prolongar o seu encantamento.

E é isso que mais desejamos: que o encanto continue a passar de voz em voz, de leitor para leitor.

Se este número de *A Casa do João* ajudar, ficamos felizes.

João Manuel Ribeiro

UAU...

A CRÍTICA LITERÁRIA COMO GÉNERO JORNALÍSTICO



O QUE É E COMO SE FAZ CRÍTICA LITERÁRIA?

A crítica, além de utilizar a literatura como recurso composicional, foi concebida para analisar, na forma e no contexto, a literatura. A esta análise chama-se crítica literária, também designada, no campo jornalístico, por resenha crítica.

DIFERENÇAS ENTRE A RECENSÃO E A CRÍTICA LITERÁRIA.

Antes de entrar na explicação do género, é necessário estabelecer uma distinção, nem sempre totalmente clara, entre a recensão informativa e a recensão crítica ou crítica literária. Uma recensão informativa é um texto curto (uma breve orientação, um resumo) que informa o leitor sobre uma nova publicação, ou seja, sobre uma obra literária de qualquer género que acaba de sair.

A título de orientação, alguns aspetos da obra referidos numa recensão deste tipo são a época em que foi escrita, o autor, as personagens, o espaço e o tempo em que decorre a ação (no caso de uma narrativa) ou o seu género literário. Com base nas informações fornecidas pela recensão, o leitor interessar-se-á ou não pela nova publicação, o que determinará a sua possível aquisição.

Assim, o que distingue uma recensão informativa de uma crítica literária é, essencialmente, a abordagem.

A recensão deve ser o mais imparcial possível, mas a crítica não.

Como explica López (2004), uma recensão denuncia factos culturais (p. 387), enquanto uma crítica os avalia (p. 387).

E o que os une?

Fundamentalmente, o objetivo e a estrutura.

Por um lado, o objetivo último de ambas é dar a conhecer uma novidade editorial e, por outro, ambas têm de ter um título (embora a recensão informativa nem sempre o tenha), a referência ou os dados técnicos do livro recenseado e o texto propriamente dito.

As recensões literárias são publicadas na secção de livros ou de cultura da imprensa diária e, sobretudo, em suplementos culturais e revistas especializadas em literatura.

As recensões informativas, para além destes meios, são publicadas em revistas não culturais que incluem uma secção dedicada aos livros.

Definição de crítica literária

Para definir o conceito, convém começar por distinguir entre a crítica literária académica e a crítica literária jornalística.

UAU...

A **crítica literária acadêmica** é uma disciplina que está ligada à filologia e que se expressa através de ensaios ou artigos aprofundados. Os artigos de crítica literária acadêmica analisam diferentes aspectos da obra ou da figura de um autor de um ponto de vista formal ou conceitual, são publicados em revistas especializadas ou universitárias (acadêmicas), têm um número considerável de páginas (entre 20 e 30) e baseiam-se geralmente numa hipótese que tentam demonstrar seguindo uma metodologia específica.

Esta crítica informa, interpreta, avalia e pode também chegar ao juízo, embora em qualquer caso o prepare; se não chega a um juízo conclusivo, é porque muitas vezes se entretém na mera erudição (p. 35).

A **crítica jornalística literária** é um gênero próprio; é publicada, como já foi referido, em suporte impresso ou digital; é muito mais curta do que um artigo de crítica acadêmica (cerca de 3 ou 4 páginas) e, por definição, inclui um juízo.

Os teóricos da comunicação colocam-na entre os gêneros jornalísticos de opinião, o que implica a tentativa do crítico de persuadir o leitor da adequação das suas opiniões. Crítica jornalística distingue-se por três características: é breve, clara e refere-se à atualidade.



A sua linguagem ágil e agradável obedece às exigências de precisão e correção; permite-se licenças criativas moderadas e presta especial atenção à coerência das ideias, à ênfase nos pontos-chave e ao estilo.

Enquanto gênero de opinião explicitamente argumentativo, a crítica não pode prescindir de juízos de valor, enquanto fornece orientações e informações sobre a atualidade literária (Vallejo Mejía, 1993, p.37).

É, pois, evidente que a crítica literária jornalística deve emitir juízos de valor, mas não omitir informações e orientações.

Outros fatores definidores são os seguintes:

- Como já foi referido na explicação da recensão, esta está sempre ligada a uma novidade editorial que está prestes a ser posta à venda, razão pela qual o recenseador nunca deve esquecer os interesses e gostos do potencial leitor da obra em questão, nem deve esquecer - ou melhor, não pode esquecer - a indústria editorial. É a indústria editorial que, muitas vezes, marca os livros que o crítico irá comentar: um livro premiado, um livro de um escritor famoso, um best-seller, etc.

UAU...

- Por último, a crítica literária pode ocupar-se de obras de qualquer género literário (obras poéticas, narrativas ou ensaísticas), com exceção das obras teatrais, que são tratadas pela crítica teatral (é possível fazer uma crítica literária de um texto teatral, mas não é habitual). Obviamente, consoante o género, haverá diferentes aspetos que o crítico abordará na sua escrita.

Estrutura da crítica literária

Estruturalmente, a crítica literária é constituída por duas partes: o título, a referência bibliográfica do livro a comentar (a ficha técnica do livro) e o artigo ou a crítica propriamente dita.

Título da recensão

O título deve ser curto, se possível espirituoso e, acima de tudo, indicativo do conteúdo da recensão; por outras palavras, o título deve mostrar para onde vai o juízo do recensor. Regra de ouro: nunca deve coincidir com o título do volume objeto da recensão.

Referência ou ficha técnica

A referência bibliográfica ou ficha técnica contém os elementos básicos do livro a ser resenhado. Normalmente, são o autor, o título, a editora, a cidade de publicação, o ano de publicação, o tradutor e o editor (se for o caso), o número de páginas e o preço. Dependendo do suporte, a disposição dos elementos do registo pode variar. Cada crítico terá de se adaptar às exigências do meio para o qual trabalha.

O ARTIGO OU A RECENSÃO PROPRIAMENTE DITA

É evidente que a redação da recensão varia em função da especialização, dos conhecimentos e da experiência do crítico. Um crítico com anos de profissão terá uma fluência, uma liberdade e uma criatividade que dificilmente definem um novato.

Do mesmo modo, resenhar uma coletânea de poemas não é o mesmo que resenhar um ensaio ou um romance: como já foi sugerido, os aspetos a analisar em cada um deles serão diferentes, assim como a própria preparação do crítico.

Seja qual for a circunstância, o crítico nunca deve esquecer que a sua tarefa é analisar, interpretar e julgar uma determinada obra, e dar conta do seu conteúdo. Tendo em conta estas premissas, tentemos agora apontar algumas diretrizes que possam servir de orientação a um crítico principiante na estruturação de uma crítica, tomando como referência uma obra narrativa e seguindo os parâmetros fornecidos por Vallejo Mejía (1993). O professor considera aconselhável começar pelos seguintes pontos:



UAU...

Descrição informativa dos aspetos externos do texto:

- **Autor.** Uma boa maneira de começar uma crítica é aludir ao criador da obra: o autor pode ser situado no tempo e a sua carreira pode ser mencionada, se tiver uma; se não tiver, o autor pode ser apresentado como um novo autor.

- **Paratexto.** Pode continuar a designar o chamado paratexto, ou seja, tudo o que rodeia o texto: a própria edição (anotada ou crítica, por exemplo), o prefácio, as imagens (se as houver), a página de rosto, etc.

- **Descrição geral do texto:** uma primeira impressão geral da obra, delineando (apenas delineando) o enredo. Regra de ouro: nunca revelar o final.

Análise e interpretação do texto.

Vallejo Mejia recomenda a seguinte ordem:

- **Análise dos componentes**, ou seja, o tema, as personagens, o espaço, o tempo, o narrador, a estrutura, o estilo e tudo o que for digno de menção.

- **Interpretação do texto**, ou seja, o sentido da obra (o que o autor pretendeu transmitir), e o que traz de novo.

- **Julgamento ou avaliação.** Uma vez descritos o autor e o paratexto, esboçada uma primeira impressão do texto e analisados os seus componentes, o crítico deve emitir um juízo final sobre a obra.



Qualquer crítico deve ter um conhecimento mínimo de teoria literária: se vai analisar as personagens de uma obra narrativa, deve conhecer, por exemplo, a distinção de Edward Morgan Forster entre personagens planas e redondas; ou se vai analisar o narrador, deve conhecer a distinção entre primeira e terceira pessoa ou os diferentes pontos de vista que o narrador pode adotar. Isto não implica que tenha de ser um especialista na matéria. Lembre-se que se trata de crítica jornalística e não de crítica académica.

Por outro lado, o crítico tem de adotar um método na elaboração da sua escrita. Há dois métodos comuns para escrever crítica literária jornalística: o **método interno**, centrado exclusivamente no texto, e o **método externo**, centrado na contextualização e no que rodeia o texto.

O que é recomendado?

O meio-termo. Como afirma Vallejo Mejia (1993, p. 58), optar por posições que incluam “as referências internas e externas da obra literária”, considerando que se trata de um testemunho vivo e não de um documento fossilizado.

Decálogo de Martin Vivaldi

Quando se escreve uma crítica literária, é fácil cair em várias armadilhas: na superficialidade, nos interesses, no clientelismo, na brandura, na dureza, etc. Alguns críticos e teóricos do jornalismo têm estado conscientes deste problema e, por isso, formularam o que, do seu ponto de vista, devem ser os mandamentos que devem reger toda a escrita com estas características.

Por exemplo, Martin Vivaldi (2018, p. 364), no seu *Curso de redação*, estabelece as condições que considera que um crítico deve reunir para cumprir a sua tarefa. São elas:

1. A crítica deve ser ponderada e justa. [...]
2. O crítico deve evitar a tendência para o elogio e a inclinação para a dureza. [...]
3. A crítica deve ser fielmente informativa. [...]
4. Procurar sempre um tom respeitoso e imparcial. [...]
5. O estilo da crítica deve ser denso, preciso, ágil e claro. [...]
6. Exige-se do crítico maturidade, espírito de reflexão, especialização (isto é, experiência e conhecimento do objeto da crítica) e serenidade de julgamento. [...]
7. Em suma, a crítica deve ser analítica e sintética. Analisa-se o que se está a julgar e avaliam-se os seus elementos. Depois (ou antes) sintetiza-se a nossa opinião, da forma mais ponderada, justa e impessoal possível.

Decálogo de Vallejo Mejía

Vallejo Mejía (1993) alerta para os possíveis **perigos ou pecados capitais** em que todos os críticos podem cair:

1. Interesse desmedido pelo novo, pelo furo de reportagem, que pode levar a um sensacionalismo desnecessário.
2. Falta de criatividade ou utilização do texto como pretexto para a sua própria exibição.
3. Superficialidade, por vezes derivada do desconhecimento (ou mesmo da falta de leitura atenta) da obra.
4. Fraco suporte teórico, caindo numa visão muito geral do texto.
5. Desconhecimento do público-alvo.
6. Linguagem críptica, com palavras eruditas que o leitor comum não entende.
7. Preconceitos e clichés adquiridos de antemão, que o fazem ignorar aspetos importantes da obra e ver apenas o que quer ver.
8. Suavidade e relativismo, ou seja, não desqualificar certos autores, geralmente prestigiados.
9. Simpatia ou tratamento favorável de colegas autores ou amigos.

João Manuel Ribeiro

UAU...

COMO ESCREVER UMA CRÍTICA LITERÁRIA?



COMO ESCREVER UMA CRÍTICA LITERÁRIA?

Fazer uma **crítica literária** envolve mais do que dizer se se gostou ou não de um livro. Trata-se de uma análise fundamentada e estruturada que observa elementos da obra literária e oferece uma leitura interpretativa e avaliativa. Eis, em termos práticos, como fazê-la:

1. Leitura atenta da obra

- Lê o livro na íntegra, se possível mais do que uma vez.
- Toma notas sobre elementos que chamam a atenção: estilo, temas, personagens, estrutura, linguagem, emoções provocadas, etc.
- Sublinhar ou destacar passagens pode ser útil para citar depois.

2. Estrutura da crítica literária

a. Introdução

- Apresenta o título do livro, o autor e, se necessário, a edição lida.
- Situa a obra (género literário, contexto de publicação, lugar na bibliografia do autor).
- Formula a tua **tese ou argumento principal**: qual é o teu ponto de vista sobre o livro?

b. Desenvolvimento (análise crítica)

Deve conter argumentos que sustentam a tua tese. Alguns eixos comuns são:

- **Tema(s)**: Quais os temas centrais? Como são desenvolvidos?
- **Personagens**: São verosímeis? Complexas? Simbólicas?
- **Narrador e ponto de vista**: Quem conta a história? Como isso influencia a leitura?
- **Tempo e espaço**: Como se situam? Contribuem para a construção do enredo?
- **Estilo e linguagem**: O autor usa um estilo mais poético, realista, irónico...? Há jogos de linguagem?
- **Estrutura da narrativa**: Linear, fragmentada, com recurso a analepses ou prolepses?
- **Simbolismo e intertextualidade**: Há elementos simbólicos? Referências a outras obras?
- **Impacto no leitor**: Que sensações provoca? Tem algo de universal ou particular?

c. Avaliação

- Compara com outras obras do mesmo autor ou do mesmo género.
- Aponta pontos fortes e fracos da obra (de forma fundamentada).
- Reflete sobre a relevância da obra: por que vale a pena (ou não) lê-la?

d. Conclusão

- Retoma a tese e resume os principais argumentos.
- Finaliza com uma frase de impacto ou sugestão de leitura.

UAU...

3. Dicas práticas

- **Evita spoilers**, a não ser que estejas a escrever uma crítica académica.
- **Sê honesto**, mas respeitoso. Criticar não é atacar.
- Usa **exemplos do texto** para sustentar as tuas ideias.
- Adapta o **nível de linguagem** ao público-alvo: académico, jornalístico, blogues, redes sociais...

Exemplo de fórmula-base

Em "[título]", [autor] constrói uma narrativa intensa e poética sobre [tema]. Através de uma linguagem [característica], personagens [adjetivos], e um enredo [característica], o autor provoca uma reflexão sobre [tema/questão]. Embora [possível limitação], a obra destaca-se por [mérito principal], tornando-se uma leitura [veredito final].

Modelo clássico e equilibrado

"[Título]" de [Autor] é uma obra que se destaca pela forma como aborda [tema principal], conjugando uma linguagem [adjetivo, ex.: lírica, crua, acessível] com uma construção narrativa [qualidade: coesa, fragmentada, inovadora]. As personagens revelam-se [profundas/simbólicas/arquetípicas], contribuindo para uma leitura que convida à reflexão sobre [tema(s)]. Apesar de [eventual limitação], a obra merece destaque no panorama da literatura [género ou nacionalidade], quer pela sua atualidade, quer pela força estética que a sustenta.

Modelo pessoal e subjetivo

Ao ler "[Título]", senti-me [reação emocional: comovido/inquieto/inspirado]. A forma como [Autor] escreve — com [estilo: delicadeza, irreverência, intensidade] — fez-me mergulhar num universo onde [tema ou conflito central]. A personagem [nome] foi, para mim, o ponto alto da narrativa, pela forma como representa [ideia ou valor]. Nem tudo me convenceu: [referência a algo menos conseguido]. No entanto, a leitura ficou a ecoar, como só os bons livros conseguem.

Modelo argumentativo e comparativo

"[Título]", publicado em [ano], insere-se numa tradição literária que inclui obras como [outra obra ou autor]. No entanto, [Autor] distingue-se ao propor uma visão singular sobre [tema].



UAU...

A construção do narrador, a estrutura do enredo e o simbolismo de certas imagens (como [exemplo]) revelam uma escrita madura e intencional. Embora alguns momentos pareçam excessivamente [adjetivo: explicativos/lentos], a obra revela uma profundidade que a torna recomendável a leitores interessados em [área de interesse].

Modelo breve e direto (ideal para blogs ou redes sociais)

Um livro comovente e inquietante: "[Título]", de [Autor], leva-nos a refletir sobre [tema] sem nunca cair no didatismo. A escrita é [adjetivo: envolvente, cortante, subtil], e as personagens parecem saltar da página. Ideal para quem procura uma leitura que emociona e faz pensar.

Modelo académico

"[Título]", da autoria de [Autor], representa um marco na literatura [género ou nacionalidade], não apenas pela sua temática — [tema] —, mas também pelo rigor técnico e estilístico da sua construção. O recurso ao [elemento literário: narrador homodiegético, intertextualidade, fluxo de consciência, etc.] confere à obra uma densidade que convida a múltiplas leituras. A análise da personagem [nome], em particular, revela um arco de desenvolvimento que espelha [conflito interior/social]. Este estudo pretende demonstrar como a obra articula [tema] com [técnica narrativa], contribuindo para o debate contemporâneo sobre [questão].

João Manuel Ribeiro



Falámos com... **ARMANDO REQUEIXO**

Armando Requeixo, nascido a 14 de junho de 1971, é investigador, professor e crítico literário galego.

Investigador e secretário do Centro Ramón Piñeiro para a Investigación en Humanidades, é também professor na Universidade de Santiago de Compostela, catedrático de Língua Galega e Literatura do Ensino Secundário e coordenador de atividades e publicações da Casa-Museu Álvaro Cunqueiro.

A 28 de fevereiro de 2014 defendeu a sua tese de doutoramento, *A poesia em galego de Xosé María Díaz Castro: Estudo e edição crítica*, orientada por Carmen Blanco e Claudio Rodríguez Fer. Ensaísta e tradutor, é membro da Associação de Escritoras e Escritores em Língua Galega e da Associação Galega da Crítica, presidente da ELOS (Associação Galego-Portuguesa de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil), membro do LITER21 (Grupo de Investigação em Literatura Galega, Literatura Infantil e Juvenil, Investigações Literárias, Artísticas, Interculturais e Educativas), membro da LIXMI (Rede Temática de Investigação em Literatura Infantil e Juvenil do Espaço Ibérico e Ibero-americano) e pertence às direções do Foro Galicia Milenio e da SIFA (Sociedade Interuniversitária de Filosofia). Recebeu várias distinções pelo seu trabalho como crítico, investigador e tradutor literário.



SOBRE O PERCURSO E FORMAÇÃO

Como nasceu o seu interesse pela crítica literária?

Quando era adolescente, no liceu, dei-me conta de que lia de modo diferente aos meus colegas. Não só queria saber o que, queria conhecer o como e o porquê. Acho que aí comecei a perceber que me interessava estudar as minhas leituras mais em profundidade.

Que papel teve a literatura galega na sua formação pessoal e profissional?

Foi fundamental. A literatura galega atraiu-me desde muito novo como leitor. E depois quis analisá-la a fundo, por isso estudei Filoloxía Galega na Universidade de Santiago. Ainda que, para ser sincero, aprendi tanto fora da Faculdade como dentro, porque me interessei por muitos outros espaços e dinâmicas nos que a literatura se desenvolveu sempre, territórios que estão além dos impermeáveis muros universitários.

Há alguma leitura marcante na sua infância ou adolescência que o tenha conduzido até à crítica?

Lembro-me de ler no último curso do liceu uma obra de Umberto Eco que para mim foi marcante. O livro intitulava-se originalmente em italiano *Como si fa una tese di laurea* (1977), mas eu li numa tradução ao castelhano publicada pela editora Gedisa em Barcelona nos anos oitenta que já tinha o título de *Como se hace una tesis*, com um subtítulo revelador: *Técnicas y procedimientos de estudio, investigación y escritura*.

SOBRE O TRABALHO DE CRÍTICO

Como define o papel de um crítico literário no contexto atual da Galiza?

Um crítico literário galego é um impossível. É um sonhador que tem a convicção de que o seu trabalho pode ser útil a uma sociedade que tem uns índices de leitura muito baixos em geral e ainda mais baixos em galego, mas que possui uma fé e um sentido de servir à nobre causa da arte da palavra de uma cultura milenária. Essa fé é a que obra o milagre de converter o impossível em possível.

Quais são, para si, os maiores desafios da crítica literária nos nossos dias?

Superar o tsunami mediático e social que despreza as análises fundamentadas e prefere pseudocomentários nas redes sociais de influencers sem formação nenhuma que banalizam tudo.

Como lida com a subjetividade ao avaliar obras tão diferentes entre si?



A objetividade absoluta na consideração das obras literárias é um unicórnio branco. Agora bem, o dever dum bom crítico é tentar que a subjetividade seja quase um resíduo impercetível. Se a subjetividade se faz notória, então o julgamento do crítico deixa de ter valor.

Considera que a crítica ainda influencia o percurso de um livro ou de um autor?

Acho que sim. Explico-me: se um livro recebe um prémio outorgado pelos críticos, por exemplo, essa obra imediatamente ganha para o público leitor um prestígio acrescentado.

Por outra parte, os escritores, ainda que o neguem, leem as críticas e preocupam-se se estas são negativas. E ainda se preocupam mais se ninguém os comenta.

SOBRE LITERATURA GALEGA

Como avalia o estado atual da literatura galega, especialmente a destinada ao público jovem?

A literatura infantojuvenil galega está a viver uma época dourada. Se um revê os grandes prémios do estado espanhol para obras em castelhano, catalão, basco e galego descobrirá logo que os nossos autores ganharam nos últimos anos em várias ocasiões o Prémio Nacional de Literatura Infantil, mas também muitos outros prémios muito prestigiosos em Espanha, como o Prémio Lazarillo, o Prémio Edebé ou o Prémio Barco de Vapor, entre outros.

Além disso, os livros de alguns escritores galegos são traduzidos quase imediatamente para diferentes línguas, não só da Espanha, mas também do resto da Europa e inclusive de outros continentes.

É frequente ver obras de autores da Galiza em inglês, francês, italiano e inclusive alguns em português.

Que autores galegos considera indispensáveis para quem está a começar a conhecer essa literatura?

É muito difícil responder, porque há um grupo não pequeno de autores destacados só nos últimos trinta ou quarenta anos. Mas, para resumir e cingindo ao âmbito da literatura infantojuvenil, acho que entre os clássicos modernos são referências as figuras de Agustín Fernández Paz, María Victoria Moreno e Xabier P. Docampo, já desaparecidos, e os autores, ainda em ativo, Paco Martín, Fina Casalderrey, Xosé Antonio Neira Cruz, Paula Carballeira, Leticia Costas, Carlos Labraña, Xoán Neira, Antonio García Teijeiro e Ánxela Gracián, estes dois últimos, por certo, publicados recentemente em Portugal pela editora Trinta por uma Linha.

Que tendências literárias observa na nova geração de escritores galegos?

Para mim, hoje, na literatura infantojuvenil galega, aposta-se muito em encher espaços sistémicos que até agora ficaram quase vazios. Assim, para além dos livros de narrações de aventuras e imaginação de toda a vida, são frequentes obras sobre problemáticas sociais como o bullying, a imigração ou a discriminação de género, além de outras apostas de ampla aceitação leitora como o romance histórico, de intriga, de terror ou de ficção-científica e, claro está, a poesia e o teatro.

SOBRE O SEU TRABALHO COMO DIVULGADOR

Como é o processo de seleção das obras que comenta?

São poucos os críticos da Galiza que comentam todos os géneros: narrativa, poesia, teatro e ensaio, o que faz com que, em princípio, qualquer texto de valor possa receber a minha atenção. O meu critério é sempre a excelência literária: entre as muitas novidades editoriais, escolho aquelas que, no meu entender, destacam pela sua originalidade estrutural, perfeição formal e interesse temático.

Qual é o texto crítico de que mais se orgulha — e porquê?

Não sou capaz de escolher só um. Acho que podem ser interessantes investigações que se fixem sobre autores concretos (*Ánxel Fole. Aproximación temática á súa obra narrativa en galego*, 1996; *Xosé María Díaz Castro. Vida e Obra*, 2013; ou *Álvaro Cunqueiro e Mondoñedo*, 2017), sobre literaturas locais da Galiza (principalmente as da minha terra, Mondoñedo, no norte de Lugo: *Escritores mindonienses*, 1988 e *Mondoñedo literario*, 2014), recolhendo comentários críticos (como *Criticalia*, 2011) e, num sentido muito diferente mas para mim muito importante, de divulgação literária, como o recente *Literatura insólita* (2025), no que diz respeito da literatura universal, com alusões à literatura galega, mas também ocasionalmente à portuguesa.

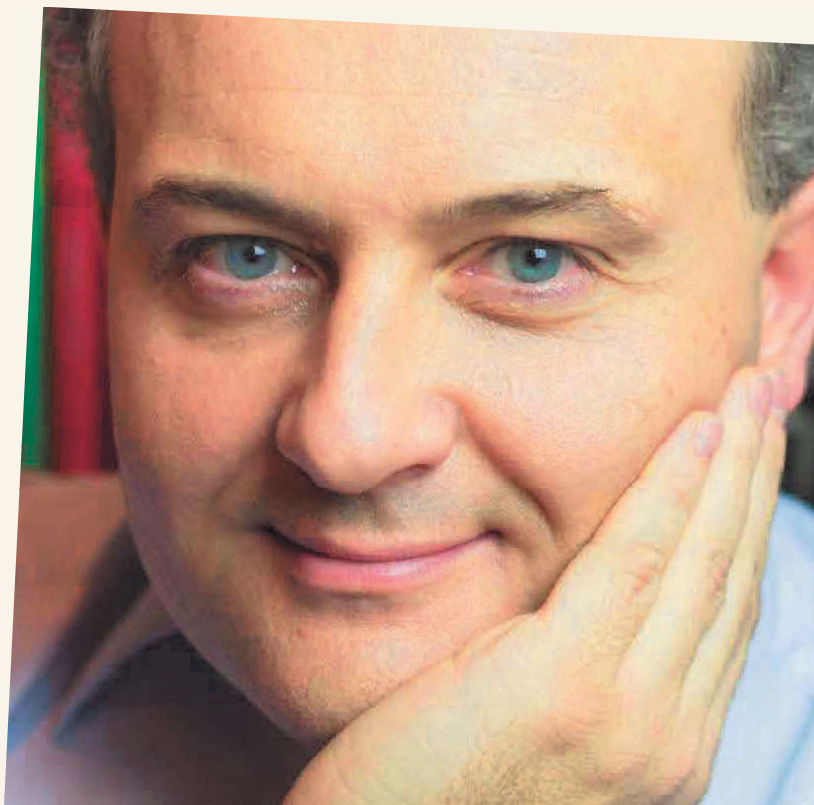
A crítica e a divulgação literária podem caminhar juntas ou devem manter-se separadas?

Podem e devem caminhar juntas. A crítica académica tem uns círculos muito reduzidos e a sociedade precisa dum trabalho de mediação ao qual não acede nessa crítica universitária, por isso é necessária a crítica de mediação, o comentário de livros de novidade que lemos na imprensa e nos meios de comunicação.

SOBRE A RELAÇÃO ENTRE GALIZA E PORTUGAL

Como vê o diálogo literário entre Portugal e Galiza?

A relação literária entre Portugal e a Galiza é complexa. Muitos escritores e intelectuais ao norte e ao sul do Minho estão conscientes dos vínculos históricos que nos unem e vêem com bons olhos que se fomentem os intercâmbios e experiências que nos aproximem, também as traduções dos livros de ambas literaturas. Outra coisa é o que percebem as sociedades. No caso da Galiza, vê-se com normalidade a tradução de textos portugueses e o conhecimento dos seus autores e das suas trajectórias. Mas no caso de Portugal a visão dos escritores da Galiza continua a deixar-se influenciar pelo facto de que são considerados, antes que galegos, espanhóis e por isso não se acaba de perceber bem a necessidade de importar produtos literários escritos em galego quando o mercado espanhol é tão próximo e acessível e tem um prestígio consolidado que interessa em terras lusas.



Que autores portugueses influenciaram ou influenciam a literatura galega contemporânea?

Esta resposta é dificilmente objetivável. Vou responder segundo a minha perceção leitora e o conhecimento que tenho da produção literária dos autores galegos, mas outro colega poderia não estar de acordo ou considerar outras influências como mais importantes.

Eu acho que os escritores infantojuvenis galegos mais destacados leram com proveito vozes relevantes como as de Aquilino Ribeiro, Sophia de Mello Breyner, Ilse Losa, Luísa Ducla Soares, Alice Vieira, João Pedro Mésseder, João Manuel Ribeiro, Manuel António Pina, Jorge Letria, António Torrado, António Mota ou Álvaro Magalhães, alguns deles, por certo, traduzidos para o galego.

Acha que ainda existe um desconhecimento mútuo entre leitores galegos e portugueses?



Como indiquei na resposta a outra pergunta, o desconhecimento mútuo é muito menor entre os escritores que entre as sociedades. Neste último caso, o conhecimento é assimétrico: algo menor, ainda que importante, na Galiza; muito notável em Portugal.

PERGUNTAS FINAIS E MAIS PESSOAIS

Que livro gostaria de ter escrito?

Tenho cinquenta e quatro anos e, com saúde e vontade, acho que ainda estou a tempo de escrevê-lo. Mas, para que não pareça que evito a pergunta, direi que uma extensa biografia sobre Álvaro Cunqueiro, o escritor galego que mais admiro, com licença de Rosalía de Castro e Castelao, com certeza.

Qual é a sua rotina de leitura e escrita crítica?

Leio todos os dias. Não só livros publicados, mas também manuscritos, pois sou júri de muitos prémios. Entre as leituras de livros publicados, faço uma seleção e os escolhidos comento-os nas minhas colaborações semanais nos jornais.

Que conselho daria a jovens que querem dedicar-se à crítica literária?

Paciência, tenacidade, trabalho incansável. Amor pela leitura, julgamento crítico e sorte para achar um espaço ou meio que saiba apreciar o seu esforço como comentaristas.

Pode recomendar-nos um livro galego que tenha lido recentemente e que o tenha entusiasmado?

Honorata e a casa das palavras gardadas, de Ánxela Gracián, publicado pela Trinta-por-uma-linha em galego, mas que logo verá a luz também em português. Uma emocionante história que é, por um lado, um canto à paixão pelos livros e, pelo outro, uma declaração de amor e de solidariedade universais.

João Manuel Ribeiro

Falámos com...

ANA MARGARIDA PINHO

SONHOS DE UMA LEITORA



Quando decidiste criar a conta @Sonhos de uma leitora e porquê?

Já há muitos anos que conhecia o Booktube estrangeiro, e desde a primeira vez que vi pensei: “Uau, eu adorava fazer isto!”. Mais tarde descobri que também havia Booktube em Portugal, mas eu sempre fui muito tímida e retraída, por isso nunca me atrevia a avançar. Foi preciso chegar a pandemia para me dar esse empurrão. As minhas grandes paixões sempre foram ler, falar de histórias e recomendar livros que adorei — o canal acabou por juntar tudo isso num só espaço.

Preferes fazer conteúdo sobre literatura infantojuvenil ou para adultos?

Gosto de equilibrar os dois mundos. Tal como adoro ler literatura infantil, juvenil, jovem adulto e adulta, também adoro recomendá-la. Há livros para todos os gostos e faixas etárias. E uma das grandes vantagens da literatura infantil é que tanto pode ser lida por crianças como por adultos, cada um retirando dela algo diferente.

Para ti, que características são essenciais para que um livro seja um sucesso?

Acho que o conceito de sucesso é sempre relativo. Para mim, um livro de sucesso tem de ser aquele que toca o leitor — seja pela escrita, pela história, pelas personagens ou pelas emoções que desperta. Mas é impossível esquecer que temos todos gostos diferentes: aquilo que para mim é um sucesso pode não ser de todo para outra pessoa, e vice-versa.

Preferes fazer vídeos sobre livros nacionais ou estrangeiros?

O que gosto mesmo é de recomendar livros que me tocaram, independentemente da nacionalidade. Quem me segue sabe que sou uma leitora bastante eclética: leio fantasia, clássicos, ficção histórica, histórias de amor, entre muitos outros géneros. Tenho um carinho especial pela cultura asiática, sobretudo pelo Japão, e nunca digo que não a um bom clássico britânico. Também gosto de dar a conhecer autores portugueses de todas as épocas. A nossa literatura nacional é rica e variada; vale a pena dar-lhe uma oportunidade!

No fundo, fico feliz sempre que posso recomendar um livro que mexeu comigo. As opiniões que mais prazer me dão são precisamente as daqueles livros que adorei.

Tens um autor ou autora preferido(a)? O que faz com que esse(a) autor(a) seja especial para ti?

Esta pergunta é quase impossível de responder para quem, como eu, lê bastante! Não tenho um, mas várias dezenas, todos especiais por motivos diferentes. A J. K. Rowling trouxe-me o Harry Potter, que foi a obra que me fez apaixonar pela leitura. A Jane Austen fez-me amar não só os clássicos ingleses, mas também as histórias de amor e a crítica social. Cada autor que me marcou trouxe algo único — por isso seria muito difícil, se não impossível, escolher apenas um.

Fala-nos de um livro que te encantou.

Mais uma pergunta impossível de responder! Felizmente, todos os anos leio imensos livros que me encantam. Uns pela escrita, outros pela história, outros pela envolvimento... mas todos pela forma como me tocam e pelas emoções que me transmitem. É essa diversidade que torna a leitura tão especial.



Qual foi o livro que mais te desiludiu e porquê?

Felizmente, não tive muitas desilusões literárias. Vou acompanhando recomendações e tento perceber se o livro é para mim antes de pegar nele. Mas admito que, quando a desilusão acontece, normalmente deve-se a expectativas demasiado altas. Às vezes um livro é muito falado e elogiado, mas depois de o ler sinto que não corresponde ao entusiasmo geral. Para mim, uma grande desilusão é quando a história tem potencial, mas não é bem explorada — ou quando espero encontrar algo que, afinal, não está lá.

Quais são, na tua opinião, os erros mais comuns que os escritores cometem?

É uma pergunta difícil, mas talvez o maior erro seja a falta de revisão e de edição. Há escritores que publicam sem terem apoio editorial ou alguém que os ajude a rever, e isso pode comprometer muito o resultado final. Quando pegamos num livro e encontramos gralhas ou erros que poderiam ser facilmente corrigidos, é uma pena. Uma boa revisão faz toda a diferença.

Explica-nos o teu processo de seleção de livros para criação de conteúdo em vídeo.

Não tenho um processo de seleção de livros, mas sim uma enorme lista de livros que quero ler. Vou escolhendo o que me apetece e aquilo que me chama. Além disso, adoro participar em desafios lançados por colegas do Booktube, que muitas vezes me levam a ler coisas que não escolheria sozinha. Também recebo recomendações dos meus subscritores e tento acompanhar os novos lançamentos. Resultado: a minha lista de leituras nunca mais acaba — mas acho que isso é um ótimo problema para se ter!

Que conselho(s) darias aos novos escritores de literatura infantil e/ ou juvenil?

Diria para tentarem escrever de forma a tocar quem lê. Esse é sempre o maior segredo de um bom livro. E não tenham medo de escrever para leitores um pouco mais crescidos. Muitas vezes associamos literatura infantojuvenil apenas a livros que os pais leem em voz alta aos filhos, mas há também aquele momento mágico em que as crianças começam a ler sozinhas e encontram livros feitos exatamente para a idade delas. E isso é maravilhoso.

Já pensaste em escrever um livro ou fazer um vídeo sobre como falar dos livros que nos encantam?

Já pensei em fazer alguns vídeos sobre os meus processos de escrita e de publicação — quem sabe se não surgirão em breve. Seria um bocadinho de backstage de escritora. Mas nunca pensei em fazer um vídeo sobre como falar de livros, porque o que funciona sempre é sermos genuínos.

Cada pessoa tem a sua forma de transmitir entusiasmo, e é isso que nos faz criar ligação com quem está do outro lado. O meu “modelo” não resultaria para mais ninguém. Quanto a escrever um livro sobre o tema... é uma boa ideia, mas atualmente sou mais feliz na ficção.

Lucinda Cunha



Falámos com...

PAULINHA SILVA

PERLIMPIMPIM

Paulinha Silva Perlimpimpim tem vindo a construir uma ponte entre o mundo da educação e o da literatura infantil. Educadora de infância, mãe e apaixonada por livros, partilha nas suas plataformas — do Instagram ao YouTube — sugestões de leitura que inspiram famílias e educadores a descobrir o prazer dos livros desde cedo.

Como concilias o teu papel de educadora de infância com a curadoria dos livros que partilhas no Instagram e no YouTube? Por exemplo, como escolhes entre livros puramente educativos ou mais recreativos para crianças.

Conciliar acaba por ser natural, porque os livros que partilho são muitas vezes os mesmos que levo para a sala. Uns mais educativos, outros só pelo prazer da história e do riso. Acho importante haver esse equilíbrio, mas também ter sempre em conta os interesses das crianças. Quando elas se reveem num livro, a leitura ganha outra força. Enquanto educadora tenho sempre que considerar a faixa etária dos grupos e adequar as leituras a esse fator, não é o mesmo ler para uma sala de três anos ou para crianças prestes a ir para o 1.º ciclo.



Como mãe e educadora, que características valorizas nos livros que promove?
Seja pela qualidade das ilustrações, mensagem pedagógica ou inclusão de atividades — vês algum padrão?

Para mim, o que conta é a autenticidade. Ilustrações bonitas, textos que façam sentido e mensagens que acrescentem sem serem forçadas. Mas também olho muito para aquilo que desperta a curiosidade das crianças (se são sobre dinossauros, animais, emoções...) porque o livro só ganha vida se for ao encontro do que elas querem explorar.

A tua comunidade é bastante ativa. De que forma envolves pais e crianças nas tuas publicações e sugestões?
Como estimulas essa interação — perguntas, quizzes, desafios de leitura?

Gosto muito de envolver as famílias, porque sinto que a leitura acontece mesmo é em casa. Muitas vezes são as próprias crianças que pedem aos pais os livros que explorámos na sala, e isso cria uma ponte natural entre a escola e o lar. Quando um livro desperta essa vontade, acaba por envolver toda a família na sua descoberta. Às vezes lanço perguntas ou pequenos desafios, mas acredito que é nesse movimento espontâneo das crianças que a leitura se torna verdadeiramente partilhada.

Podes contar-nos uma história marcante em que um livro sugerido por ti tenha criado um momento especial entre uma criança e os pais?

Lembro-me bem de uma mãe que me contou que, depois de um livro que sugeri, a filha pediu para o ler todas as noites. Passou a ser o momento delas antes de dormir. E acho que é isso que me motiva: perceber que um livro pode criar memórias afetivas que ficam para sempre.

Tens uma presença ativa no YouTube e és afiliada da Wook — como funciona esse processo de parceria?
Falas dos livros no Instagram, depois no canal, e respetivo link para compra? Como planeias esse fluxo?

O meu canal de YouTube nasceu na altura da pandemia, mas desde o início gravei com gosto, com vontade de envolver as crianças e levar-lhes a magia das histórias, mesmo à distância. Foi algo que fiz por prazer, porque acredito no poder de uma boa leitura para criar momentos especiais. Hoje estou mais dedicada à página de Instagram, mas o objetivo é o mesmo: levar a literatura infantil para mais perto de famílias e crianças.



Tenho muita vontade de voltar a gravar para o YouTube, quando conseguir conciliar com tudo o resto, e continuar a partilhar histórias de forma genuína e acolhedora. Além disso, sou afiliada Wook, o que significa que tenho um link que permite a quem compra livros através dele apoiar o meu trabalho sem qualquer custo adicional. Confesso que me esqueço muitas vezes de o utilizar, mas é uma forma simples de manter este projeto vivo e continuar a levar histórias às crianças.

**Como imaginas o futuro do *bookstagram* e literacia infantil em Portugal?
Quais são os maiores desafios e oportunidades — sobretudo pós-pandemia e com mais leitura em casa?**

Acredito que o futuro da literacia infantil em Portugal tem muito potencial. As famílias estão cada vez mais despertas para a importância de ler desde cedo. O grande desafio é manter a leitura como parte da rotina, mesmo quando o dia é cheio. Mas vejo aí uma oportunidade enorme: mostrar que ler não é só aprender, é rir, imaginar, criar memórias juntos. Além disso, hoje em dia temos cada vez mais ofertas de qualidade na literatura infantil, com autores e editoras que realmente respeitam o olhar da criança. Isso é inspirador, porque significa que nunca houve tantas histórias boas disponíveis para ajudar a formar leitores felizes e críticos.

João Manuel Ribeiro



Falámos com...

A leitura é uma parte essencial da vida de quem escreve. Susel Pereira Gaspar e Maria Isabel Brandão Gonçalves inserem-se nesse grupo. Com esta entrevista, pretendemos conhecer melhor os seus hábitos, preferências e motivações de leitura, bem como o papel que a leitura desempenha no seu percurso como autoras.

Entrevista a Susel Gaspar

Antes de mais, podes apresentar-te, em poucas palavras?

Olá. Antes de tudo, muito obrigada pelo convite! É uma honra participar neste número da revista *A Casa do João*.

Chamo-me Susel. Tenho um nome que se ouve mais no sul do país e que, a norte, costuma soar um bocadinho estranho. De facto, nasci e cresci no Algarve, mas sou quase meia alentejana, pois, quando casei, há mais de vinte anos, fui viver para uma lindíssima vila do Baixo Alentejo- Mértola.

Sou professora de Educação Especial, mas há cinco anos exerço funções como professora bibliotecária. Assim, consigo estar mais próxima dos livros e das histórias, da leitura e da sua promoção junto dos mais novos, o que me dá muita alegria. Aprecio as coisas simples da vida: estar com as pessoas de quem gosto, ler, fazer caminhadas...

Também adoro viajar, observar o mundo e ouvir histórias de vida, de lugares, de lendas. Aliás, uma das minhas primeiras memórias é o meu pai a contar-me histórias tradicionais que ele próprio tinha ouvido em pequeno: *O Tourinho Azul*, *O Baguinho de Milho*, entre outras.

Em que formato costumás ler mais?

Prefiro, sem dúvida, o livro em formato físico. Gosto de sentir o cheiro, o toque, o folhear do papel. E gosto de ler com um lápis na mão: sublinho frases, faço pequenas anotações, comentários, e até dobro os cantos de algumas folhas, para depois encontrar mais facilmente certas passagens.

Depois de lidos, os meus livros nunca ficam imaculados — alguns estão cheios de post-its! Por isso, raramente peço livros emprestados ou os requesito na biblioteca, porque esses não posso anotar nem dobrar as suas folhas.



Tenho um *e-reader* e até já li alguns livros nele, mas não me consigo habituar. Não é igual. Sinto que não nos ligamos à escrita do autor da mesma forma. Em viagem, sim, são muito úteis. Com tão pouco peso conseguimos levar os livros que quisermos.

Ainda não experimentei audiobooks, mas tenho curiosidade. Quando estou a fazer algo mais manual, ou a caminhar, costumo ouvir podcasts. Não é exatamente o mesmo, claro, mas acho que a envolvimento que uma voz consegue proporcionar pode ser muito interessante para a nossa imersão na escrita do autor. E, claro, poupa-nos tempo, pois conseguimos fazer duas coisas em simultâneo.

Como costumavas escolher um livro? O que mais influencia a tua decisão?

Sempre que posso, gosto de deambular por uma livraria, a descobrir novos livros ou a confirmar se alguma recomendação que me fizeram vale mesmo a pena. Uma capa apelativa chama logo a atenção, mas é, muitas vezes, a curiosidade por um título que me leva a ler a sinopse ou a folhear umas páginas para ler um ou outro parágrafo. Muitas vezes, escolho também por sugestão de alguém próximo ou por causa de uma boa crítica que li ou ouvi algures.

Sigo ainda algumas páginas nas redes sociais ligadas à literatura e à divulgação de livros, e vários podcasts, como o *Ponto Final*, *Parágrafo*, de Magda Cruz; *O Poema Ensina a Cair*, de Luiza Neto Jorge; *Conversas Para Ler*, da Antena 1; ou o *Dá-me Livros!*, da RTP (Zig Zag), entre outros. Há sempre sugestões interessantes, que às vezes acabo por ter em conta.

Por vezes, escolho também porque já conheço o autor, como aconteceu com o último livro que adquiri, *O Último Avô*, de Afonso Reis Cabral. Já tinha lido outro livro dele e, como gostei muito da sua escrita, resolvi comprar este sem qualquer recomendação em particular.

Há algum ritual ou hora do dia que torne a leitura mais especial para ti?

Gosto sempre de ler com um lápis na mão, como já disse anteriormente... Costumo ler à noite, antes de me deitar. No verão, adoro ler na praia, à beira-mar, com os pés na água quentinha do Algarve, a sentir a brisa e a ondulação.

Há uns anos, gostava muito de ler enroscada no sofá, mas desde que comecei a usar óculos com lentes progressivas tenho de manter uma postura mais direita para conseguir focar bem. Mas qualquer hora é boa para ler. Já aconteceu interromper o que estava a fazer só para ler mais um bocadinho, quando o livro é mesmo cativante.



Um final que me surpreenda. Aquele uau! que nos deixa sem palavras.

Leio em qualquer lugar, não preciso de silêncio absoluto. Consigo abstrair-me, esteja num transporte público ou na sala de espera de um consultório. E, confesso, até gosto de ler na casa de banho!

Tens algum género literário preferido ou que lês mais?

Gosto muito de ler romances. Talvez pela possibilidade de me rever em algumas personagens e de me deixar levar pela emoção e pelas surpresas que o enredo vai desvendando. Fascina-me, também, a forma como cada narrativa é construída e apresentada. Ultimamente, também tenho procurado ler biografias. Há histórias de vida verdadeiramente fascinantes, e eu gosto de as conhecer, de as enquadrar e de tentar compreender.

Que tipo de final preferes num livro?

Um final que me surpreenda. Aquele uau! que nos deixa sem palavras. Ou então, um final que me faça recostar no sofá, agarrada ao livro, a pensar, por instantes, no desfecho da história, independentemente de ser feliz ou triste, fechado ou mais aberto.

E há, ainda, o final que não queremos que chegue, quando o livro é tão maravilhoso que atrasamos ao máximo o momento de o terminar. Então, começo a ler mais calmamente, para poder desfrutar a sua leitura por mais tempo...

Há algum livro que não tenha correspondido às tuas expetativas? Porquê?

Sim, alguns. Há uns anos, lembro-me, por exemplo, de não ter conseguido ler *A Montanha Mágica*, de Thomas Mann. Achei o ritmo da narrativa muito lento e entrecortado por reflexões que se desviavam da ação. Por isso, apesar de ser um romance muito reconhecido, para mim, na altura, a leitura tornou-se enfadonha. Desisti e nunca mais voltei a tentar. Se a leitura não estiver a ser prazerosa, acho que não devemos insistir.

Quando era mais nova, também não gostava de ler Saramago; achava a sua escrita muito confusa. Agora adoro! Já entendo melhor as suas metáforas, o seu tipo de linguagem e o seu modo de pontuar, que nos obriga a uma interação mais profunda com o texto. Acho que tem a ver com a nossa evolução enquanto leitores...

Se pudesses ir tomar um café com um(a) autor(a) que admires, quem escolherias e que questão gostarias de lhe colocar?

Tomaria café com a J.K. Rowling, para tentar perceber tudo sobre o seu processo de escrita e as suas fontes de inspiração e de pesquisa. Gostava de lhe perguntar como conseguiu criar um universo fantástico tão vasto e coerente, com personagens que nos prendem, encantam e nos fazem imergir no mundo mágico da infância.

Tens algum livro que tenha marcado a tua vida ou mudado a tua forma de pensar? Porquê?

Não, não me lembro de nenhum livro que me tenha tocado de forma tão intensa. Mas, há muitos anos, quando ainda andava no ensino secundário, fiquei um pouco assustada com a leitura de *1984*, de George Orwell, com todo aquele poder absoluto, a manipulação, a vigilância, o pensamento único... Lembro-me de ficar a pensar: será que isto poderá algum dia acontecer no meu país? Fez-me ficar mais alerta, apurou o meu sentido crítico. E hoje vejo que são preocupações muito atuais.

O tempo passa demasiado depressa para toda a panóplia de tarefas e distrações do nosso dia a dia



Entre os livros que leste, há algum que gostarias de ter escrito?

Sim, vários! Na área da literatura para crianças e jovens, que é onde se situa a minha escrita, não me importava nada de ter sido eu a escrever alguns deles.

Para os mais novos, *Onde Vivem os Monstros*, de Maurice Sendak; *Flicts*, de Ziraldo; e *O Cuquedo*, de Clara Cunha. Não conheço nenhum livro que entusiasme tanto os mais pequenos como este último. E, para os mais crescidos, adorava ter criado o universo fantástico de *Harry Potter*, da J.K. Rowling.

O que mais te impede de ler tanto quanto gostarias?

O tempo. O tempo passa demasiado depressa para toda a panóplia de tarefas e distrações do nosso dia a dia, tanto profissionais, como pessoais. Às vezes, tenho inveja das pessoas que não precisam de dormir tantas horas como eu... Se não tivesse de descansar sete ou oito horas por noite, ganhava tempo para ler e para escrever.

Costumas emprestar ou recomendar livros a outras pessoas? Qual o último que indicaste (se for o caso)?

Não tenho o hábito de pedir livros emprestados, porque gosto de fazer anotações, mas costumo emprestar os meus (ainda que com alguns desgostos ou esquecimentos pelo caminho). Também gosto de conversar com pessoas próximas sobre as leituras que estamos a fazer.

Em termos pessoais, o último livro que recomendei foi *Nem Todas as Árvores Morrem de Pé*, de Luísa Sobral, que li recentemente. Como professora bibliotecária, dou sugestões de leitura todos os dias, de acordo com os interesses e os projetos dos alunos. Nos últimos dias, por exemplo, recomendei *Mulherzinhas*, de Louisa May Alcott, a uma aluna do 3.º ciclo, e mostrei a outros o livro *Zoom*, de Istvan Banyai, que foi recentemente adquirido pela biblioteca escolar.

Que papel consideras que a leitura tem no teu processo criativo como escritora? Alguma leitura já inspirou diretamente alguma personagem ou história tuas?

Tem um papel essencial. A leitura e a escrita não vivem uma sem a outra, e não é possível escrever bem sem se ter hábitos de leitura. Através da leitura, contactamos com diferentes tipos de narrativa, várias perspetivas de narrador e técnicas de escrita distintas das que usamos. Com os livros, enriquecemos o vocabulário, a criatividade e o sentido crítico, ou seja, a leitura alarga e enriquece o nosso mundo e ajuda-nos a encontrar o nosso próprio caminho. A leitura é fundamental, mesmo.

Não sei dizer se alguma leitura específica, ou algum livro em particular, já me inspirou diretamente na criação de uma personagem ou de uma história... Mas, agora que penso nisso, talvez a leitura de algumas biografias, nos últimos anos, me tenha conduzido à escrita de *Kapa Quê, João?* Na verdade, a história retratada nesse livro tem um forte cariz biográfico, pois inspira-se na infância e na juventude de um grande desportista português.

Que livro achas que os nossos leitores não deveriam perder, e porquê?

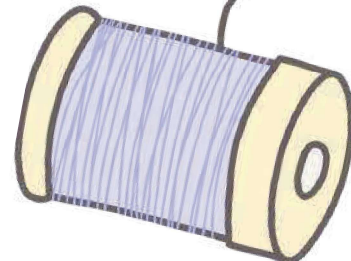
Acho que não deveriam perder *Um Poema para Curar os Peixes*, de Jean-Pierre Siméon. É uma leitura deliciosa para os mais novos, sobre a procura de uma resposta e a descoberta de coisas novas. A história tem a simplicidade da infância, envolta em curiosidade e empatia, e lembra-nos a importância das palavras. Vão gostar, tenho a certeza.

OBRIGADA PELA TUA PARTICIPAÇÃO!

Entrevista a Isabel Gonçalves

Antes de mais, podes apresentar-te, em poucas palavras?

Eu costumo dizer que sou filha, esposa, mãe, professora, escritora e aprendiz; e tenho muitos interesses: gosto de ler, escrever, viajar, meditar, contemplar a natureza e as pessoas, de estar com a família e amigos, de experimentar receitas novas, de cuidar da horta, de costurar, de fazer croché. Gosto de desafios e de aprender. A leitura primeiro, a escrita depois, são uma paixão e têm sido muito importantes ao longo da minha vida. Parece um clichê (risos) mas é a verdade. E também costumo dizer: *Gatão de Cepelos*, *Vale de Cambra* é a terra que me viu nascer e *Arouca* a terra que tão bem me acolheu.





Em que formato costumas ler mais?

Livro físico.

Como costumas escolher um livro? O que mais influencia a tua decisão?

Depende se é um livro infantil ou para adultos. Mas focando-me nos infantis, que são os que mais compro, a capa e o título são os aspetos nos quais reparo em primeiro lugar. Também gosto muito de ler as sinopses, de folhear, de ver as ilustrações e o desenho gráfico. Quando um livro é referido e/ou explorado numa formação, ou num clube de leitura, ou em entrevistas e palestras, etc, e me chama a atenção, vou à procura ou compro. E claro, gosto de ouvir e de ler as críticas especializadas, mesmo sabendo que têm sempre o cunho pessoal de quem as faz.

Fico atenta às novidades dos autores e das editoras de que gosto e que vou acompanhando, mesmo consciente de que não irei gostar de todos os livros desses autores e/ou editoras. Às vezes acontece não gostar. É normal (risos).

Ultimamente, porque estou a fazer uma pós-graduação em biblioterapia, fico mais atenta ao diálogo entre o texto e a ilustração, às metáforas, às várias camadas do livro, àquilo que não é dito...

E procuro conhecer livros muito diversos: livros temáticos, de poesia, de teatro; livros para pensar, livros para divertir...

Há algum ritual ou hora do dia que torne a leitura mais especial para ti?

Há. Gosto de ler antes de dormir e tenho pilhas de livros à cabeceira (risos). Começo por ler um ou dois poemas, depois passo para outro livro, que pode ser informativo ou de ficção, infantil, juvenil ou para adultos e, se o sono ainda me deixar (risos), termino abrindo um livro técnico para ler qualquer coisita (risos).

Gosto de ler depois do almoço, também com uma certa sequência: um livro infantil, um conto, uma crónica, um capítulo de um romance e um bocadinho de um livro técnico. Em tempo de aulas não tenho tempo para fazer isso, pois essas leituras todas dariam para metade da tarde (risos). Só consigo fazê-lo nas férias.

E tenho uma mania, já há muitos anos, que é ler um livro de BD Disney, todos os verões, sempre que possível na praia. Quem quiser saber mais sobre esta mania pode ler o artigo no meu blogue: <https://isabelgoncalves.pt/manias-de-uma-leitora-nas-ferias/>

Tens algum género literário preferido ou que lês mais?

Eu gosto de ler de tudo um pouco, e leio de tudo um pouco, mas tenho uma predileção pelas narrativas tradicionais, pelos mitos, pelas lendas... A culpa é da minha mãe e de uma velhinha da minha aldeia, que me contavam histórias à lareira.

Que tipo de final preferes num livro? (aberto, surpreendente, feliz, trágico...)

Gosto de finais surpreendentes, daqueles que nos fazem soltar um ah!, e ficar de boca aberta, e que deixam margem para o leitor tirar as próprias conclusões (que podem ser diferentes de leitor para leitor) e quando isso acontece, é muito bom. E permitem um trabalho de mediação muito interessante. Quando penso em livros, penso automaticamente em crianças, em leitura em família e na escola. São efeitos colaterais da minha infância, da minha profissão e da minha paixão pelos livros (risos).

Há algum livro que não tenha correspondido às tuas expectativas? Porquê?

Há vários, e até de autores com nome na praça, mas prefiro não falar sobre esses, porque é apenas a minha opinião, e vale o que vale. Gosto muito mais de falar de livros que me surpreenderam pela positiva.

Se pudesses ir tomar um café com um(a) autor(a) que admires, quem escolherias e que questão gostarias de lhe colocar?

Essa é uma daquelas perguntas difíceis, porque gosto de muitos autores...

Mas posso apontar dois, um morto e um vivo (risos): comecei a ler Ferreira de Castro há poucos anos – é a velha questão: não se valoriza o que temos mesmo ao nosso lado (risos) – e se pudesse, perguntava-lhe por que motivo nunca escreveu um livro para crianças. Agora o vivo... é difícil escolher... admiro tantos... portugueses e estrangeiros..., mas vou escolher um da Trinta-por-uma-linha (risos) – José Vaz – e perguntar-lhe-ia qual é o melhor conselho que poderia dar a alguém que está a iniciar uma possível carreira de escritor. Eu já estive à conversa com o José Vaz, mas ainda não lhe fiz a pergunta. (risos).

Tens algum livro que tenha marcado a tua vida ou mudado a tua forma de pensar? Porquê?

Há muitos livros que me marcaram de alguma forma, mas aqueles que mais me marcaram foram, sem dúvidas, dois livros de contos tradicionais oferecidos pela minha madrinha, num Natal (eu era muito pequena, ainda não sabia ler). Marcaram-me mesmo muito! Ainda os guardo, já muito velhinhos, todos rabiscados [acho que o hábito de rabiscar nos livros vem dessa altura (risos)], e trazem-me memórias e sensações muito boas, de cada vez que lhes pego: o aconchego do lar, a lareira, a voz da mãe a ler, as histórias, as ilustrações, as cores, o cheiro dos livros (fico arrepiada e emocionada sempre que falo do assunto). Foram livros ouvidos, lidos e relidos vezes sem conta, e de cada vez que os lia, descobria algo novo. E ainda descubro.

Os livros e as pessoas que nos contam histórias na infância deixam marcas para a vida!

Entre os livros que leste, há algum que gostarias de ter escrito?

Ui! Então não há! (risos)... Mas acho que não vou responder (risos).

O que mais te impede de ler tanto quanto gostarias?

É a falta de tempo, sem dúvida. Claro que podemos sempre dizer que é uma questão de prioridades e de organização. E também é. Mas quando temos horários a cumprir e questões profissionais para dar resposta, só podemos contar com o tempo que sobra (risos). Vou tentando equilibrar os meus interesses com a profissão, mas tenho de ler todos os dias, nem que seja apenas meia dúzia de linhas (risos).

Costumas emprestar ou recomendar livros a outras pessoas? Qual o último que indicaste (se for o caso)?

Sim, empresto muitas vezes. Recomendar, só (quase sempre) quando se proporciona dar a minha opinião, ou quando alguém mo pede. Gosto mais de falar sobre livros do que recomendar livros. E acho que falar com entusiasmo de um livro é a melhor forma de o recomendar.



Que papel consideras que a leitura tem no teu processo criativo como escritora?

Alguma leitura já inspirou diretamente alguma personagem ou história tuas?

Eu tenho um hábito, mais um (risos), que é escrever nas guardas ou nas páginas iniciais dos livros: escrevo números das páginas, apontamentos, notas, frases bonitas. E pelo miolo adiante sublinho e escrevo notas nas margens. É o tal hábito de rabiscar que me vem da infância (risos). Quando os livros não são meus, faço esses registos num documento da drive(risos). Depois, quando estou a escrever um livro vou rever esses apontamentos para me inspirar. Por exemplo, o tom que Miguel Torga imprimiu no livro *Bichos* e o de Augustina Bessa-Luis em *A Sibila* inspiraram-me no momento de escrever o livro *A Lenda do Calhau do Tronco* (do projeto «Vale de Tesouros»); não no enredo, como é óbvio, mas na forma de olhar a natureza, nas metáforas, no jogo de palavras... Ah, a ideia do projeto «Vale de Tesouros» nasceu também da leitura de um livro, *A Bicha Moira*, de Maria da Conceição Vicente. Explico tudo também num artigo do meu blogue: <https://isabelgoncalves.pt/vale-de-tesouros-a-ideia/>

Que livro achas que os nossos leitores não deveriam perder, e porquê?

Mais uma pergunta difícil, porque escolher um apenas é muito difícil. Mas posso referir o livro *A árvore generosa*, de Shel Silverstein, pela simplicidade do texto e das ilustrações, e que dizem tanto ao leitor!

OBRIGADA PELA TUA PARTICIPAÇÃO!

Teresa Dangerfield

Falámos com...

RITA GOUVEIA

Rita Matilde Neto Gouveia, 17 anos
Estudante do 12.º ano, na Escola Secundária
Francisco Franco no Funchal

Instagram: @rita_mybooks

([https://www.instagram.com/rita_mybooks?
igsh=MTM1N2N3MnppaDRsbw==](https://www.instagram.com/rita_mybooks?igsh=MTM1N2N3MnppaDRsbw==))

Storygraph (onde atualizo as minhas leituras em
tempo real): @rita_mybooks
(https://app.thestorygraph.com/profile/rita_mybooks)

Qual foi o primeiro livro que te fez apaixonar pela leitura?

Os livros que me fizeram apaixonar pela leitura foram sem dúvida os livros da coleção *Uma Aventura*, da Ana Maria Magalhães e da Isabel Alçada. Inclusive, o meu bookstagram durante um bom período quase só tinha livros dessa coleção, uma vez que li os 62 livros que estavam publicados na altura.

Qual foi o último livro que te deixou presa da primeira à última página?

Estranhamente, foi o primeiro livro de mistério que li em inglês, o *The Naturals*, da Jennifer Lynn Barnes. Não estava à espera de ficar tão agarrada à história deste livro, até porque é o primeiro de uma coleção de quatro livros e foi a minha primeira leitura em inglês neste género e costumo demorar a adaptar-me. Mas mesmo com algumas dificuldades de vocabulário ao início, já sabia que a autora costuma fazer capítulos curtos, o que ajudou não só na questão do inglês, como a deixar-me completamente agarrada à história e a dizer a famosa mentira do “Só mais um capítulo” umas 50 vezes.



Tens um género favorito ou lês de tudo um pouco?

Leio um pouco tudo. Gosto principalmente de romance, fantasia e distopias, mas ultimamente tenho tendido mais para romances para "recuperar" um pouco de leituras mais cansativas que tenho de fazer para a escola, como *O Ano da Morte de Ricardo Reis*.

O que te levou a ser uma bookstagrammer?

Na verdade, quando eu comecei com a página não sabia que existia o bookstagram nem toda uma comunidade de pessoas que criavam conteúdo sobre livros. O meu pai é que me sugeriu criar um blog, mas eu achei que isso não me fazia muito sentido, então decidi criar uma conta no instagram com as fotos dos livros que ia lendo e aquilo que achei. À medida que o tempo foi passando, também fui incluindo coisas diferentes de que me lembrava ou via noutras contas do bookstagram.

Como escolhes os livros que mostras?

Eu mostro na página todas as minhas leituras e, por isso, no fundo a escolha é o que quero ler naquele momento. Podem existir meses em que só leio fantasia e, por isso, as publicações vão centrar-se mais nisso ou meses em que leio menos e por isso faço menos publicações.

Qual é a parte mais divertida de teres um bookstagram?

Para mim, a parte mais divertida é mesmo poder conversar com outras pessoas sobre livros. Porque mesmo tendo amigos leitores, nem sempre gostamos do mesmo tipo de livros.

Online é muito mais provável encontrar alguém que já leu ou está a ler um livro que eu li e poder comentar o que está a acontecer ou ter recomendações de outros livros dentro do mesmo estilo.

Sentes-te valorizada no trabalho que fazes?

Como sempre levei a página muito como um hobby, acabo por não dar tanta atenção a isso, mas claro que é sempre bom ver que as pessoas gostam de acompanhar as publicações ou que ficaram com vontade de ler um livro por minha causa.

Qual foi o livro mais engraçado ou mais estranho que já apresentaste?

Diria que foi o *Frei Luís de Sousa*. Não pelo livro em si, mas sim pela forma como eu o apresentei, com fotos do meu manual de português de 11º ano, já que li a obra na íntegra no manual. Para mim fez todo o sentido, por ter lido a obra graças à escola, mas obviamente não é muito comum no bookstagram e faz esta publicação destoar um pouco do resto.



Se pudesses recomendar só um livro para toda a gente ler, qual seria?

Vou aldrabar um bocadinho e responder com uma trilogia: *O Arco do Ceifador*. É uma distopia que se passa num futuro em que os grandes problemas e dúvidas atuais da humanidade foram resolvidos: já ninguém morre por causas naturais, a inteligência artificial e a tecnologia em geral desenvolveram-se, as regiões são governadas por essa inteligência artificial e já não há corrupção. No entanto, passa a haver um problema de sobrepopulação e, por isso, existem ceifadores, uma profissão que consiste em matar pessoas para que sejam controlados os números da população e tudo continue a funcionar bem.

No primeiro livro (*O Ceifador*) acompanhamos dois adolescentes que são escolhidos por um ceifador para serem seus aprendizes e têm de aprender tudo sobre o que é ser um ceifador.

Acho que é mesmo interessante não só ver como é o processo de se tornar um ceifador e as perspetivas diferentes dos dois jovens escolhidos, mas também como funciona este mundo governado por uma inteligência artificial e a perspetiva das várias personagens sobre esta realidade, o que vai sendo mais desenvolvido ao longo da trilogia.

Tens algum autor ou autora que gostavas de conhecer pessoalmente?

Adorava conhecer a Ana Maria Magalhães e a Isabel Alçada por terem marcado tanto a minha infância não só com *Uma Aventura*, mas também com as suas outras coleções, como a *Viagens no Tempo*.

RESPOSTAS RÁPIDAS – DO QUE GOSTAS MAIS?

- Livro em papel 📖 ou ebook 📱? Papel (graças à biblioteca).
- Ler de dia ☀️ ou de noite 🌙? Noite.
- Romance ❤️ ou aventura 🗺️? Romance.
- Clássico 📚 ou lançamento do momento 🚀? Lançamento do momento.
- Ler em silêncio 🤫 ou com música 🎵? Silêncio.
- Final feliz 😊 ou final surpreendente 😱? Surpreendente.
- Personagem herói 🦸♀️ ou vilão carismático 🐱? Herói.

OBRIGADA PELA TUA PARTICIPAÇÃO!

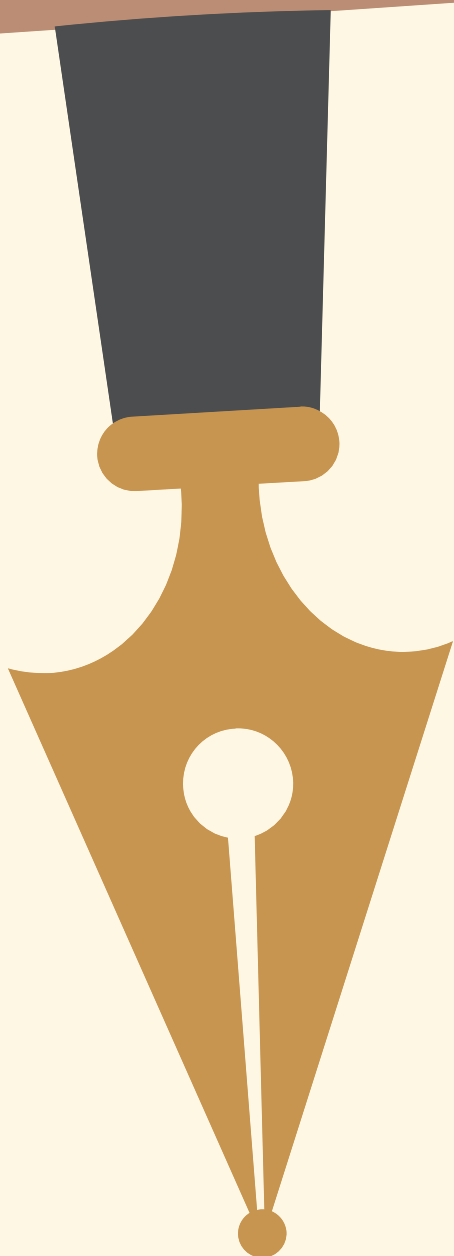
Manuela Vieira



PRÉMIOS DE LIJ EM ESPANHA



Dossier



A literatura infantil e juvenil em Espanha tem vindo a afirmar-se não apenas pela qualidade da sua produção, mas também pelo reconhecimento institucional e editorial que a sustenta. Uma parte essencial desse reconhecimento passa pela rede sólida de prémios literários que, ano após ano, distinguem autores, ilustradores e editoras, funcionando como barómetro de tendências e motor de renovação.

Do histórico *Premio Lazarillo*, criado em 1958, ao prestigiado *Premio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil*, promovido pelo Ministério da Cultura, passando por distinções editoriais de grande impacto, como o *Premio Edebé* ou o *Premio Anaya*, os galardões espanhóis tornaram-se plataformas de projeção internacional e instrumentos decisivos na criação de leitores.

Mais do que simples distinções, estes prémios desempenham um papel cultural e pedagógico: incentivam a qualidade artística e literária, estimulam a inovação narrativa e visual, e reforçam a presença da LIJ no espaço público e escolar. Ao fazê-lo, consolidam não apenas a memória da literatura para crianças e jovens em Espanha, mas também o seu futuro, que continua a dialogar com novos autores, novos temas e novos modos de ler.

1. O PRÉMIO NACIONAL DE LITERATURA INFANTIL E JUVENIL

O *Premio Nacional de Literatura Infantil y Juvenil*, em Espanha, é um dos mais importantes galardões literários do país, atribuído pelo **Ministério da Cultura e Desporto de Espanha**. O prémio foi criado em **1978** com o objetivo de reconhecer anualmente a melhor obra de literatura infantil ou juvenil escrita em qualquer uma das línguas oficiais de Espanha (castelhano, catalão, galego ou basco).

Breve história:

- **1978:** Primeira edição do prémio, criado no contexto da renovação cultural e política após a transição democrática em Espanha. O primeiro vencedor foi **Juan Farias**, com a obra *A veces los domingos llueve*.
- **1980s–1990s:** O prémio foi ganhando prestígio e consolidando-se como um dos mais relevantes na literatura juvenil espanhola. Escritores como **Gloria Fuertes**, **Carmen Conde**, **Juan Muñoz Martín** e **Ana María Matute** estiveram entre os galardoados ou reconhecidos no panorama literário dessa época.
- **2000s–Presente:** O prémio tem valorizado obras que, além da qualidade literária, apresentem inovação temática e estilística. Autores como **Laura Gallego**, **Elvira Lindo**, **Ana Alcolea**, **Ledicia Costas** e **Mónica Rodríguez** foram distinguidos, mostrando uma grande diversidade regional e estilística.

Características principais:

- **Periodicidade:** Anual
- **Elegibilidade:** Obras escritas por autores espanhóis e publicadas no ano anterior, em qualquer língua oficial do país.
- **Prémio monetário:** Atualmente, o valor do prémio é de **20.000** euros.
- **Objetivo:** Promover a literatura infantil e juvenil como forma de expressão artística e de fomento à leitura entre os jovens.

Impacto:

O Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil tem desempenhado um papel crucial no reconhecimento e valorização dos autores espanhóis e das suas obras dirigidas ao público mais jovem. Tem contribuído para fortalecer o setor editorial dedicado à infância e juventude, além de impulsionar a presença das obras premiadas nas escolas e bibliotecas.



Eis a lista dos vencedores do **Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil** em Espanha, desde a sua criação em 1978 até 2024:

- **1978:** Montserrat del Amo, por *El nudo*
- **1979:** Fernando Martínez Gil, por *El río de los castores*
- **1980:** Juan Farias, por *Algunos niños, tres perros y más cosas*
- **1981:** Alfonso Martínez-Mena, por *La tierra de nadie*
- **1982:** Carlos Murciano, por *El mar sigue esperando*

- **1983:** Josep Vallverdú, por *Saberut i Cua-Verd*
- **1984:** Ana María Matute, por *Sólo un pie descalzo*
- **1985:** Joan Manuel Gisbert, por *El museo de los sueños*
- **1986:** Paco Martín, por *Das cousas de Ramón Lamote*
- **1987:** Carmen Conde, por *Canciones de nana y desvelo*
- **1988:** Gabriel Janer Manila, por *Tot quant veus és el mar*
- **1989:** Andreu Martín e Jaume Ribera, por *No pidas sardinas fuera de temporada*
- **1990:** Pep Albanell, por *La rosa de Sant Jordi*
- **1991:** Fernando Lalana, por *Morirás en Chafarinas*
- **1992:** Carmen Vázquez Vigo, por *Un monstruo en el armario*
- **1993:** José María Merino, por *No soy un libro*
- **1994:** Gabriel Janer Manila, por *Han cremat el mar*
- **1995:** Xabier P. Docampo, por *Cando petan na porta pola noite*
- **1996:** Fina Casalderrey, por *O misterio dos fillos de Lúa*
- **1997:** Emili Teixidor, por *L'amiga més amiga de la formiga Piga*
- **1998:** Elvira Lindo, por *Los trapos sucios (de Manolito Gafotas)*
- **1999:** Vicente Muñoz Puelles, por *Óscar y el león de Correos*
- **2000:** Emilio Pascual, por *Días de Reyes Magos*
- **2001:** Miguel Fernández-Pacheco, por *Verdadera historia del perro Salomón*
- **2002:** Miquel Desclot, por *Més música, Mestre!*



- **2003:** Mariasun Landa, por *Kokodriloa ohe azpian*
- **2004:** Gustavo Martín Garzo, por *Tres cuentos de hadas*
- **2005:** Antonio Rodríguez Almodóvar, por *El bosque de los sueños*
- **2006:** Fernando Marías, por *Cielo abajo*
- **2007:** Jordi Sierra i Fabra, por *Kafka y la muñeca viajera*
- **2008:** Agustín Fernández Paz, por *O único que queda é o amor*
- **2009:** Alfredo Gómez Cerdá, por *Barro de Medellín*
- **2010:** Eliacer Cansino Macías, por *Una habitación en Babel*
- **2011:** Maite Carranza, por *Palabras envenenadas*
- **2012:** Laura Gallego García, por *Donde los árboles cantan*
- **2013:** César Mallorquí, por *La isla de Bowen*
- **2014:** Diego Arboleda, por *Prohibido leer a Lewis Carroll*
- **2015:** Leticia Costas, por *Escarlatina, a cociñeira defunta*
- **2016:** Alejandro Palomas, por *Un hijo*
- **2017:** Antonio García Teijeiro, por *Poemar o mar*
- **2018:** Juan Kruz Igerabide, por *Abezedario Titirijario*
- **2019:** Raimon Portell, por *Camins d'aigua*
- **2020:** Elia Barceló, por *El efecto Frankenstein*
- **2021:** Beatriz Giménez de Ory, por *Un hilo me liga a vos. Mitos y poemas*
- **2022:** Rafael Salmerón, por *La rama seca del cerezo*
- **2023:** Patxi Zubizarreta, por *Zerria*
- **2024:** Mónica Rodríguez, por *Umiko*

Esta lista reflete a diversidade e riqueza da literatura infantil e juvenil em Espanha, destacando autores de diferentes regiões.



A obra premiada em 2024

"**Umiko**" é uma obra de literatura juvenil escrita por **Mónica Rodríguez** e ilustrada por **Daniel Piqueras Fisk**, publicada pela editora Diego Pun. Este livro foi distinguido com o **Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil de Espanha em 2024**, reconhecimento que destaca a sua qualidade narrativa e profundidade temática.

A narrativa centra-se em **Umiko**, uma jovem japonesa descendente de uma linhagem de **amas**, as tradicionais mergulhadoras que colhem pérolas e outros tesouros marinhos sem o auxílio de equipamentos de respiração. Embora inicialmente relutante em seguir os passos de sua mãe e avó, Umiko sente uma atração irresistível pelo oceano. A sua jornada de autodescoberta é intensificada pelo encontro com **Sasuke**, um adolescente de Tóquio, com quem vive o seu primeiro amor. Paralelamente, a história de sua bisavó **Ishi**, uma ama de renome que desapareceu no mar após a Segunda Guerra Mundial, adiciona camadas de mistério e conexão intergeracional à trama.

O júri do prémio elogiou "Umiko" pela sua "sonoridade, domínio dos registos e pela beleza do relato neste universo particular, genialmente construído através de um exaustivo trabalho de investigação e documentação". Destacaram ainda a capacidade da autora em conectar-se com o público jovem, criando personagens com profundidade e explorando relações intergeracionais entre mulheres. As ilustrações de Daniel Piqueras Fisk foram igualmente reconhecidas por complementarem e enriquecerem a narrativa, proporcionando uma experiência estética e culturalmente imersiva.

Mónica Rodríguez, nascida em Oviedo em 1969, possui uma formação em Ciências Físicas e um mestrado em Energia Nuclear. Após 15 anos de carreira científica, dedicou-se integralmente à literatura infantil e juvenil, contando com mais de 60 obras publicadas e diversos prémios no seu currículo, incluindo o **Cervantes Chico** em 2018.

Em suma, "Umiko" é uma obra que entrelaça tradição e modernidade, explorando temas como identidade, legado familiar e a busca pelo autoconhecimento, tudo isso ambientado na rica cultura japonesa e complementado por ilustrações que transportam o leitor para o mundo subaquático das **amas**.





Mais do que um simples prêmio literário, o Edebé é um verdadeiro motor de renovação e descoberta.

2. PRÊMIO EDEBÉ DE LITERATURA INFANTIL: TRÊS DÉCADAS A PREMIAR A IMAGINAÇÃO

Criado em 1993, o galardão espanhol distingue anualmente obras inéditas de literatura infantil e juvenil, consolidando-se como um dos prêmios mais prestigiados do universo ibérico.

A literatura infantil e juvenil tem, em Espanha, um dos seus maiores aliados no Prémio Edebé de Literatura, que desde 1993 distingue anualmente duas obras inéditas: uma na categoria infantil e outra na juvenil. Promovido pela Editorial Edebé, o galardão tornou-se uma referência incontornável no panorama literário de língua espanhola e, mais recentemente, também em catalão, basco e galego.

Mais do que um simples prêmio literário, o Edebé é um verdadeiro motor de renovação e descoberta. Ao premiar textos inéditos, o concurso abre portas a novas vozes narrativas e a olhares frescos sobre os temas que atravessam a infância e a adolescência. Entre os critérios de seleção, contam-se a qualidade literária, a originalidade da proposta e a adequação ao público-alvo — um triângulo essencial para a promoção da leitura entre os mais jovens.

O montante atribuído — 10.000 euros para a obra infantil e 15.000 para a juvenil — é um dos mais generosos do setor. Mas o verdadeiro prêmio está na visibilidade e no impacto das obras vencedoras, que têm garantida a publicação e uma forte distribuição nas livrarias e escolas espanholas, com possibilidade de tradução para outras línguas.

Ao longo das suas mais de três décadas de existência, o Prémio Edebé revelou autores e autoras que hoje figuram entre os nomes de destaque da literatura para crianças e jovens. Entre os premiados, encontram-se figuras como Care Santos, David Nel-lo, Ledícia Costas ou Elia Barceló, cujas obras conquistaram também o público português através de traduções e adaptações.

Para além da sua dimensão literária, o Edebé reflete uma preocupação pedagógica e ética. A editora — com forte ligação ao setor educativo — procura histórias que, sem descurar o prazer da leitura, promovam valores como a solidariedade, a diversidade, o respeito pelo ambiente e a convivência democrática.

O júri do prémio é composto por especialistas em literatura, professores, bibliotecários e profissionais da área da edição, garantindo um olhar plural e atento às tendências e necessidades do público jovem. Este compromisso com a atualidade tem-se refletido nos temas das obras premiadas: bullying, saúde mental, migrações, identidade de género, envelhecimento, inteligência artificial ou mudanças climáticas — todos já ganharam voz nas páginas vencedoras.

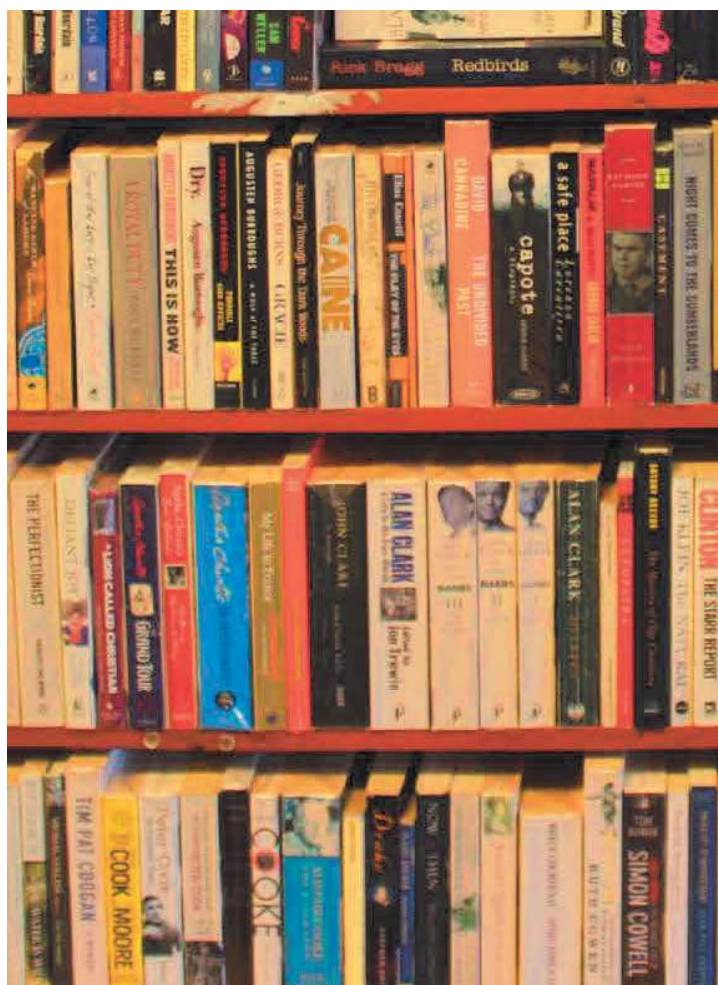
Num tempo em que se questiona a eficácia da escola em formar leitores, e se teme a concorrência dos ecrãs, o Prémio Edebé demonstra que a boa literatura continua a ser uma resposta eficaz e apaixonante. Ao premiar autores que escrevem com talento e sensibilidade, abre caminhos de leitura que transformam crianças e jovens em leitores de corpo inteiro.



Caixa de Destaque:

Edebé em Números

- Criado em 1993
- 2 categorias: Infantil e Juvenil
- Prémio monetário: 10.000€ (infantil) e 15.000€ (juvenil)
- Obras inéditas, com publicação assegurada
- Mais de 60 autores premiados
- Traduções em mais de 15 línguas
- Temas contemporâneos com impacto educativo



Fonte: Canva

3. PRÉMIO DE LITERATURA INFANTIL «CIUDAD DE MÁLAGA»: UMA TRAJETÓRIA LITERÁRIA DESDE 2010

Origem e propósito

O prémio foi criado em **fevereiro de 2010** pelo Ayuntamiento de Málaga, com a colaboração da editora Anaya Infantil e Juvenil. A sua dotação inicial foi de 5.000€, incluindo a publicação da obra vencedora, com o objetivo de promover a leitura em idades precoces e posicionar Málaga como uma referência na literatura infantil.

Evolução ao longo das edições

Desde então, o certame tem-se consolidado: em 2025 chegou à sua XVI edição, com um prémio fixo de 10.000€, em regime de concurso competitivo aberto a autores maiores de 18 anos, de qualquer nacionalidade, com obras inéditas em língua castelhana, não premiadas nem submetidas noutros certames.

As normas exigem que o texto seja inédito, original e não submetido a outros prémios, apresentado sob pseudónimo e sem ilustrações. A extensão típica varia entre 25 e 45 páginas conforme as bases mais recentes.

Número de edições e submissões

Em 2025 participaram **207 manuscritos**, o que demonstra o interesse crescente e a competitividade do prémio.

Ao longo de 16 anos, o concurso transformou-se num marco nacional para a literatura infantil.

Composição do júri

Na recente edição de 2025, o júri foi presidido por **Espido Freire**, acompanhada por **Inés Díaz Arriero** (última vencedora), **Jacqueline de Barros** (especialista em literatura infantil e juvenil), **Pablo Cruz** (editor da Anaya Infantil e Juvenil) e **Antonio A. Gómez Yebra** (escritor e coordenador do prémio). Este perfil profissional confere ao prémio um elevado grau de credibilidade literária e editorial.



Obra vencedora de 2025

A obra premiada do ano foi **El niño del gato**, da escritora **María Elena Cabrerizo del Saz**. A autora, licenciada em jornalismo, natural de Madrid e residente desde 2007 em Génova, expressa através da obra uma narrativa sensível sobre a guerra, escrita em diário por um menino de 11 anos e seu gato Buby. É descrita pela autora como “um grito pela paz” e uma “chamada aos direitos humanos”. Recentemente publicou a sua primeira novela juvenil, *Dos ranas en un lío*, em espanhol e italiano (2023).

Missão e impacto cultural

O prémio é organizado pelo **Ayuntamiento de Málaga**, através da sua **Área de Educação e Fomento del Empleo**, em estreita colaboração com o **Grupo Anaya**. A iniciativa visa não só premiar escritores como também fomentar hábitos de leitura em crianças de 6 a 11 anos e dar visibilidade a novas vozes na narrativa infantil.

Cronologia resumida das edições

- **2010** – Primeira edição, valor de 5.000 €, a obra publicada por Anaya. Cada edição anual aberta a autores inéditos em língua castelhana.
- **Até 2025** – Completadas **16 edições**, com dotação estabilizada em 10.000 €, aumento gradual da concorrência e da visibilidade editorial e mediática.

Conclusão

Ao longo de mais de uma década, o **Prémio Literatura Infantil “Ciudad de Málaga”** afirmou-se como um veículo relevante para revelar novos talentos literários em língua castelhana e como instrumento de fomento da leitura entre crianças. A sua parceria contínua com a editora Anaya garante publicação e alcance, enquanto o rigor das bases e a composição do júri reforçam a sua reputação no universo da literatura infantojuvenil na Espanha.

4. PREMIOS LAZARILLO 2024: ORIGINALIDADE, RIMA E IMAGINAÇÃO EM DESTAQUE

A **Organización Española para el Libro Infantil y Juvenil (OEPLI)** realizou, no dia 2 de abril de 2025, no **Salón del Libro Infantil y Juvenil de Pontevedra**, a entrega da **64.ª edição dos Prémios Lazarillo**, contando com o apoio do **Ministerio de Cultura y Deporte** e o patrocínio do programa **Happy Readers da McDonald's Espanha**.

Criação Literária –

Vencedora: Cristina Alfonso Ibáñez

- Obra premiada: **“Quiero un dragón”**, distinguida pela sua **abordagem original e bem-humorada sobre adoção responsável de animais**. A narrativa é leve, imaginativa e capaz de cativar leitores mais jovens.
- Cristina Alfonso é doutorada em Filologia Inglesa. O livro inspirou-se na sua gata "Tiny", adotada depois de ter sido recebida como acolhimento temporário e se tornar parte permanente da família.

Álbum Ilustrado –

Vencedores: Nerea Pérez Gordo & José Luis Maestro Sarrión

- Obra premiada: **“Tres eran tres”**, um álbum minimalista, com versos rimados que combinam humor, aventura e diálogos vivos, proporcionando surpresa e poesia nas suas imagens e texto.
- Nerea Pérez, ilustradora e designer; José Luis Maestro, também conhecido por fundar a companhia de títeres Cataplof.



Dados marcantes da edição

- **Total de candidaturas:** 280 obras submetidas, divididas entre 186 de narrativa, 71 de poesia e 23 de teatro.
- **Línguas:** 238 em castelhano, 21 em catalão, 18 em galego e 3 em euskera.
- **Dotação do prémio:** 6.000 € por categoria, pagos aos vencedores.
- **Composição do júri:**
 - *Criação Literária*: presidido por José Díaz (OEPLI), com representantes das seções Gálix, CliCAT, IBBYcat e Galtzagorri.
 - *Álbum Ilustrado*: presidido por José Díaz, com inclusão de votos de seções autonómicas similares.

Cristina Alfonso Ibáñez (Criação Literária 🇪🇸)

- **Origem e formação:** natural de Madrid, Cristina é doutorada em Filologia Inglesa e desempenha atividade docente enquanto escritora.

- **Obra premiada:** *Quiero un dragón*: obra bem-humorada e original que aborda a adoção responsável de animais — narrada a partir do desejo fantasioso de uma criança por ter um dragão de estimação. Inspirou-se na sua gata Tiny, adotada e integrada permanentemente na família.
- **Reconhecimento:** o júri valorizou a criatividade narrativa, o humor leve e a forma como a obra encanta o público infantil com simplicidade e magia.

Nerea Pérez Gordo (Ilustradora – Álbum Ilustrado)

- **Formação e percurso artístico:** nasceu em Palencia e vive atualmente em Madrid, onde atua como ilustradora e designer visual. Licenciada em Publicidade, especializou-se posteriormente em design gráfico e narrativa visual.
- **Obra premiada:** *Tres eran tres* (ilustrações em parceria com José Luis Maestro): álbum minimalista e rimado, que combina humor, diálogo e aventura com um estilo visual limpo e expressivo. A obra destaca-se pela sua capacidade de estimular a imaginação infantil de forma leve e poética.

- **Visão artística:** durante a cerimónia, Nerea sublinhou a importância de valorizar a profissão de ilustrador e agradeceu o reconhecimento comunitário.

José Luis Maestro Sarrión (Autor – Álbum Ilustrado)

- **Perfil profissional:** escritor e criador cultural, coautor da obra *Tres eran tres* ao lado de Nerea Pérez Gordo. É também fundador da companhia de teatro de marionetas Cataplof, destacando a sua ligação à narração oral e performativa.
- **Obra premiada:** *Tres eran tres*: texto em rima que se complementa com as ilustrações de Nerea para construir uma narrativa vibrante e minimalista. A habilidade em diálogo poético captura a essência do humor e da aventura para o público infantojuvenil.
- **Momento marcante:** no palco, José Luis recitou um poema persa que termina com as palavras “sou quem escuta”, uma metáfora poética sobre a escuta ativa e o papel do leitor/espectador no mundo das histórias.

Nome	Papel / Modalidade	Obra premiada	Destaques
Cristina Alfonso Ibáñez	Escritora (Creação Literária)	<i>Quiero un dragón</i>	Adoção animal com humor e imaginação
Nerea Pérez Gordo	Ilustradora (Álbum Ilustrado)	<i>Tres eran tres</i>	Rima, minimalismo visual e diálogo criativo
José Luis Maestro Sarrión	Escritor (Álbum Ilustrado)	<i>Tres eran tres</i>	Poética performativa, texto inspirado para crianças

5. HÁ PRÉMIOS SIMILARES EM PORTUGAL?

Sim, em Portugal existem vários prémios que reconhecem e incentivam a literatura infantil e juvenil, desempenhando um papel semelhante ao Prémio Nacional de Literatura Infantil e Juvenil em Espanha. Destacam-se os seguintes:

Prémio de Literatura Infantil Pingo Doce

Criado em 2014, é atualmente o maior prémio nacional nesta categoria, com um valor de 50.000 euros, distribuído equitativamente entre as categorias de texto e ilustração. Destina-se a premiar obras originais que promovam hábitos de leitura em família. As candidaturas para a categoria de texto decorreram até 1 de abril de 2025.

Prémio Literário Maria Rosa Colaço

Instituído em 2006 pela Câmara Municipal de Almada, homenageia a escritora Maria Rosa Colaço. Este prémio distingue anualmente obras inéditas nos géneros de literatura infantil e juvenil, alternando entre as duas categorias.

Prémio Literário Infantojuvenil Manuel Lopes

Organizado pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) em parceria com o Instituto da Biblioteca Nacional de Cabo Verde, visa promover a

criação literária e a ilustração para o público infantojuvenil. As candidaturas para textos inéditos decorrem de 1 de maio a 30 de junho, e para ilustrações de 1 de agosto a 31 de outubro.

Prémio Livro Infantil – Cordel D' Prata

Este concurso, promovido pela Editora Cordel D' Prata, procura premiar e publicar contos originais de carácter infantil. Na sua 5.^a edição, oferece um prémio de 1.000 euros ao vencedor, além da publicação da obra. As inscrições decorreram de 3 de junho a 20 de julho de 2024.

Além destes, existiram outros prémios relevantes, como o **Grande Prémio Gulbenkian de Literatura para Crianças e Jovens**, instituído em 1979 pela Fundação Calouste Gulbenkian, que teve um papel significativo no reconhecimento da literatura infantil e juvenil em Portugal.

Estes prémios refletem o compromisso de diversas instituições em promover e valorizar a literatura destinada aos mais jovens em Portugal.

João Manuel Ribeiro



Fonte: Unsplash

LEMO GOSTAMOS E RECOMENDAMOS



Viagem à Volta de um Ano

Maria do Rosário Moita Macedo

365 ou 366 dias, 12 meses, 4 estações e milhares de datas comemorativas. Tudo isto faz um ano.

No livro **Viagem à Volta de um Ano**, de Maria do Rosário Moita Macedo, em vez de darmos uma volta ao mundo, viajamos à volta de um ano, do dia 1 de janeiro ao dia 31 de dezembro.

Nesta obra, acompanhamos o Hugo e a Joana na descoberta de tudo o que compõe um ano: os dias, os meses, as estações e muitas das datas comemorativas que celebramos. Vemo-los aconchegados nas suas luvas, cachecóis e casacos durante os frios meses de inverno, a assistir ao regresso das andorinhas e ao desabrochar das flores na primavera. No verão, aproveitam o sol, vão à praia nadar no mar e construir castelos na areia, enquanto no outono saltam nas poças de água, veem as folhas mudar de cor e cair das árvores, ouvem o seu *crac-crac* sempre que as pisam e saboreiam castanhas quentinhas. E, no meio de tanta emoção, ainda encontram tempo para celebrar o Dia dos Namorados, o Carnaval, o Dia da Mãe, o Dia Mundial da Criança e muitas outras datas, junto dos amigos e da família.

Recomendada para leitores a partir dos três anos, esta obra em forma de poema conta uma história

repleta de rima, musicalidade e momentos ternurentos, perfeitos para partilhar em família.

Contudo, mais do que apresentar as estações do ano, os meses e outras celebrações, a leitura convida também a uma reflexão mais profunda. Através de um tom leve e de uma linguagem simples e acessível, os leitores são levados a pensar sobre a passagem do tempo e sobre a importância de explorar o mundo que nos rodeia e valorizar os momentos vividos com aqueles que nos são queridos.

A acompanhar esta viagem encontram-se as ilustrações suaves, harmoniosas e complementares de Bolota, que dão vida, diante dos olhos dos leitores, às aventuras e experiências do Hugo e da Joana.

Em **Viagem à Volta de um Ano**, percebemos que um ano é muito mais do que dias, meses, estações e comemorações. É também feito dos momentos que partilhamos com quem mais importa.



LEMO GOSTAMOS E RECOMENDAMOS



Piratas do Espaço

João Manuel Ribeiro

Num universo gigantesco, repleto de biliões de estrelas brilhantes, galáxias, planetas habitáveis e outros de condições inóspitas, encontramos um grupo de rebeldes espaciais que luta contra o sistema. **Em *Piratas do Espaço – Contos Juvenis de Ficção Científica***, João Manuel Ribeiro mostra que os piratas não navegam apenas nos mares da Terra: percorrem também o universo em busca de poder e de tesouros para saquear.

Deixa-te levar por este livro que reúne dez contos que te transportarão por todo o universo, até aos recantos mais sombrios do cosmos, onde apenas os que procuram aventuras e tesouros inimagináveis ousariam entrar. Assistirás a batalhas galácticas fulminantes, em que os Piratas do Espaço – os rebeldes – se erguem contra o poder e a opressão exercidos pela Federação. Vais conhecer tripulações destemidas, que, para sobreviver, obedecem cegamente às ordens dos seus capitães. Lerás sobre rivalidades e lutas épicas, como a do pirata Danark contra Alenko, capitão da Federação, ou de Kadar, capitão da Tempestade Negra – uma das naves piratas mais temidas do universo – contra o Almirante Velar, conhecido por não dar tréguas a nenhum pirata.

Por outro lado, descobrirás como até os piratas – conhecidos por serem frios e distantes – apoiam e confiam nos seus amigos em momentos de incerteza. No final, prepara-te para uma luta memorável durante o Festival das Sombras, que coroará o próximo Rei ou Rainha das Sombras: o/a comandante de todas as frotas de piratas.

Ideal para crianças dos 8 aos 12 anos, João Manuel Ribeiro explora temas como a amizade, a lealdade, a resiliência, a coragem e a liberdade, através de uma linguagem simples, acessível e cativante, que permite ao leitor mergulhar por completo nestes contos fantásticos.

Entre as páginas deste livro, vem aventurar-te pelo universo, viajar por galáxias e visitar planetas a bordo das naves espaciais destes Piratas, que te levarão pelas mais sensacionais aventuras da tua vida!

Joana Inácio



LEMOS GOSTAMOS E RECOMENDAMOS



Ajuda! Fui raptado por uma app

João Manuel Ribeiro

Imagina: estás no teu telemóvel, completamente hipnotizado pelos vídeos que passam no ecrã, um atrás do outro, com meros segundos de intervalo. Estás preso num momento de *doom scrolling* sem paralelo, quando, de repente, és sugado para dentro do teu telemóvel. Como é que isto aconteceu? Como é que irás sair? E quem será aquela figura robótica que comanda tudo à tua volta? Em **Ajuda! Fui Raptado por uma App**, de João Manuel Ribeiro, entramos numa aventura hilariante e eletrizante por um mundo digital repleto de emojis, comentários e momentos virais!

O Lucas era um rapaz de 11 anos como tantos outros. A escola era aborrecida e só servia para estar com os amigos no recreio, os TPC eram uma perda de tempo e, em casa, passava as horas no quarto a navegar pelas redes sociais. Numa tarde, encontrou uma aplicação misteriosa chamada *FaceFriend*, que o conduziu à aventura da sua vida. Foi transportado para dentro da app, um universo cheio de vídeos virais, *gifs*, *hashtags* e emojis brilhantes e saltitantes. Neste mundo eletrizante, Lucas vê-se sob o controlo de A.I.D.A., uma inteligência artificial que quer apoderar-se do mundo real.

Mas ele não está disposto a desistir. Com aliados que irá conhecer ao longo do caminho, Lucas fará tudo para sabotar os planos de A.I.D.A., proteger o seu mundo e regressar a casa são e salvo.

Esta história é uma aventura digital que reflete sobre o poder que a internet – e, em particular, as redes sociais – exercem hoje em dia na vida das pessoas, sobretudo dos mais novos. Cada vez mais vemos os jovens com os olhos presos nos ecrãs dos telemóveis e computadores, como se se tivessem esquecido de que existe um mundo à sua volta para descobrir e aproveitar, na companhia de amigos e família.

Em **Ajuda! Fui Raptado por uma App**, João Manuel Ribeiro explora uma temática atual e fascinante, de forma clara e divertida, incentivando à reflexão e à conversa sobre o papel da internet e das redes sociais na sociedade.



Joana Inácio

LEMOS GOSTAMOS E RECOMENDAMOS



O Lenço do Senhor Lourenço

Jacinta Pessoa

Já alguma vez perderam algo? Digamos... um brinco, um par de óculos, um relógio de bolso ou uma caneta? Algo que, para uns, não passa de uma perda insignificante que não afeta o seu dia a dia, mas que, para outros... é como se lhes roubassem um pedaço de si? Foi exatamente isso que aconteceu ao Senhor Lourenço.

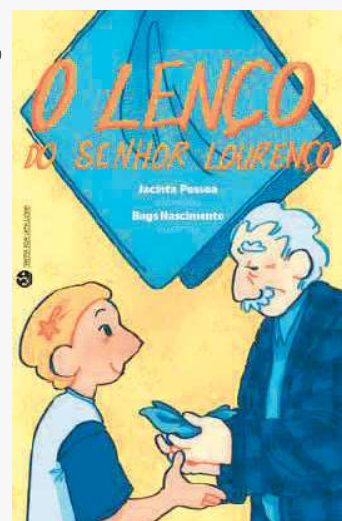
O seu companheiro de bolso, um lenço azul diferente de todos os outros, foi roubado e só com a ajuda e persistência de um jovem abelhudo, a amizade e o companheirismo irão fluir. Uma aliança formada no objetivo comum de recuperar o lenço, antes que o ladrão volte a fazer das suas. Será que ambos conseguirão encontrar o que lhes foi roubado? Quem será este suposto ladrão?

Por entre páginas de humor, aprendizagem, solidariedade e algumas lágrimas derramadas, Jacinta Pessoa (1978-) traz-nos uma breve, mas calorosa e poderosa leitura, uma escrita delicada cheia de profundidade que faz os seus leitores refletir. Enquanto isso Bugs Nascimento (2005-) embeleza as palavras e o seu significado através de ilustrações estilo banda desenhada com cores quentes e frias, captando na perfeição, respetivamente, a amizade terna e inesperada

entre um idoso carrancudo e um jovem determinado e sonhador e as emoções, o pesar, que cada personagem sente ao longo da narrativa.

A meu ver, **O Lenço do Senhor Lourenço**

consegue tocar nos corações não só dos pequenos, como também dos adultos, pois todos nós, ao longo da vida, acabamos por carregar objetos que nos são preciosos, preenchendo-os com recordações, histórias e, inclusive, sentimentos. Sentimentos esses que nem o melhor ladrão do mundo conseguiria roubar.



Raquel Seica

LEMOS GOSTAMOS E RECOMENDAMOS



A Grande Aventura da Palhinha

Mina Anguelova

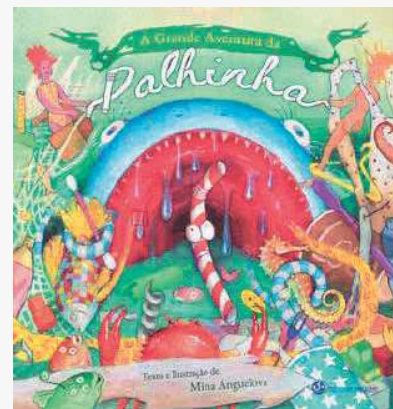
Num mundo esquecido pela sociedade no meio de tanta poluição, desperdício residual, fumos nocivos e ilhas de lixo manchando o puro azul dos mares, o que este planeta está a precisar é de um herói que esteja preparado para partir numa grande aventura e fazer a diferença. Todos os heróis vêm em diferentes formatos e tamanhos, oriundos de onde menos esperamos... Especialmente nas profundezas da Terra.

No início desta aventura, conhecemos uma personagem deveras... incomum: uma palhinha que sonha em se tornar num herói. Entre fábricas, barcos, canais, supermercados e o interior de um peixe, a Palhinha segue numa aventura, confiante de que chegou a hora de cumprir o seu propósito heroico, até que, lamentavelmente, a humanidade tinha outros planos para ela. Ao se aperceber dos danos que a sua criação causava ao meio ambiente – mais um peão ao controlo do materialismo –, parecia estar tudo perdido para a Palhinha. Se, ao menos, houvesse alguém capaz de lhe atribuir um desígnio mais digno, mostrar-lhe que, afinal, não era um erro...

Visualmente, somos apanhados por uma explosão de cores, mostrando a putridez das ações humanas contra a Natureza e a beleza desta. A escrita de Mina Anguelova é envolvente e sistemática. As suas ilustrações, minuciosamente detalhadas e humoristicamente expressivas, dão vida às personagens e ao seu mundo. Em estilo aquarela, as cores combinam na perfeição com as sensações que a narrativa transmite.

No final, **A Grande Aventura da Palhinha**

é ideal para todas as idades, não só com o objetivo de nos conscientizar sobre a importância de cuidar do ambiente e, consequentemente, ajudar o planeta Terra, como também demonstrar que todos nós possuímos potencial, que todos nós podemos tornar os nossos sonhos em realidade, desde que nunca deixemos de acreditar.



Raquel Seiça

LEMOS GOSTAMOS E RECOMENDAMOS



O Manuscrito Secreto da Sala 14

João Manuel Ribeiro

Para alguns, a biblioteca pode parecer apenas um lugar monótono e aborrecido, onde nada acontece, com cheiro a mofo, cadeiras de plástico que chamam e um silêncio ensurdecedor. No entanto, só aqueles que abrem as suas mentes, que deixam a sua imaginação fluir, conseguem ver para além de tudo isso. Que sabem que as bibliotecas são onde as palavras e as memórias dormem. Onde o passado vive. Onde os livros sussurram segredos e conhecimento entre si. Onde as melhores aventuras começam sempre, principalmente quando envolve um manuscrito secreto...

As engrenagens de **O Manuscrito Secreto da Sala 14** começam a girar quando uma aposta é feita, uma aposta que leva o nosso protagonista, o Afonso, até às portas da biblioteca da sua escola. Aventurando-se por entre as estantes, sob o olhar perscrutador da bibliotecária, Afonso depara-se com algo fora do comum: um caderno desgastado cheio de contos e poemas disparatados, mas fascinantes ao mesmo tempo, de antigos alunos. Empenhado em descobrir mais sobre aquele livro misterioso e como veio ali parar,

ele parte numa missão, junto com os seus amigos, com o objetivo de levar aquela relíquia literária ao conhecimento da escola inteira e restabelecer a Oficina de Escrita Criativa. Será que conseguirão reunir membros suficientes para o clube? Conseguirão demonstrar aos seus colegas que escrever pode ser divertido? E quem será esse a quem chamam de Tio Sardinha?



Em suma, João Manuel Ribeiro retorna com uma obra envolvente, cheia de humor e com uma linguagem jovial e juvenil, apropriada para os seus leitores-alvo, com o intuito de realçar a importância da escrita e como pode ser viciante, desafiante e íntima, fazendo-nos colocar as nossas almas em palavras. No fim, esta obra pretende demonstrar que a literatura e a escrita nunca serão verdadeiramente substituídas pela tecnologia e as suas máquinas.

Raquel Seiça

LEMOS GOSTÁMOS E RECOMENDAMOS



Rumores & Verdade: O Clube de Jornalismo Escolar

João Manuel Ribeiro

Ao ler as notícias, deparamo-nos com verdades e mentiras, factos e rumores, provas e teorias... Quando se lida com o jornalismo, a credibilidade é tudo. Se não for levado a sério, pode tornar-se em algo instável e descontrolado, divulgando desinformação e influenciando negativamente a vida das pessoas. Logo, é preciso encontrar provas verídicas e verificar sempre as fontes, algo que um certo jornal escolar terá de aprender da maneira mais difícil.

Em **Rumores & Verdade: O Clube de Jornalismo Escolar**, encontramos-nos numa sala com um quadro branco, cadeiras desgastadas, sugestões voando pelo ar e o som de rabiscos num bloco de notas, onde a equipa do jornal *O Ponto e Vírgula* decidia a próxima manchete. Por entre critérios, bolsas e horários escolares, desta vez, eles procuravam por um tema mais chocante, polémico... Uma notícia impactante que causasse alvoroço na escola. Só não estavam à espera de que essa notícia lhes fosse dada de bandeja: uma mensagem anónima a falar sobre casos de favoritismo dentro da escola. Conduzida pelo impulso, a equipa estava pronta para publicar esta notícia bombástica. Todos, exceto Sofia.

Ela estava determinada a ir ao fundo da questão, escavando por provas, antes que eles e todos os envolvidos sofressem represálias irreversíveis, até que vieram as intimidações, as ameaças... Conseguirá *O Ponto e Vírgula* desvendar a verdade?

Nesta obra, João Manuel Ribeiro traz-nos uma narrativa cheia de intriga e mistério, com uma linguagem que flui naturalmente, dando-nos a entender, de forma clara, os verdadeiros princípios do jornalismo: a responsabilidade e a ética. Em poucas palavras, esta obra sensibiliza-nos para a seriedade da prática do jornalismo, mostrando que, ao ir em busca da verdade, temos a oportunidade de aprender com ela e, consequentemente, crescer como pessoas.



Raquel Seiça



LIVRO/

AUTOR

EM

DESTAQUE

Os Mauzões

Aaron Blabey

Descobri *Os Mauzões* de Aaron Blabey, quando vi o meu neto a dar gargalhadas que lhe saíam diretamente da alma. Lia um dos livros dessa fantástica coleção. Ele estava tão entusiasmado que me contagiou. Inspirada no que vi e no que li, escrevi esta carta aos Mauzões. Será que isso te vai entusiasmar também?

Olá Mauzões!

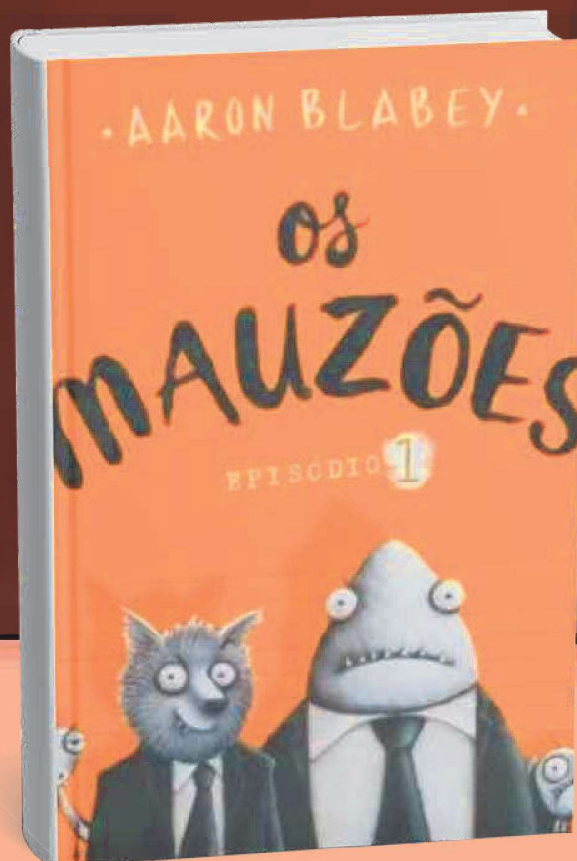
Sou uma avó, vossa fã.

Não estavam à espera de receber uma carta minha, pois não? Pensavam que não iria seguir a vossa aventura? Achavam que eu também não gostaria de ser um herói? Antes, heroína? Mas, fiquem descansados que não quero competir com vocês. Até porque vos tiro o chapéu. Olhem para mim: estou a fazer uma vénia.

No outro dia, o meu neto de 9 anos, que vos adora, esteve a explicar-me quem vocês eram. Percebi que deveria ser coisa espetacular, pois ele meteu os pés pelas mãos a tentar explicar as personagens de vossas excelências: lobos, cobras, tubarões, sardinhas mutantes que não são sardinhas. Quem percebe isso? Só um putro da vossa idade. Até a entrevistadora Paula Pantufa não percebia a vossa categoria de heróis.

Estava indecisa entre heróis e vilões. Mas o meu neto disse logo: Avó, eles são os Mauzões, mas nem tudo o que parece é. Pimba! Fiquei com a pulga atrás da orelha. Toda a gente a pensar que vocês seriam os vilões! Pois, claro, as pessoas veem-se ao espelho com as suas próprias ideias. Sabem o que eu fiz? Fui à biblioteca procurar-vos. Raios, vocês são tão bons que só encontrei o n.º 3 e o n.º 4. Os desta cidade levaram o resto. Paciência.

Bom, mas adiante. O meu neto adorou-vos. Ele não conseguia respirar na sua narração. Mas expliquem-me lá: vocês são maus a fazerem o bem? A galinha Berta, que foi entrevistada sentada no sofá, fartou-se de vos gabar. Acho que o meu herói, o Homem-Aranha, devia conhecer-vos, para aprender mais uns truques.



Qual foi a vossa ideia quando engoliram a galinha depois de a terem salvo? Está bem, cuspiram-na depois. Sabem, estas coisas fazem um nó na cabeça dos miúdos, de tal maneira que eles são capazes de se tornarem leitores voluntários muito mais depressa do que se pensa.

No capítulo 3 fiquei a torcer (o meu neto também) para conseguirem sobreviver ao ataque do fofinho porquinho-da-índia. Para mim, ele deixou de ser fofinho. Ainda bem que a agente secreta apareceu. Eu sei que vocês achavam que se safavam, mas...depois o lobo apaixonou-se por ela.

Bom, monstros mauzões, sou vossa fã. O meu neto adora-vos. Farta-se de rir com as vossas aventuras.

Um segredo que ficará entre nós. Não digam ao lobo (não quero que ele me procure), aquela ninja que apareceu e deu um jeito para vos ajudar e depois disse que era uma agente disfarçada, lembram-se? Era eu disfarçada.

Um abraço,
MV1959 (não posso revelar o meu verdadeiro nome)

Manuela Vieira

A História Interminável

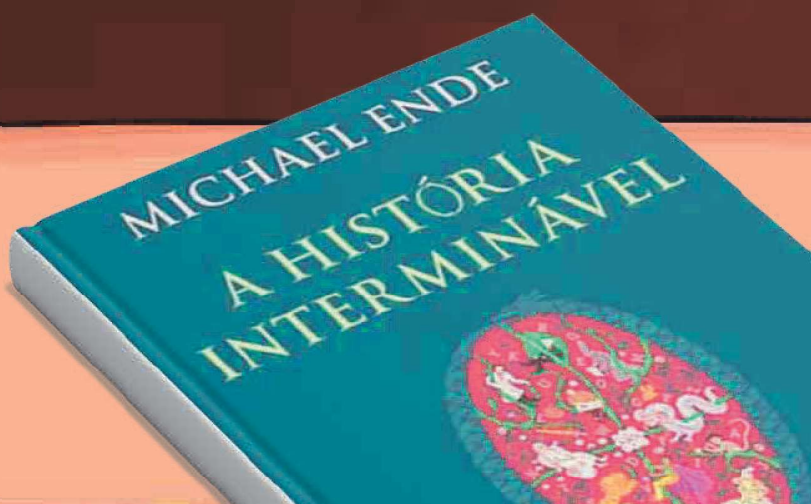
Michael Ende

O livro que gostaria de recomendar é *A História Interminável*, (*Die unendliche Geschichte*), do escritor alemão Michael Ende.

Se apreciam histórias cheias de aventura e fantasia, este livro é de leitura obrigatória. Além de ser um dos meus livros preferidos, foi também uma das grandes inspirações para a minha história *O Herói da Floresta*.

Publicada em 1979, *A História Interminável* tornou-se um dos clássicos de referência da literatura fantástica. Viria a ser adaptada ao cinema em 1984.

Tudo começa quando Bastian Balthazar Bux, um menino solitário e inseguro, foge dos companheiros da escola que o querem ofender e agredir, refugiando-se num alfarrabista. Aí encontra um livro que o fascina: está escrito em duas cores e cada capítulo começa com uma letra do alfabeto. — Neste momento nós, leitores, apercebemo-nos de que se trata do livro que estamos a ler. — Bastian não resiste em furtá-lo.



Correndo o mais rápido que pode para a sua escola, Bastian refugia-se no sótão e começa a ler *A História Interminável*.

O reino da Fantasia está a ser destruído pelo 'Nada', uma força que apaga tudo da existência. A Imperatriz Criança, única esperança de salvação, está muito doente e precisa de um novo nome. Envia o Centauro Mensageiro em busca de um guerreiro fora do reino, de nome Atreyu, que deverá encontrar a cura para ela, embora ninguém saiba nem onde nem como. O escolhido revela-se um menino de 10 anos, membro de uma tribo primitiva de pele verde. Mesmo jovem, ele aceita a desafiadora missão. Terá de encontrar um humano do 'mundo real', que dará um novo nome à Imperatriz Criança. Parte sozinho, sem armas, apenas com Auryn, um amuleto mágico de proteção.

No decorrer da narrativa, Bastian apercebe-se de que faz parte da história e pode influenciar os acontecimentos. Cada vez mais envolvido, mergulha no mundo da fantasia e da imaginação, passando por uma série de aventuras e desafios que o tornarão mais forte.

Vamos assim acompanhando duas narrativas paralelas, uma passada no mundo real e outra no mundo da fantasia, diferenciadas por cores diferentes no livro, até que, conforme a história avança, o texto se unifica numa só cor.

A estrutura remete diretamente para a jornada do herói, contemplando as trajetórias tanto de Bastian como de Atreyu. Em traços gerais: mundo comum, chamada à aventura, travessia para um novo mundo, provas, aliados e inimigos, provação máxima, recompensa, desfecho, retorno à vida normal (com transformação).

O que começa como uma fuga da realidade transforma-se numa jornada de autodescoberta, revelando os medos e desejos mais íntimos do protagonista.

Neste livro, vão encontrar duas camadas de leitura:

- Para os mais jovens: um mundo repleto de aventuras mágicas, habitado por heróis improváveis e criaturas tão fantásticas como o dragão Fuchur, o cavalo Atrax, o leão Graograman — que muda de cor —, entre outros.

- Para os adultos: uma metáfora poderosa sobre identidade, amadurecimento e a responsabilidade que acompanha a imaginação.

Acima de tudo, *A História Interminável* desperta a criatividade e lembra-nos que as histórias têm o poder de transformar quem as lê — e quem as vive.

Leiam e mergulhem na imaginação de uma criança e vejam como a fantasia é algo mágico, verdadeiramente **interminável!**

Teresa Dangerfield



O Maravilhoso Feiticeiro de Oz

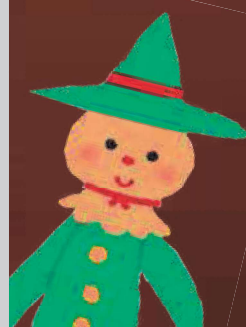
L. Frank Baum

Foi a 17 de Maio de 1900 que *O Maravilhoso Feiticeiro de Oz* se deu a conhecer ao mundo. Escrito por L. Frank Baum e ilustrado por W.W. Denslow, a obra teve sucesso imediato; de tal modo que, entre 1900 e 1920 o autor publicou mais 13 volumes da série Oz. O livro encontra-se traduzido em mais de 50 línguas e teve inúmeras adaptações a outros formatos. Mas porque é que esta obra se tornou um clássico adorado por (quase) todos?

Dorothy vivia no meio das grandes pradarias do Kansas, com o Tio Henry, que era lavrador, e a Tia Em, que era a mulher do lavrador. A casa onde viviam era pequena, pois a madeira para a construir teve de ser transportada de muito longe, numa carroça.

Assim se inicia a história da pequena Dorothy e do seu cachorrinho Toto. A aventura começa quando um súbito furacão interrompe a tranquilidade dos habitantes naquele lugar. A casa de Dorothy eleva-se no ar e rodopia, incansavelmente, até ir parar a outro mundo, o Mundo de Oz: *O ciclone tinha pousado a casa no chão muito suavemente – para um ciclone – no meio de uma região de maravilhosa beleza.*

É recebida pela Bruxa Boa do Norte, que lhe conta que em Oz havia mais 3 bruxas: a Bruxa Boa do Sul, onde vivem os Quadlings, a Bruxa Má do Oeste, que governa os Winkies e a Bruxa Má do Leste, terra dos Munchkins, que acabara de morrer porque a casa de Dorothy caíra acidentalmente em cima dela, deixando os habitantes muito felizes. Dorothy, contudo, pretende apenas regressar a casa. A Bruxa diz-lhe, então, para procurar o Feiticeiro de Oz, que vive na Cidade das Esmeraldas, pois só ele poderá ajudá-la. “A estrada para a Cidade das Esmeraldas é ladrilhada com ladrilhos amarelos,” disse a Bruxa, “por isso não te podes enganar”.



A música “Goodbye Yellow Brick Road”, de Elton John, foi inspirada no livro.

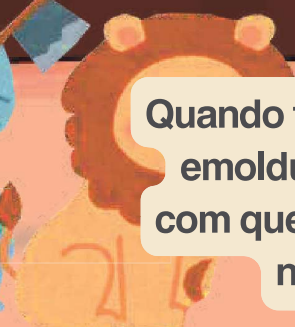
A pequena inicia, então, a sua caminhada durante a qual conhece três amigos. O primeiro é o Espantalho. Quando percebe que a jovem vai a Oz pedir um desejo questiona se pode acompanhá-la e pedir um cérebro. *“Se a minha cabeça continuar recheada de palha em vez de cérebro, como a tua, como é que eu vou saber alguma coisa?”* Encontram, de seguida, o Homem de Lata que pergunta se os pode seguir, pois também ele tem um pedido: *“Mas uma vez eu tive cérebro, e um coração também; então, tendo experimentado ambos, eu preferiria muito mais ter um coração”*. E, mais tarde, aparece o Leão, que também se junta a eles: *“Então se vocês não se importarem, irei com vocês,” disse o Leão, “porque a minha vida é simplesmente insuportável sem um pouco de coragem.”*

Pelo caminho passam por algumas situações perigosas e inusitadas, mas por fim chegam à Cidade Esmeralda: *Mesmo com os olhos protegidos pelos óculos verdes, Dorothy e os seus amigos ficaram inicialmente deslumbrados com o brilho da maravilhosa Cidade. As ruas eram ladeadas por belas casas, todas construídas de mármore verde e cravejadas de esmeraldas reluzentes.* Pedem, desde logo, uma audiência com o Feiticeiro, que se dispõe a ajudá-los, mas apenas se eles destruírem a Bruxa Má do Oeste.

Os amigos encetam nova caminhada, durante a qual irão viver curiosas aventuras e conhecer personagens absolutamente cativantes, como macacos alados, pequenos seres feitos de porcelana ou árvores lutadoras. Após a morte da Bruxa Má, os quatro companheiros regressam à Cidade Esmeralda para, só então, descobrirem que o feiticeiro é uma fraude. *“Eu acho que você é um homem muito mau.”, disse Dorothy. “Oh, não, minha querida; eu sou realmente um homem muito bom, mas eu sou um péssimo Feiticeiro, eu devo admitir.”*

O falso feiticeiro tenta, então, explicar aos amigos que eles já possuem o que pedem, não sendo necessário ninguém dar-lhes coisa alguma. Contudo, eles não se convencem e, assim, o mago elabora um plano. Ao espantalho finge dar um novo cérebro: *“Tem de desculpar-me por tirar a sua cabeça, mas terei de fazê-lo para colocar o cérebro no lugar certo. [...] Daqui em diante você será um grande homem, porque lhe dei um monte de miolos novinhos em folha.”*

Quando terminou a história, o autor emoldurou o que restava do lápis com que a escrevera e pendurou-o na parede do seu escritório.



Ao Homem de Lata parece oferecer um coração: *Cortou um pequeno buraco quadrado no lado esquerdo do peito do Homem de Lata. Então, indo até uma cômoda, tirou um lindo coração, feito inteiramente de seda e recheado com serradura.*

Em 2022, uma expedição subaquática no Pacífico, perto do Hawaii, encontrou uma formação geológica vulcânica que se assemelhava a um caminho de tijolos. Foi batizada de “Yellow Brick Road”.

Por fim, aparenta dar coragem ao Leão: *Foi até ao armário [...] e pegou num frasco quadrado verde [...]. “Beba.” “O que é isso?” perguntou o Leão. “Bem”, respondeu Oz, “se estivesse dentro de si, seria coragem. Você sabe, claro, que a coragem está sempre dentro de cada um; de modo que isso realmente não pode ser chamado de coragem até que o tenha engolido.”*

O Feiticeiro só não foi capaz de ajudar Dorothy a voltar para casa. Será Glinda, a Bruxa Boa do Norte, a recordar-lhe que os sapatos de prata que traz calçados têm o poder de a fazer regressar: *“Os Sapatos de Prata”, disse a Bruxa*

Boa, “têm poderes maravilhosos. [...] Tudo o que tens de fazer é bater os calcanhares três vezes e ordenar que os sapatos te levem para onde desejes ir.”

A obra oferece uma narrativa cativante, cheia de personagens excêntricas e lugares mágicos. O ritmo é constante, onde cada situação antecede outra mais curiosa e onde cada personagem antecede outra mais surpreendente. Não passam despercebidas as lições a tirar da história. A caminhada da jovem é uma de amizade e de descoberta. Cada personagem reflete as incertezas, inseguranças, receios ou motivações que fazem parte de todos nós e é durante esse percurso, na simbólica estrada de tijolos amarelos, que as personagens se irão superar, ultrapassando os obstáculos com que se vão deparando. Os laços de amizade fortalecem-se e a busca interior de cada um encontra paralelo na vida real, ainda que as personagens nem sempre se apercebam disso. Ao longo da obra, verificamos que o espantalho, que tanto anseia por um cérebro, tem, recorrentemente, boas ideias que os ajudam a lidar com situações inesperadas. O Homem de Lata, que julga nada sentir, por não ter um coração, chora com a ideia de pisar um insecto ou de poder magoar os outros. E o Leão, que se julga cobarde, não hesita em lutar com seres ferozes para defender os amigos.



Se refletirmos, até, na função dos óculos verdes, que as personagens têm de usar ao entrar na Cidade Esmeralda, verificamos que são apenas um filtro que oferecem a ilusão de uma cidade mágica governada por um poderoso feiticeiro. Basta tirá-los para reconhecer que o mágico se revela, afinal, um homem comum, não sendo necessário nenhum gesto de magia para que cada pessoa compreenda o seu próprio valor.

Talvez a lição mais importante a aprender n' "O Feiticeiro de Oz" seja recordar que aquilo que buscamos (coragem, inteligência, sentimento, amizade, etc) já faz parte de nós – temos apenas de acreditar.

Alexandra Duarte

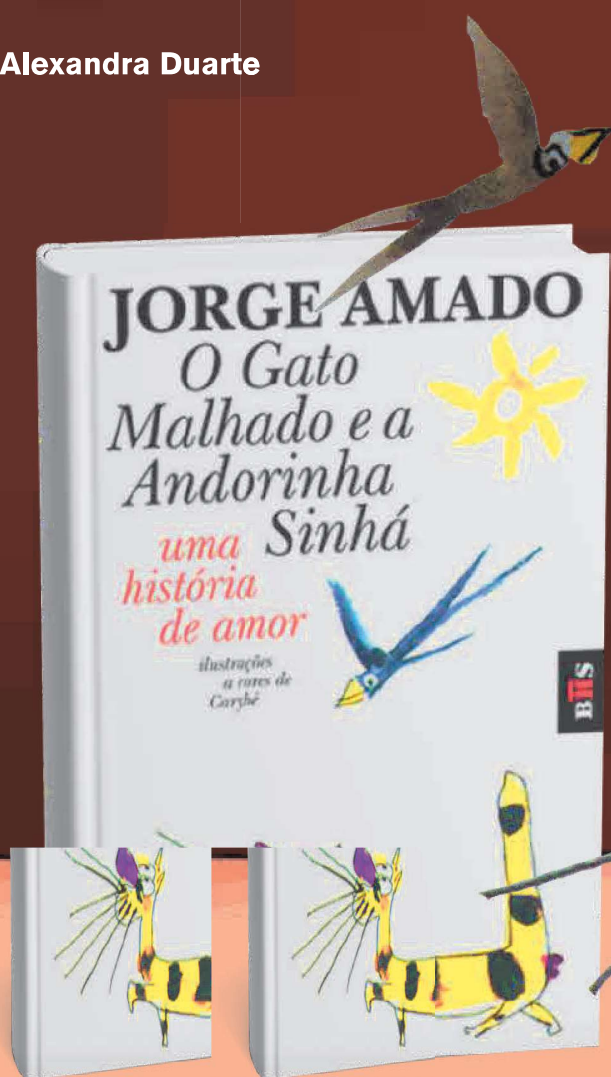
O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor

Jorge Amado

Li *O Gato Malhado e a Andorinha Sinhá: Uma História de Amor* há muitos anos e lembro-me bem de como fiquei fascinada com as personagens, a linda história de amor impossível, o final emocionante e de, ao virar a última página, ter pensado: "Como gostaria de ter escrito este livro!"

A história foi um presente do autor para o filho, no seu primeiro aniversário. Decorria o ano de 1948. Após a devastação de uma Guerra Mundial que reduziu a cinzas grande parte da Europa, nasceu uma das histórias de amor mais bonitas da literatura. Porém, o livro só seria publicado quase trinta anos depois, em 1976, quando esta vossa amiga tinha quase 3 anos e não imaginava que um gato e uma andorinha a fariam apaixonar-se pela literatura infantojuvenil.

A técnica narrativa de Jorge Amado é excecionalmente bela e criativa e apresenta-nos personagens que são animais ou outros elementos da natureza.



Esta fábula passa-se há muito tempo, numa época em que (como diz o autor de forma muito divertida) os animais ainda falavam, os cães eram amarrados com linguiça, alfaiates casavam com princesas e as crianças chegavam no bico das cegonhas. Era uma época mágica, portanto, na qual as crianças ainda não sofriam de ansiedade e depressão, nem tinham ataques de pânico por lhes tirarem o telemóvel.

Nessa época de tranquilidade e vagar, a própria Manhã era imune ao ritmo acelerado dos dias atuais. Deixava-se ficar na cama, avessa a horários rígidos, antes de, finalmente, apagar as estrelas com um beijo. O Vento, brincalhão e viajante, é apaixonado por ela e sabe o efeito que as histórias que escuta pelo mundo todo provocam na sua amada: emocionam, unem as pessoas e fazem-nas ansiar por mais.

O Tempo, pai da Manhã, ainda pensa em chamá-la à atenção por se esquecer das suas tarefas quando escuta as histórias do Vento, mas ele sabe bem a felicidade que estas provocam nela. Afinal, também ele, que é antiquíssimo, precisa de ouvir uma boa história de vez em quando para que a eternidade lhe pareça mais leve. Por isso, como condição para perdoar o desmazelo da filha, dispõe-se a escutar a história que ela ouviu da boca do Vento e provocou o seu último atraso. O Tempo promete oferecer-lhe uma rosa azul se a história for, de facto, boa.

Então, a Manhã começa o seu relato e não se detém nem quando o Tempo adormece porque a fábula a faz pensar no Vento, na sua voz meiga e nos seus olhos malandros.

Ficamos ainda a saber que o narrador escutou a história de amor entre o Gato Malhado e a Andorinha Sinhá do Sapo Cururu, velho amigo do Vento, que não compreende como pode este perder tanto tempo com histórias quando podia aproveitar para aprender artes mais úteis. Felizmente para nós, o narrador não partilhava da opinião do Sapo Cururu e decidiu eternizar em papel as palavras escutadas do Vento.

A história começa na Primavera, a estação do Amor, e o cenário é o Parque, local habitado por muitos e variados animais com algo em comum: ninguém gosta do Gato Malhado. É um animal feio, antipático e egoísta, sem modos nem delicadeza. Pelo menos, era assim que pensavam, mas nunca se preocuparam em falar com ele para perceber se os boatos eram verdadeiros. Tratavam de fugir ou de se esconder dele mal o avistavam e até as pedras se desviavam do seu caminho! Atribuíam-lhe atos verdadeiramente terríveis: desaparecimentos, ataques, mortes. Na realidade, o Gato Malhado era muito injustiçado e procurava manter os vizinhos seguros, mas quem se importava com isso? Da má fama, já ninguém o livrava.



Por outro lado, a Andorinha Sinhá era um animal adorado. Era linda, jovem e alegre, capaz de tornar os dias dos habitantes do Parque melhores, e é num desses dias bonitos de Primavera, em que as plantas se esticam ao sol, que a Andorinha Sinhá se mete com o malvado Gato Malhado. Apesar de pequenina, é destemida e provocadora, mas o Gato acha-lhe graça e a partir desse dia, em que consegue entrar no coração do animal mais detestado das redondezas, nunca mais saiu. Este será um amor incompreendido e a sociedade na qual se inserem não irá aceitar que duas criaturas tão diferentes, de espécies inimigas, possam estar enamoradas. Como poderiam amar-se dois animais que estão em polos opostos? Todos sabem que os gatos comem andorinhas e a linda ave vai sofrer com a oposição da família, que já escolhera o noivo ideal para ela.

Também o Gato sofre com a incompreensão dos outros, mas nada pode fazer contra o poder instituído. Incapaz de lidar com a separação, toma a mais drástica das decisões, dando a este livro um dos finais mais emocionantes da literatura.

Esta é uma história maravilhosa, contada de maneira magistral por Jorge Amado, com sentido de humor e perícia narrativa.

O autor apresenta-nos um desfile de personagens inesquecíveis. Além dos protagonistas, também habitam as páginas do livro galinhas, patos, pombos, cães, o Reverendo Papagaio, o Rouxinol, a Coruja e a Vaca Mocha, fiéis representantes de uma sociedade cujos defeitos são muito semelhantes aos dos homens.

O que podemos esperar de uma sociedade que não abençoa uma linda história de amor?

Lucinda Cunha

Alice no País das Maravilhas

Lewis Carroll

Alice no País das Maravilhas é um dos maiores clássicos da literatura mundial e o meu livro preferido para a infância. Neste pequeno texto, vou explicar-vos os motivos para ainda hoje ser uma história que me encanta.

A obra conta a história de Alice, uma menina curiosa e destemida, que decide seguir um coelho branco muito apressado, entra na sua toca e mergulha num poço que a leva a um mundo mágico, onde tudo é possível e nada obedece às regras da lógica.



No País das Maravilhas, Alice cruza-se com personagens inesquecíveis — o Gato de Cheshire, sempre a rir; o Chapeleiro Louco, que vive preso ao tempo; a autoritária Rainha de Copas; ou a misteriosa Lagarta fumadora. Estas figuras, tão caricatas e absurdas, continuam a habitar o nosso imaginário coletivo.

Muito se escreveu sobre o sentido da obra: para alguns, trata-se de uma metáfora sutil do mundo real, com críticas à sociedade britânica da época; para outros, é sobretudo uma narrativa de nonsense, feita para divertir e estimular a imaginação. Seja como for, Carroll conseguiu criar um livro que tanto fala com crianças como com adultos. Enquanto os mais pequenos se deixam encantar pela fantasia, os adultos encontram mensagens mais profundas — reflexões sobre identidade, normas sociais, tirania, injustiça ou a rapidez com que vivemos.

O fascínio da obra reside também na sua intemporalidade. Cada leitura traz novas interpretações e detalhes antes despercebidos, acompanhando o crescimento do leitor. Alice representa a curiosidade, a rebeldia e a recusa em aceitar um mundo rígido e sem sonhos.

A sua viagem é também uma metáfora do crescimento, marcada por crises de identidade, dúvidas e transformações, muito próximas da adolescência.

Mais de 160 anos depois, *Alice no País das Maravilhas* continua atual. O seu humor, criatividade e espírito subversivo fazem dela uma obra única, que revolucionou a literatura infantil ao abrir espaço para o absurdo, o humor e a imaginação. Com as ilustrações originais de John Tenniel, permanece um ícone cultural, traduzido em mais de 150 línguas e adaptado ao cinema, teatro, música e artes visuais.

Este é, sem dúvida, o meu livro preferido da infância: porque diverte e emociona, mas também porque nos lembra que nunca devemos perder a curiosidade, a imaginação e a coragem de questionar o que nos rodeia. No fundo, todos precisamos, de vez em quando, de visitar o nosso próprio País das Maravilhas.

Carina Novo



A Caveira

Jon Klassen

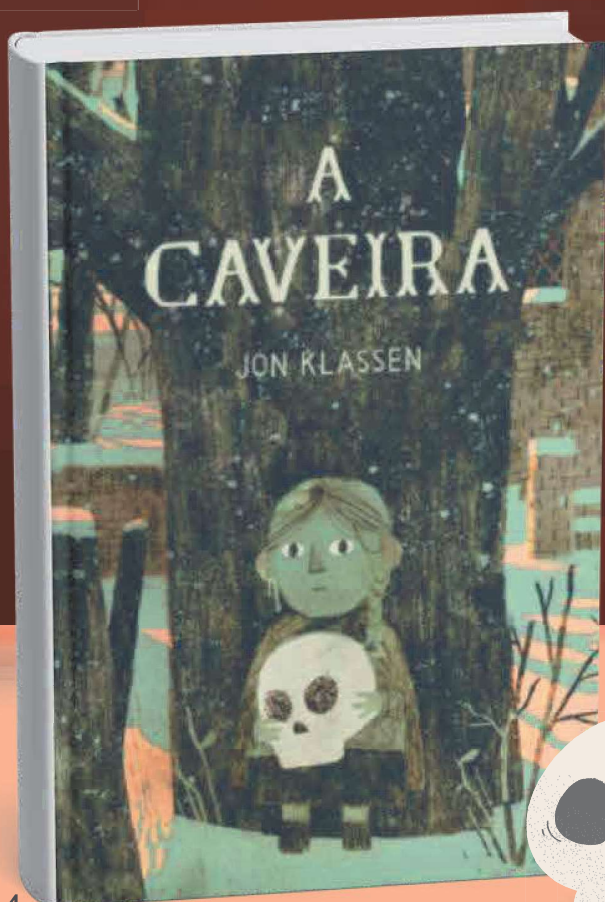
Fui desafiada a escrever sobre um livro infantil ou juvenil que li e que me marcou de alguma maneira. Obviamente, alguns dos livros que considero entre os meus preferidos apoderaram-se da minha mente: *O Príncipezinho*, *Alice no País das Maravilhas*, a coleção *Magia do Arco-Íris* e *O Peixe Arco-Íris*. Contudo, decidi explorar um livro que descobri recentemente.

Enquanto procurava um livro infantojuvenil para um projeto de mestrado, deparei-me com um dos títulos da coleção **Orfeu Mini**, da editora **Orfeu Negro**. As suas ilustrações peculiares e o título foram tudo o que precisei para o escolher. Para esta rubrica, escolhi apresentar *A Caveira*, de Jon Klassen.

Nesta história arrepiantemente bela, seguimos a nossa personagem principal, Otilia, que, durante uma noite, foge sorrateiramente. Corre por entre árvores despidas de folhas, atravessa a escuridão assustadora, enfrenta ventos frios e a neve gelada que a tenta impedir de colocar um pé à frente do outro. Longe de tudo e de todos, Otilia encontra uma casa colossal que aparenta estar abandonada; contudo, é surpreendida ao avistar, numa das janelas, a sua anfitriã muito peculiar: uma caveira. Deste encontro inesperado nasce uma amizade mágica e ternurenta.

Porém, a vida na casa gigante e abandonada não será calma, pois a caveira vive em aflição: todas as noites, um esqueleto sem cabeça a persegue até ao nascer do sol. Otilia promete ajudar a sua nova amiga, mas como conseguirão livrar-se deste pesadelo? Como não quero dar *spoilers*, terão de ler esta história para descobrir.

Jon Klassen encontrou este conto numa biblioteca do Alasca e, desde então, a história permaneceu na sua mente. Todavia, o seu cérebro alterou partes do enredo — nomeadamente o final —, criando assim uma nova versão deste conto popular tirolês. Trata-se de uma narrativa que explora temas como o sobrenatural, o medo, a coragem, a solidão, a companhia, a amizade e até a morte, recorrendo a símbolos como a caveira e o esqueleto.



Mas Klassen não permite que o peso de alguns destes temas torne o livro numa experiência densa ou difícil para o leitor. O autor cria um equilíbrio através das suas ilustrações características — um aspeto que, como mencionei, me atraiu de imediato para o livro. Estas imagens transmitem camadas de humor, ironia, espanto, tensão, ternura e até terror, oferecendo ao leitor um elemento visual que o guia pelo mundo belo e misterioso de Otilia. Para além dos temas mencionados, ao escolher recontar este conto popular tirolês, Jon Klassen explora a natureza transformadora e oral característica dos contos tradicionais.

Conhecidos por serem passados de geração em geração através da oralidade, estes relatos encontram-se em constante mudança — confirmando o nosso ditado popular: Quem conta um conto, acrescenta um ponto.

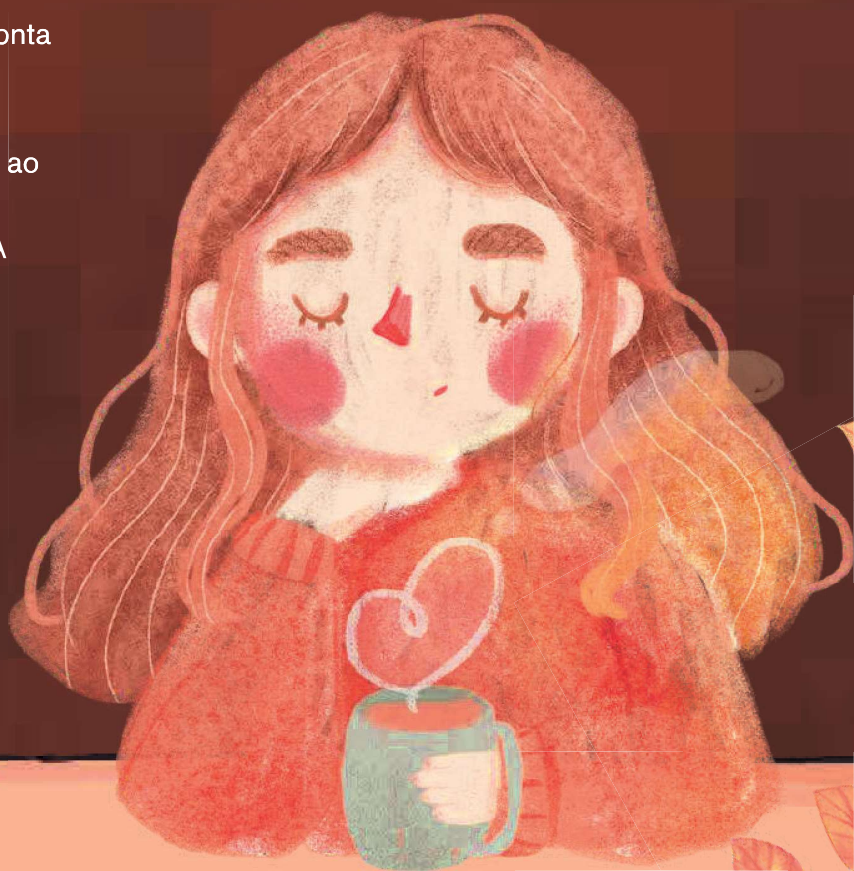
Se procuram uma história aconchegante, mas ao mesmo tempo misteriosa e um pouco assustadora para ler neste outono e inverno, *A Caveira*, de Jon Klassen, é o livro ideal!

Joana Inácio

Fairy Oak: Flox Sorri no Outono

Elisabetta Gnone

Para esta rubrica, fomos desafiados com o seguinte: destacar um livro cujas palavras tiveram um impacto na nossa infância. Palavras que deixaram a sua marca — que moldaram a nossa pessoa. Eu ponderei, ponderei e ponderei, escavando pelos recantos mais fundos da minha mente, em busca do TAL. Um a um, descartei as opções que me apareciam à frente, as memórias não tão nítidas, as emoções não tão fortes... Até que, ao vasculhar a minha pequena biblioteca, ali estavam, douradas com o tempo: *Fairy Oak*, uma coleção de 7 livros de **Elisabetta Gnone**.



Em poucas palavras, somos levados para uma antiga aldeia chamada Fairy Oak, mais concretamente, uma comunidade deveras excêntrica e extraordinária, onde a normalidade é diferente. Uma comunidade onde os Não-Mágicos vivem em paz e harmonia com os Mágicos – feiticeiras, magos e um enorme carvalho falante. Ao entrar neste mundo mágico, conhecemos a narradora, uma jovem fada chamada Telli, que é contratada para ser a *babysitter* de duas gémeas, Baunilha e Pervinca. Ao tomar conta delas, Telli acompanha-as nas suas aventuras, vendo-as a aperfeiçoar a sua magia, a fazer novas amizades e a crescer ao seu ritmo, pois é isso de que estes livros se tratam maioritariamente. A fase de crescimento. A passagem da infância para a adolescência.

Comparado com os restantes livros que lia de outros autores, o mundo de Fairy Oak e as palavras da autora continham algo mais... profundo e belo. O que me chamava mais a atenção não era a ação ou a falta desta, mas sim o olho para os detalhes, descrevendo tudo ao pormenor – cada fio de tecido, cada tijolo de uma casa, cada asa de uma borboleta, cada folha ao

vento – e a graça e o encanto das pequenas coisas do dia-a-dia, como a arte de coser, o casamento das cores, o romper da aurora, o malabarismo com os números, a inocência das brincadeiras, a poesia das palavras, a ferocidade das ondas, o aroma a cogumelos, o cheiro da chuva, os padrões de um escaravelho...

Já lá vai algum tempo desde que pus pé no mundo de Fairy Oak, a sequência de eventos coberta em névoa. Apenas as emoções e as sensações ficaram, lutando contra o desgaste do tempo. Uma história cheia de cores, de magia, de serenidade, de familiaridade e de conforto. Por isso, de forma a refrescar as minhas memórias, achei apropriado reler e recomendar um dos meus episódios favoritos da saga: *Flox Sorri no Outono*.

Quando o Outono bate à porta de *Fairy Oak*, estranhos acontecimentos desenrolam-se, mais do que o normal: protestos em ninhos de cegonha, pestanas que não param de crescer, cabelos em pé, fendas abrindo-se no meio de uma sala de aula, bolas com vida própria... Tudo indica que se trata da doença "Dança das Loucuras das Estações".



Com isso, as gémeas e a sua trupe de amigos estão determinados em desvendar este mistério, principalmente o caso da figura misteriosa que parece passar todas as noites nos subterrâneos. Uma vez que entramos no outono, achei que *Flox Sorri no Outono* seria o livro perfeito para conhecer *Fairy Oak* e celebrar a estação das cores, já para não falar que as ilustrações não desiludem, delicadas que são com detalhes de tirar o fôlego.

A meu ver, esta viagem ao passado não só me fez bem, como me fez recordar a minha paixão pela leitura.

São páginas atrás de páginas sobre o crescimento pessoal, o contacto com a natureza e a descrição da prática da magia na sua forma mais pura. Em suma, *Fairy Oak* foi criada para que os seus pequenos e jovens leitores aprendessem a sentir e a apreciar os breves momentos da vida.

Eventualmente, se olharmos com atenção para a simplicidade das coisas, reparamos na beleza da vida em toda a sua plenitude.

Raquel Seïça



DO LIVRO PARA A TELA



Clube dos Poetas Mortos

Realizador: Peter Weir

Ano/Origem: 1989, EUA

Elenco: Robin Williams, Robert Sean Leonard, Ethan Hawke

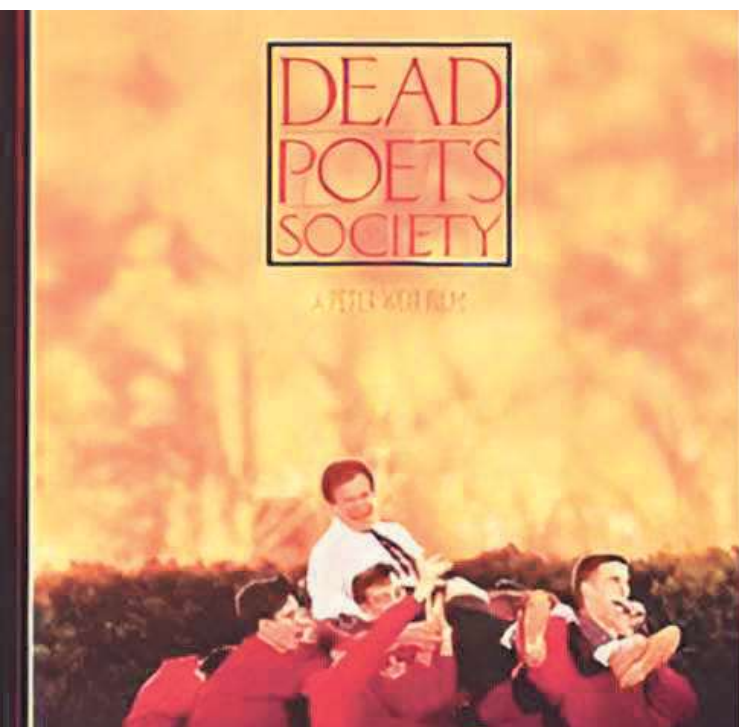
Título Original: *Dead Poets Society*

A obra cinematográfica narra a história de John Keating, professor de literatura, que começa a dar aulas num colégio marcadamente elitista. Os valores da liberdade de pensamento e de expressão, defendidos pelo professor, marcam um grupo de alunos, felizes por encontrarem alguém que lhes oferece a possibilidade de autodeterminação e de fuga aos valores repressivos da escola.

Após descobrirem que Keating é ex-aluno do colégio e que, nessa época, fizera parte de um clube secreto — o clube dos poetas mortos — os jovens decidem imitá-lo. Passam, assim, a reunir-se, secretamente, numa gruta, onde através da poesia resgatam o tema do clube “Carpe Diem” (aproveita a vida). Mais tarde, após o suicídio de um colega, reprimido pelo pai, o professor é expulso do colégio, numa tentativa de trazer de volta os valores tradicionais. Contudo, a luz interior que o professor despertou no grupo de jovens manter-se-á, mesmo após a sua saída.

Fonte: Wikipédia

Fonte: Allaboutfilm.co.za



O Carteiro de Pablo Neruda

Realizador: Michael Radford

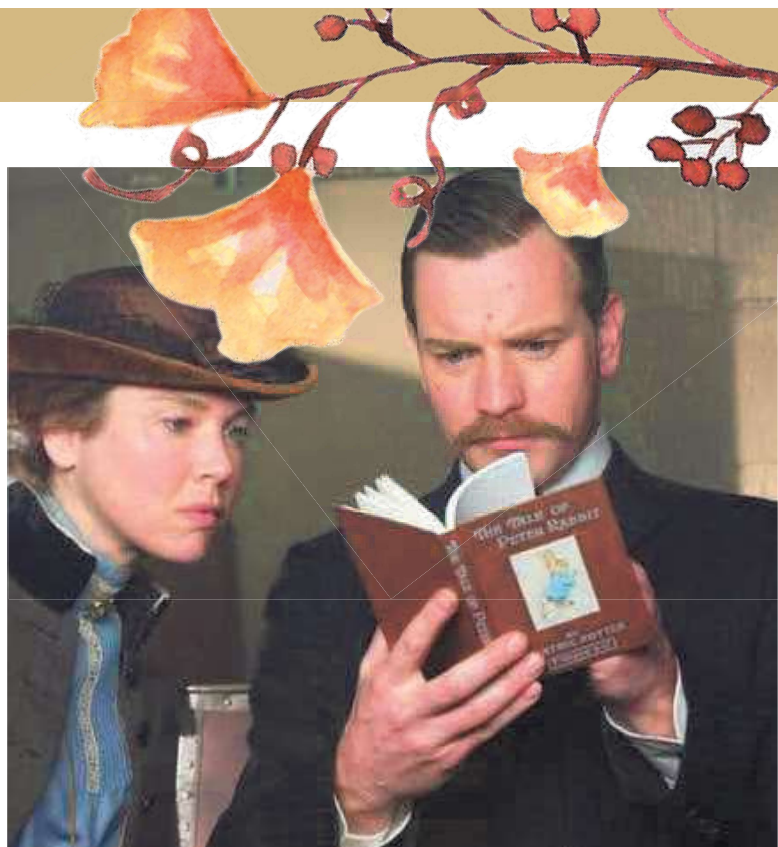
Ano/Origem: 1994, Itália, Bélgica, França

Elenco: Massimo Troisi, Philippe Noiret

Título Original: *Il Postino*

Inspirado no livro de António Skármeta, escrito em 1985, o filme, uma comédia romântica, relata a peculiar relação que se desenvolve entre o carteiro Mario Jimenez e o escritor Pablo Neruda. Tudo começa quando o poeta, por razões políticas, se exila numa ilha em Itália. Mario, pescador desempregado, é contratado como carteiro, para entregar as cartas que o poeta recebe. Admirador de Neruda, o carteiro espera que um dia o poeta lhe dedique um livro ou lhe conceda alguma atenção. A relação de amizade entre os dois começa a evoluir, quando Neruda, sabedor da paixão de Mario por uma jovem, Beatrice, o ajuda a revelar os seus sentimentos através da poesia. Mario, embora quase analfabeto, começa, então, a procurar metáforas em tudo o que o rodeia, para escrever as suas cartas de amor. O ator Massimo Troisi, o carteiro, que também participou na realização, queria tanto interpretar o papel que decidiu adiar uma cirurgia ao coração; viria a falecer 12 horas após o término das filmagens.

Fonte: Arte-factos.net



Fonte: Mubi.com

O Mundo Encantado de Beatrix Potter

Realizador: Chris Noonan

Ano/Origem: 2006, Reino-Unido, EUA

Elenco: Renée Zellweger, Ewan McGregor, Lloyd Owen

Título Original: *Miss Potter*

O filme desvenda a história de Beatrix Potter, autora inglesa de histórias infantis, conhecida sobretudo pela sua personagem Pedrito Coelho. A escritora e ilustradora começa a sua caminhada ao publicar com sucesso as histórias infantis que escreveu e ilustrou, numa época em que a literatura infantil e juvenil não era ainda considerada. A obra apresenta pinceladas de animação, em cenas onde as personagens de Beatrix Potter saltam dos livros e ganham vida, interagindo com ela e aludindo à sua fértil imaginação. Graças à fortuna que acumula com a venda dos livros, ela vem a adquirir várias terras na zona rural inglesa, preservando-as e conseguindo transformá-las em áreas protegidas.

O Escritor Fantasma

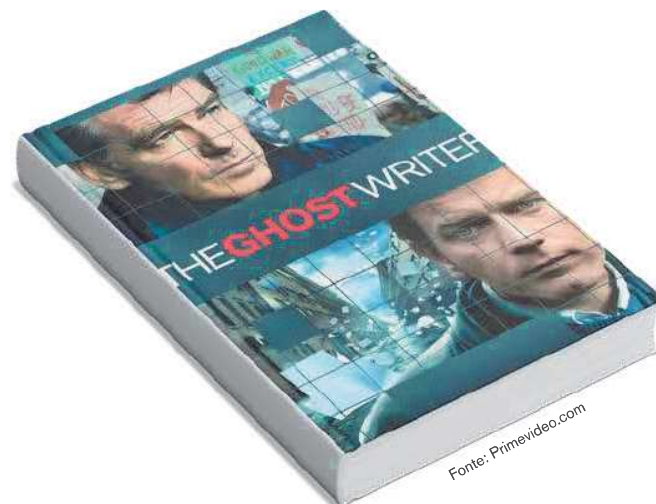
Realizador: Roman Polanski

Ano/Origem: 2010, França, Alemanha, Reino Unido

Elenco: Ewan McGregor, Pierce Brosnan, Olivia Williams, Kim Cattrall

Título Original: *The Ghost Writer*

Inspirado na obra *The Ghost*, de Robert Harris, lançado em 2007, este thriller político apresenta-nos um escritor-fantasma de sucesso, que é contratado para concluir a biografia do ex-primeiro-ministro Adam Lang, trabalho que teria sido iniciado por outro escritor, falecido acidentalmente. O escritor-fantasma, que no filme não tem nome, viaja para uma ilha onde Lang vive, quase em isolamento, na companhia da esposa e da assistente pessoal. O que, inicialmente, parecia ser uma oportunidade no mundo literário, irá revelar-se uma ameaça, devido à divulgação nos meios de comunicação, de um suposto envolvimento do ex-primeiro-ministro em crimes de guerra e espionagem. Entretanto, ao avançar na escrita da biografia, o escritor-fantasma descobre o que poderá ser um conjunto de mensagens encriptadas, deixadas no manuscrito pelo antecessor e que poderão ter levado à sua morte, afinal nada accidental.



As Palavras

Realizador: Brian Klugman e Lee Sternthal

Ano/Origem: 2012, EUA

Elenco: Bradley Cooper, Jeremy Irons, Dennis Quaid, Zoe Saldña, Olivia Wilde

Título Original: *The Words*

Neste filme, o autor Clayton Hammond faz a apresentação do seu novo livro, *The Words*, perante uma plateia atenta. A narração da história do livro é o enredo principal do filme — aqui vamos conhecer o protagonista Rory Jansen, um escritor em busca de sucesso, que não consegue publicar. Certo dia, ele encontra, por acaso, um manuscrito perdido dentro de uma mala, numa loja de antiguidades. Decide publicá-lo como sendo seu. A obra revela-se um enorme sucesso e Rory inicia uma série de apresentações, de modo a promover e divulgar o livro, até que, num desses eventos, lhe aparece um homem que se apresenta como o autor do manuscrito perdido. Surge, assim, o dilema moral que consome Rory Jansen, levando-o a equacionar o que deve fazer: corrigir o erro ou manter a fraude. O filme retoma, no final, a apresentação de Clayton Hammond, que iniciou a história, onde descobrimos que, afinal, o livro *The Words*, poderá ser autobiográfico e a personagem Rory Jansen poderá ser o próprio Clayton Hammond.





Fonte: Wikipedia

Goosebumps: Arrepios

Realizador: Rob Letterman

Ano/Origem: 2015, EUA

Elenco: Jack Black, Dylan Minnette, Odeya Rush

Título Original: *Goosebumps*

"Goosebumps: Arrepios" é um filme de comédia que estreou em 2015. Este filme (e o segundo, lançado em 2018) inspiraram-se na série de livros *Goosebumps* (62 no total), de R. L. Stine, escritos entre 1992 e 1997. Nesta história, acompanhamos o adolescente Zach, que se apaixona por Hannah. Estranhando o facto de a jovem nunca sair de casa, vem a saber que o pai é R. L. Stine, autor dos livros *Goosebumps*. Só mais tarde descobre o motivo da reclusão da jovem e do pai: o autor tem de manter as suas personagens — monstros e outras criaturas malvadas — presas dentro dos seus manuscritos, para evitar que destruam a cidade. Contudo, quando um colega de escola, Champ, abre acidentalmente um dos livros, os monstros escapam para o mundo real, causando uma verdadeira confusão. Zach, Hannah e o pai, veem-se, então, obrigados a capturar aqueles seres maléficos, para segurança de todos. Assistimos, assim, a uma série de situações divertidas, onde as personagens se unem e entendem a importância de confrontar os próprios medos.

A Livraria

Realizador: Isabel Coixet

Ano/Origem: 2017, Reino Unido, Espanha e Alemanha

Elenco: Emily Mortimer, Patricia Clarkson, Bill Nighy

Título Original: *The Bookshop*

Este filme teve como base o romance de Penelope Fitzgerald, *The Bookshop*, escrito em 1978. A história passa-se na década de 1950 em Inglaterra, onde a viúva Verónica decide abrir uma livraria, na pequena cidade de Hardborough, pretendendo com isso oferecer um espaço cultural e de abertura intelectual. Mas quando ela tenta estabelecer o seu negócio e promover a literatura, depara com uma forte oposição por parte de alguns cidadãos, que preferem manter a cidade mais tradicional. Ao longo da narrativa, encontramos Verónica a lutar para manter a livraria aberta, resistindo sempre às adversidades. Nesta adaptação são abordados temas como a independência da mulher, a paixão pelos livros, a importância da integração numa comunidade e, sobretudo, a importância de não desistir dos sonhos.

Fonte: The moviedatabase



Memórias de uma Falsificadora Literária

Realizador: Marielle Heller

Ano/Origem: 2018, EUA

Elenco: Melissa McCarthy, Richard E. Grant

Título Original: *Can you ever forgive me?*

Can You Ever Forgive Me? — Memórias de uma Falsificadora Literária é uma adaptação do livro *Can You Ever Forgive Me?* de Lee Israel, publicado em 2008. Trata-se da história verídica da autora que, nas décadas de 70 e 80, escreveu biografias de celebridades como Katharine Hepburn e Estee Lauder, entre outras. Devido ao fracasso comercial da última biografia, a autora deparou-se com graves problemas financeiros, sofrendo também de bloqueio criativo. Ajudada por Jack, seu leal amigo, lembra-se, então, de vender uma carta pessoal que a atriz Katharine Hepburn lhe tinha escrito. A partir daí, Lee começa a forjar cartas de escritores e atores já falecidos, acrescentando informação inventada por ela, de modo a tornar as cartas mais apelativas e lucrativas. A história narrada no filme é uma combinação feliz de tragédia e comédia, sustentada por personagens que, embora transgressoras, também nos emocionam.

Fonte: Screen Rant



A Sociedade Literária e a Torta de Casca de Batata

Realizador: Mike Newell

Ano/Origem: 2018, França, Reino Unido

Elenco: Lily James, Michiel Huisman

Título Original: *The Guernsey Literary and Potato Peel Pie Society*

A história, trazida do livro com o mesmo nome escrito por Mary Ann Shaffer e Annie Barrows, leva-nos à ilha de Guernsey, durante a Segunda Guerra Mundial. A jovem escritora Juliet Ashton, residente em Londres, recebe, certo dia, uma carta de um habitante da ilha, ocupada pelos nazis, que lhe conta como alguns habitantes fundaram uma sociedade literária secreta. Juliet decide visitar Guernsey e conhecer os membros do clube. Irá, então, estabelecer uma relação com os moradores da ilha, que lhe desvendam as suas experiências em tempo de guerra e que lhe contam como a sociedade literária é uma forma de expressão e resistência. O nome escolhido pelos membros — a torta de casca de batata — simboliza a pobreza e dificuldades enfrentadas pelos cidadãos durante a guerra, surgindo no filme, também, como símbolo de união e de partilha.

Fonte: Cafecomfilme.br



Os Tradutores

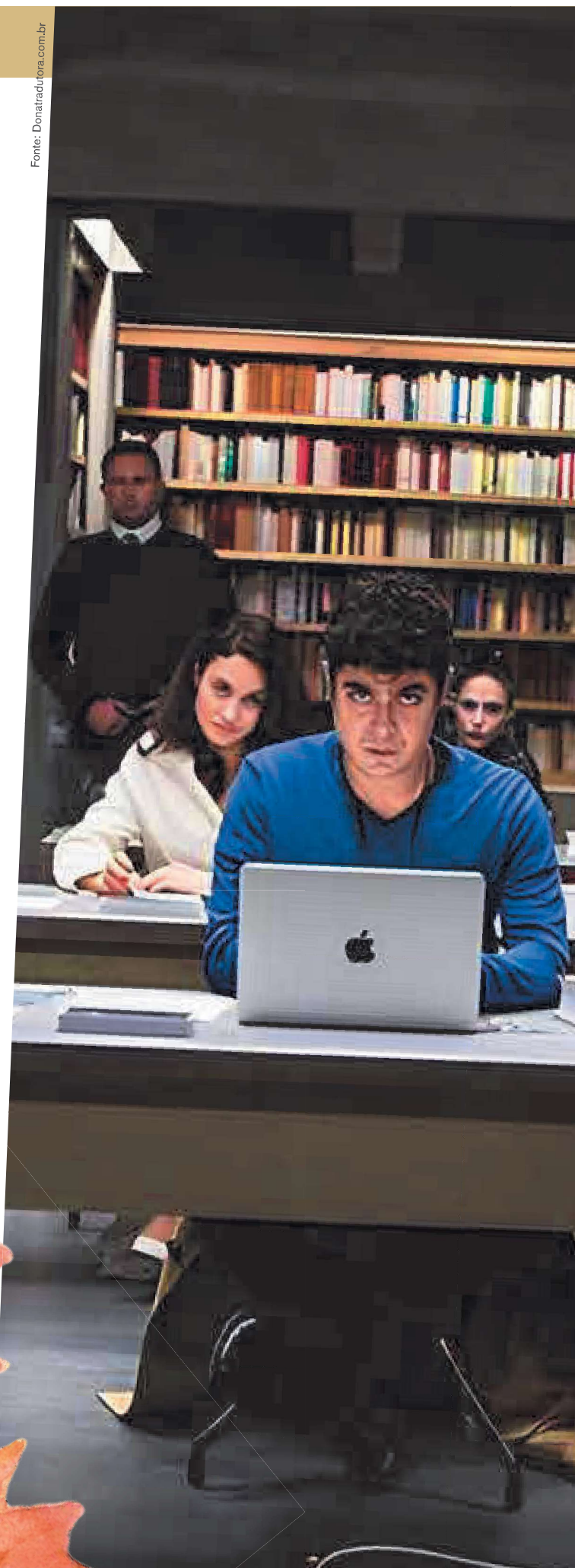
Realizador: Regis Roinsard

Ano/Origem: 2021, França, Bélgica

Elenco: Lambert Wilson, Alex Lawther,

Título Original: *Les Traducteurs*

Este filme é um thriller que apresenta no cerne da história 9 tradutores. De modo a traduzir o novo volume de um autor que vive em reclusão, são contratados 9 profissionais para, em simultâneo, traduzirem o manuscrito do original francês para as suas línguas: inglês, alemão, russo, português, dinamarquês, mandarim, espanhol, grego e italiano. Devido ao mistério que envolve a identidade do autor, a obra é esperada com grande ansiedade. Para evitar fugas sobre a nova história, os tradutores aceitam ficar fechados numa espécie de “bunker”, sem qualquer ligação com o exterior. Para a tradução, terão à disposição enciclopédias, dicionários, glossários, mas nenhum acesso à internet ou a outras tecnologias. Passado algum tempo, o editor recebe uma mensagem indicando que as 10 primeiras páginas da obra foram publicadas na internet e que, caso não pague 5 milhões de euros, mais 100 páginas serão divulgadas. O suspense desenvolve-se, já que se presume que o autor da chantagem poderá ser um dos tradutores. A questão, contudo, que se apresenta é: como o poderá ter feito, sem acesso a qualquer contacto com o exterior?





CURTAS-METRAGENS DE ANIMAÇÃO

Os Fantásticos Livros Voadores do Sr. Morris Lessmore

Realizador: Brandon Oldenburg e William Joyce

Ano/Origem: 2011, EUA

Título Original: *The Fantastic Flying Books of Mr. Morris Lessmore*

A obra, vencedora do Oscar de melhor curta-metragem de animação em 2012, traz-nos o Sr. Morris Lessmore, um escritor solitário, apaixonado por livros. Quando a sua cidade é devastada por um furacão, ele é atirado para outro mundo, onde encontra uma biblioteca mágica repleta de livros vivos e cheios de personalidade. Tornando-se o responsável pela biblioteca, o Sr. Lessmore deve alimentá-los, vesti-los e, pelo meio, até realiza uma

cirurgia num livro que se encontra desfolhado. As imagens do furacão, elevando no ar a casa do protagonista, lembram-nos O Feiticeiro de OZ, na mesma sequência que leva a personagem Dorothy até ao novo mundo. O uso da imagem a preto e branco nas cenas do furacão, contrasta com a cor do universo livresco onde se encontra a biblioteca mágica. A obra celebra a importância dos livros, da leitura e do poder imaginativo do ser humano. Para finalizar, uma curiosidade: a figura do Sr. Morris Lessmore foi inspirada no ator Buster Keaton, conhecido sobretudo dos filmes mudos, nos anos 20 do século passado. Podes ver em:

https://www.youtube.com/watch?v=LjkdEvMM5xs&list=RDLjkdEvMM5xs&start_radio=1

Fonte: Mnstate Edu



A Menina que Odiava Livros

Realizador: Jo Meuris

Ano/Origem: 2006, Canadá

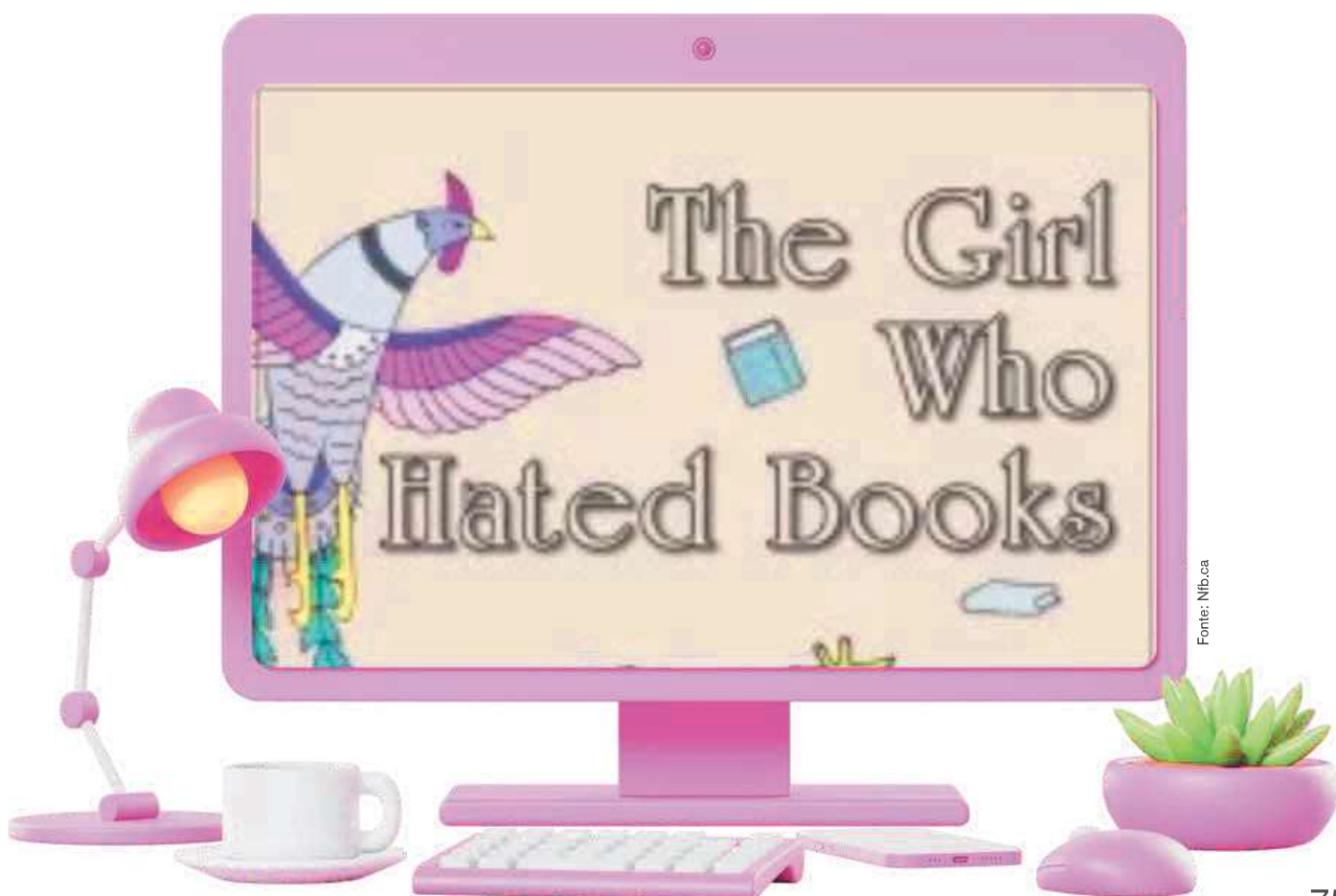
Título Original: *The girl who hated books*

Nesta história conhecemos Meena, uma menina que detestava livros, apesar de estar rodeada por eles. Os pais, ávidos leitores, tinham livros por toda a casa, nos armários, nas escadas, nas prateleiras.

Um dia, o gato de Meena derruba, acidentalmente, uma grande pilha de livros, fazendo com que animais e outros seres maravilhosos saltassem das páginas. Para poderem regressar ao seu lugar era preciso que alguém lesse as histórias.

Assim, Meena leu, um após outro, os livros abertos, para que cada personagem pudesse voltar a casa. A menina entendeu, por fim, que as histórias não eram apenas palavras e que, em cada leitura, descobria mundos e novas personagens que trazem magia à vida. A curta-metragem foi inspirada no livro de Manjusha Pawagi e Leanne Franson. Podes ver em:

https://www.youtube.com/watch?v=6pMJ9_tJW5k



Fonte: Nfb.ca

DOS LIVROS PARA A MÚSICA



Música: **Busca Vida**

Grupo/cantor: Os Paralamas do Sucesso

Livro: *O Príncipezinho*

Os Paralamas do Sucesso é uma banda de rock brasileira formada em 1982. A canção “Busca Vida”, lançada em 1996, inspira-se na jornada do pequeno príncipe, na sua procura da felicidade e fuga à solidão. O grupo musical pretendia abordar a importância de nos conhecermos e darmos significado às nossas vivências, referindo ainda que, por vezes, a busca pelo sucesso material pode afastar as pessoas do lado mais autêntico da vida. Podes ouvir em:

[https://www.youtube.com/watch?v=LtSkEyg2ST4&list=RDLtSkEyg2ST4&start_radio=](https://www.youtube.com/watch?v=LtSkEyg2ST4&list=RDLtSkEyg2ST4&start_radio=1)

1



Fonte: Ciência Viva.org.br

Monte Castelo Legião Urbana



Música: **Monte Castelo**

Grupo/cantor: Legião Urbana

Poema: Amor é fogo que arde sem se ver

Legião Urbana foi um grupo de rock brasileiro, que se formou em 1982. A canção “Monte Castelo”, lançada em 1989, teve entre outras fontes de inspiração, o poeta Luís de Camões e o seu poema “Amor é fogo que arde sem se ver”. Alguns versos da poesia integram a música, que pretende enaltecer o valor do amor, as suas contradições e o seu poder transformador. Podes ouvir em:

<https://www.youtube.com/watch?v=ArcaQkt0bhA>

Fonte: Divulgação



Música: **Lucy in the sky with diamonds**

Grupo/cantor: Beatles

Livro: *Alice no País das Maravilhas*

Os Beatles, a conhecida banda de Liverpool, lançaram a canção em 1967. Embora lhe sejam atribuídas várias origens, John Lennon indicou que a ideia para a letra teve origem num desenho que o filho Julian fez na escola para a colega Lucy; o cantor afirmou ainda que o imaginário *nonsense* de *Alice no País das Maravilhas* terá estado presente na composição da música, já que era grande fã do livro. Podes ouvir em:

https://www.youtube.com/watch?v=UB5oH8i5DFQ&list=RDUB5oH8i5DFQ&start_radio=1

Fonte: Facebook

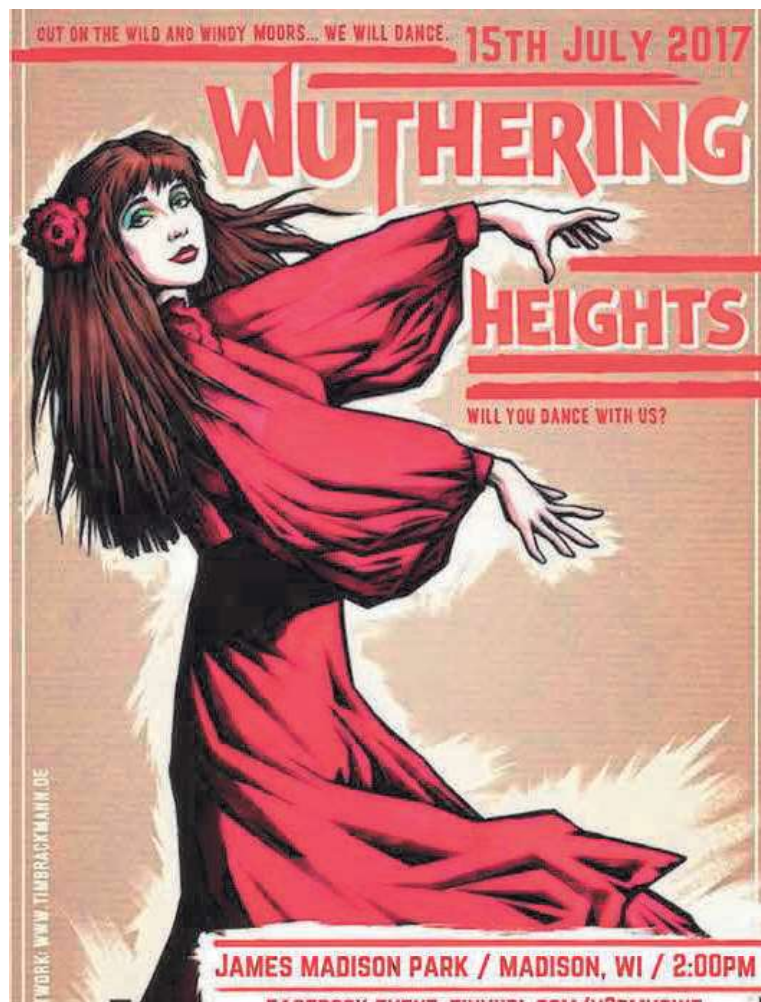
Música: **Wuthering Heights**

Grupo/cantor: Kate Bush

Livro: *O Monte dos Vendavais*

Kate Bush escreveu a canção, numa noite apenas, quando tinha 18 anos, inspirada pela adaptação cinematográfica de 1967. O filme levou-a depois a ler o livro. A música foi lançada em 1978 e é cantada do ponto de vista da protagonista feminina, incluindo, até, algumas falas do livro de Emily Brontë. Podes ouvir em:

https://www.youtube.com/watch?v=IC6V0d0z3Qk&list=RDIC6V0d0z3Qk&start_radio=1



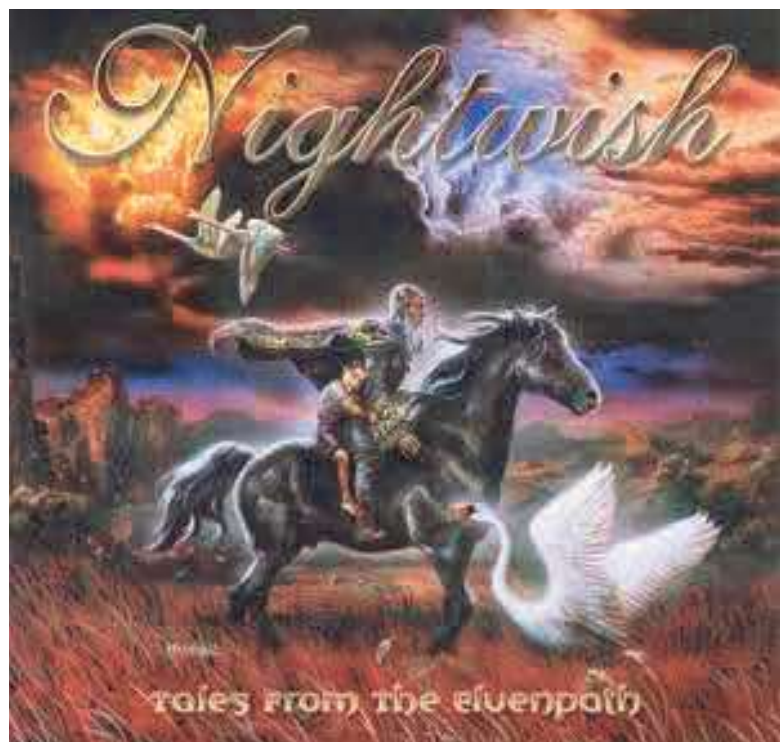
Música: **Elvenpath**

Grupo/cantor: Nightwish

Livro: O Senhor dos Anéis

Nightwish é uma banda finlandesa de metal sinfónico, formada em 1996. "Elvenpath", que se pode traduzir por caminho élfico, é a primeira canção do primeiro álbum do grupo, lançado em 1997. A música inclui excertos que fazem alusão à obra de J.R.R. Tolkien e revela-se como uma celebração da imaginação humana e da sua capacidade para criar mundos desconhecidos. Podes ouvir em:

https://www.youtube.com/watch?v=9h6zNs2u5EI&list=RD9h6zNs2u5EI&start_radio=1



Música: **Hook**

Grupo/cantor: Minnie Birch

Livro: *Peter Pan*

Minnie Birch é uma cantora de música folk, oriunda do Reino Unido. A sua canção "Hook", lançada em fevereiro de 2025, inspirou-se no Capitão Gancho (Hook, no original), vilão do livro *Peter Pan*. A música reflete sobre questões como a passagem do tempo e as pressões constantes de uma sociedade que impõe padrões e valores. Podes ouvir em:

https://www.youtube.com/watch?v=PTTDX9Qpo0o&list=RDPTTDX9Qpo0o&start_radio=1

Alexandra Duarte

CRÓNICAS/ PODCASTS/EVENTOS



INFLUENCERS:

Os novos críticos literários ou apenas vendedores de livros?

Era uma vez um crítico literário. Lia o livro, sublinhava, anotava, cruzava referências. Escrevia um texto longo, denso, por vezes hermético, que saía no jornal ao domingo. Fazia e desfazia reputações. Era temido e respeitado. Depois veio a internet. Depois vieram os blogues. Depois vieram os *youtubers*, os *booktokers* e os *influencers*.

Hoje, a crítica literária tem cabelo azul, fala para a câmara com um gato ao colo e começa o vídeo com “Oi, gente!”.

A pergunta impõe-se: **os influencers são críticos literários?**

Depende. Se crítica for apenas opinião, então sim — e qualquer leitor o é. Mas se crítica for leitura aprofundada, contextualizada, com referências cruzadas e reflexão estética, então... talvez nem sempre.

Os *influencers*, na maioria, não querem julgar: querem partilhar. Não pretendem desmontar a obra, mas gerar empatia, entusiasmo, criar comunidade. A crítica clássica visava a análise; os *influencers* visam a adesão.

Há quem torça o nariz, como quem sente que a literatura está a ser trocada por carrosséis de Instagram e vídeos de 30 segundos no TikTok. Mas não sejamos elitistas: a história da literatura está cheia de leitores entusiastas que não sabiam dizer o que era um anacoluto. E, sejamos justos, há *influencers* que vão além da superfície: leem a obra, pensam-na, questionam-na, colocam-na em diálogo com outras leituras. Só que o fazem com uma linguagem nova, imediata, emocional, onde a estética do vídeo importa tanto como a opinião expressa.



O risco está na transformação da crítica em consumo.

Quando um *influencer*, pago por uma editora, diz que adorou *aquele livro incrível, pessoal, juro que vocês vão amar*, estamos no território da recomendação comercial, não da crítica literária. É como confundir o vendedor da loja com o crítico gastronómico.

Mas há também algo de bonito nisto tudo. Nunca se leu tanto por influência de quem não vem da academia. Nunca tantos jovens se emocionaram com livros por causa de um vídeo filmado num quarto desarrumado. E isso, convenhamos, é um feito. A crítica literária, para sobreviver, talvez tenha de aceitar estas novas formas de existência. Não como substituição, mas como extensão.

No fundo, talvez estejamos a viver um tempo de transição.

Onde o crítico literário e o *influencer* não se excluem, mas coexistem.

Um analisa, o outro entusiasma.

Um pensa, o outro aproxima.

Um escreve em jornais, o outro fala no TikTok.

E talvez ambos sejam necessários — para que a literatura continue a ser lida, sentida e pensada.

Porque, no fim das contas, o mais importante não é quem fala do livro.

É que alguém fale.

E que alguém leia.

João Manuel Ribeiro

**Há influencers que vão além da superfície:
leem a obra, pensam-na, questionam-na,
colocam-na em diálogo com outras leituras.**

Fonte: Canva





A PALAVRA É T A!

A Gaveta

de Manuela Vieira

Ei, Papel!

Estava cheio de medo. Pensava que seria um frete. Imagina tu, duas horas sentado ao lado de um morto-vivo. Bom, não era uma pessoa qualquer, era o meu avô.

A minha mãe avisou-me de que este mês iria sobrar para mim. Das 16h às 18h teria de ficar sentado ao lado dele. Todos os dias. Ela arranhou um segundo trabalho e alguém precisava de cuidar do avô.

No início pensei que seria brega, mas depois, refleti melhor pois a minha mãe iria deixar-me ficar com o telemóvel. Nem sequer havia muito que fazer. Estava acamado, só teria de o virar uma vez ou duas. Falava pouco, às vezes babava-se e passar um lenço também é fácil. Usava fraldas, não preciso de me preocupar. Pensava eu que seriam duas horitas ao telemóvel. Topas? Mas não, não foi isso que me aconteceu.

Conto

Sentei-me ao lado da cama e, é claro, não peguei logo no telemóvel. Pus-me a observar as mãos dele. Fiquei impressionado. Lembrei-me dos dias em que o via a tocar piano.

Dedos compridos, que conheciam as teclas, como se fizessem parte do seu esqueleto.

Brilhante! Um fenómeno, meu. Tocava mesmo bem.

Agora, as mãos são pele e osso. Mais pele. Muita. A pele é tal e qual as escadas da torre da igreja: cheia de degraus, pequenos e altos, madeira antiga a ranger. Ou talvez como a vaga das sete ondas que contas quando fazes surf. Quero dizer faço, pois tu não passas de papel. És um papel fixe.

Digo-te, todo ele é museu. Museu de corpo inteiro, repleto de antiguidades. Os olhos, enfiados nas órbitas, parecem querer fugir-lhe. Ou melhor, tudo lhe foge. Fiquei com pena. Foi aí que resolvi não lhe fugir, também. Coloquei o telemóvel em cima da perna. Deixei-me levar pelos pensamentos: viajei no tempo das guloseimas, das idas ao circo... o velhote foi muito fixe.

Nem acreditas, Papel, o avô topou-me. Fez-me um sinal para eu me aproximar. Cheguei perto e ouvi-o a perguntar: O que vês?

A PALAVRA É T A!

Claro que não disse o que estava a ver! Disse-lhe que via o meu querido avô.

Ele sorriu e perguntou de novo: Estás cego?

Sorri também. Mas achas que devia dizer que via um velho acabado? Por caridade, não ia dizer isso, não achas, Papel?

Ele percebeu o meu embaraço. Disse:

— Pergunta a isso aí (apontou para o telemóvel) o que ele diz sobre um velhote acamado, de fraldas e com a cabeça a avariar? Pergunta-lhe e compara com o que tu pensas.

Achei estranho, mas fiz a pergunta ao ChatGPT e li-lhe a resposta:

Quando vejo um velhote acamado, de fraldas e com a cabeça a falhar, vejo uma pessoa frágil, que já não consegue cuidar de si, mas que continua a precisar de atenção, respeito e carinho.

Ele deu uma gargalhada.

— É mais ou menos isso, mas há mais — disse bem alto. Há mais?, pensei admirado. E ele continuou:

— O que vês é a parte que não irá passar para o outro lado. Mas dentro dessa parte, ainda resta algo interessante. Não consegues ver. Só eu é que a posso sentir. Há uma gaveta que me ajuda

a viver. Ela está cheia dos teus risos, dos golos que marcaste, das lágrimas que verteste, dos abraços que te dei, dos teus beijos, da tua voz. É uma gaveta que ainda tem um pequenino espaço para guardar a gratidão que tenho pela tua companhia, onde o silêncio cuida da paciência e abraça a família.

Nessa altura, o meu avô olhou-me muito fundo nos olhos, como para se certificar de que eu estava a perceber. Parou um pouco. Respirou. Notei que estava cansado, mas continuou:

— Também tens uma. Cuida bem dela! Não a vês por agora. Um dia hás de abri-la, quando conheceres a saudade e perceberes que ela é a gentileza do amor que permanece entre nós. Não



A PALAVRA É T🍄A!

Fonte: Pixabay

te prendas às aparências, meu neto! Em tudo na vida. Compreendes? Silenciou, sempre com um sorriso.

Ai, meu! Eu já tinha lágrimas a jorrar, pior que as sete ondas do mar. Eu explodia. Enquanto ele falava, eu sentia ternura, meu, muita ternura. As palavras dele eram um caminhão de amor, de saudade e cheiravam a despedida. Eu sentia-me partido, mas inteiro.

Era como se ele enfiasse um juízo dentro do meu coração. Entendes isso? Tipo, as leis da vida, do bem. Não, meu, o avô não era um velho qualquer, era um poço sem fundo de coisas boas que não consigo explicar. Sinto isso.

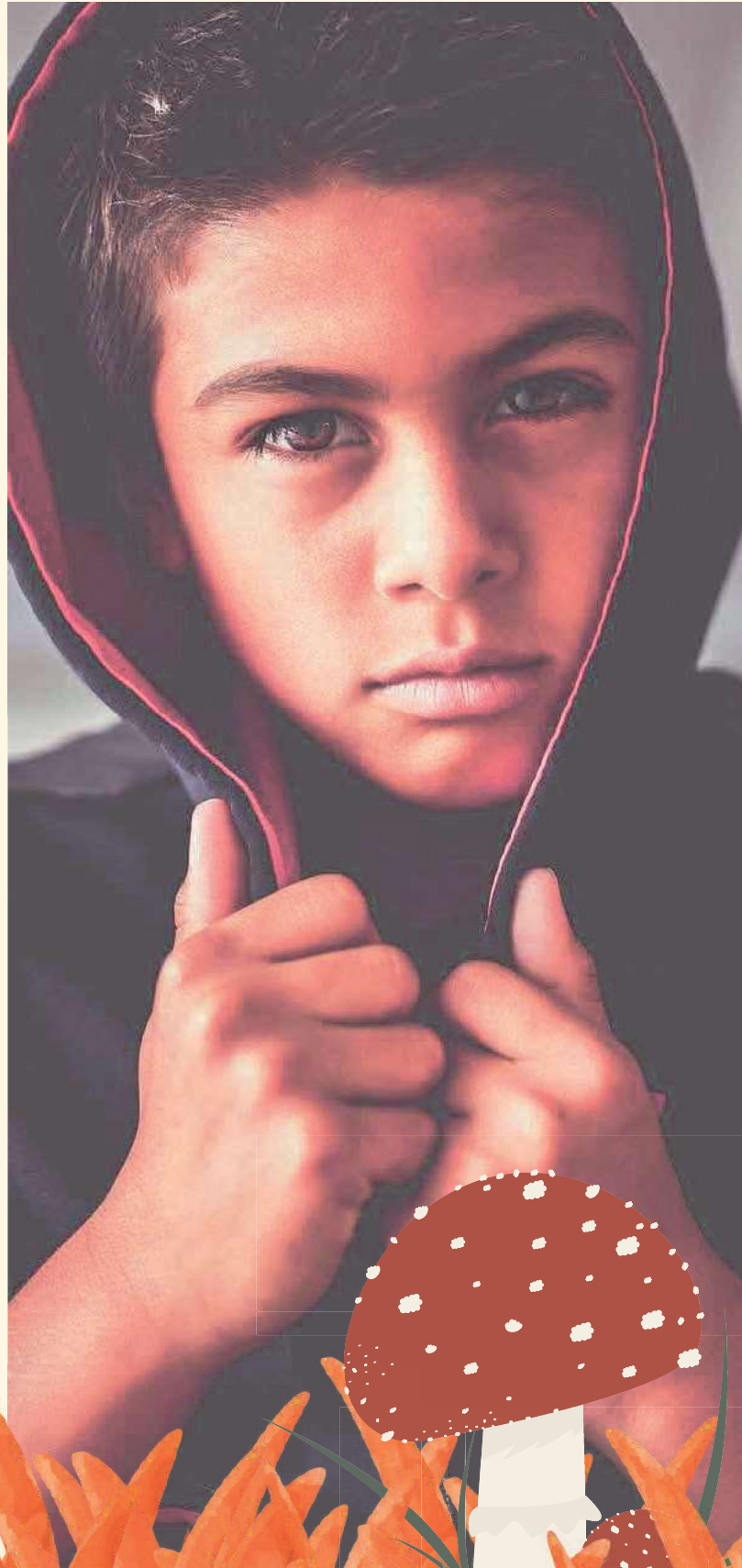
Sabes o que fiz? Dei-lhe as mãos e agradei. Disse-lhe que ele foi um avô muito fixe. Mas disse mesmo. De coração. Ele sorriu. Adormeceu com as minhas mãos nas dele.

Já passaram três dias. Não acorda. Algo na saúde se agravou. Levaram-no para o hospital.

Fico aqui a pensar que vai perder o corpo, mas acho que a gaveta irá com ele para a eternidade. O que de bom se faz na vida é o que salva, não é? Não se morre de todo, acreditas?

Papel, não imaginava que iria sentir tantas saudades. Será que estou a abrir a minha gaveta?

Teu teenager.





A PALAVRA É T A!

O pequeno que queria saber tudo
de Carina Novo

Microconto

Gabriel adorava ciência. Devorava todos os livros que encontrava pelos seus dias. Em pequeno, ainda não sabia juntar as letras que via na televisão, e já passava horas a tragar as imagens que apareciam. Lei da Gravidade, Leis de Newton, Teoria da Relatividade — eram palavras que usava frequentemente, do alto dos seus 1,50 metros.

Alimentava a curiosidade como uma mãe amamenta o filho: com ternura, insistência e uma fome que não se saciava. Parecia nunca ficar satisfeito com as descobertas que acrescentava ao seu rol.

Já adulto, Gabriel decidiu que o mundo era pequeno demais para ele. Tinha acumulado, entretanto, muito saber acerca dele. Do espaço, já tinha lido quase tudo o que havia para ler. Faltava conhecê-lo. Aventurou-se numa viagem, fingindo ser um astronauta experiente. Ficou fascinado com a imensidão do que viu, com o silêncio, com o desconhecido.

Quando voltou à Terra, vinha mais faminto do que nunca por conhecimento.

— E agora? Que me falta saber?



A PALAVRA É T A!

A loja do meu avô

de Clara Silva, 8ºA2

(AE Dr. Machado de Matos, Felgueiras)

O meu avô tinha uma loja para crianças cheia de bonecas, carros e peluches, e eu adorava estar lá. Chamava-se “A SuperLoja”. Ia muita gente lá para comprar brinquedos.

Um dia, tivemos de ir embora da cidade onde morávamos. Prestes a chegar à minha nova casa, recebi a notícia de que a minha avó tinha adoecido e que o meu avô estava com ela no hospital. Por isso, a minha mãe deixou-nos em casa e foi para o hospital ver a minha avó. Dois dias depois, a minha mãe ligou-me a dizer que já estava a sair do hospital e que os avós iam morar connosco e, por isso, o avô tinha de fechar a loja. Fiquei bastante triste, porém contente porque eles vinham morar comigo. Mas o meu avô fechou a sua loja, o seu sonho.

Microconto

Os anos passaram e, quando fiz 15 anos, a minha avó faleceu com problemas graves. A minha família ficou bastante abalada e decidiu abrir novamente uma loja, desta vez chamada “A Loja da Avó”, em homenagem à nossa rainha, mas a loja faliu.

Agora, com 20 anos, decidi voltar para a minha cidade, onde eu nasci, para reabrir a antiga loja do meu eterno avô com várias memórias dele, com brinquedos que ele vendia e cheia de sonhos que ele ainda tinha pela frente.

Tenho bastantes saudades do meu avô, mas serei eu capaz de concretizar os seus sonhos?





A PALAVRA É T A!

À procura de um mistério

de Matilde Daniela Correia, 8ºB2

(AE Dr. Machado de Matos, Felgueiras)

Era uma vez um caracol muito curioso que gostava de passear e que se chamava Osvaldo. Na terra onde ele vivia, todos se conheciam e sabiam os segredos uns dos outros. Como ele gostava de estar a par de tudo, resolveu ir passear pela vila.

Quando Osvaldo chegou ao fim da vila, encontrou umas escadas até ao céu. Como era pequeno, pensou que não conseguiria subir, mas ficou tão curioso que decidiu subir mesmo sendo pequeno e lento. No início, custou-lhe muito, pois os degraus eram grandes e o vento soprava com força. A certa altura, caíram umas gotas de chuva que quase o empurraram para baixo. Logo depois da chuva, veio a trovoada, mas nem ela o conseguiu deitar ao chão.

Microconto

Também apareceu um grande pássaro que o assustou e tentou comer várias e várias vezes, mas o caracol continuou a andar, degrau a degrau, sem desistir.

Depois de muito tempo, chegou ao topo. Não havia nada lá em cima, só uma vista maravilhosa para todo o mundo e silêncio. O caracol ficou lá por mais algum tempo para pensar e, quando estava na hora de ir dormir, desceu todo feliz.

Sempre que precisava aliviar a cabeça, subia as escadas e, claro, esse foi o único segredo dele que mais ninguém sabia e ele conseguiu provar a si mesmo que até os mais pequenos conseguem grandes conquistas.

A PALAVRA É TUA!

NOTÍCIAS DO REINO UNIDO

A Coordenação do Ensino Português no Reino Unido- Instituto Camões e o seu dedicado grupo de docentes, têm incentivado ativamente o gosto pela leitura junto dos alunos que frequentam os diversos cursos da sua rede de ensino.

No âmbito desta iniciativa, alguns dos alunos dos professores **Vanda Araújo, Pedro Marques** (Londres) e **Vera Santos** (Leeds, Condado de West Yorkshire), partilham connosco os seus livros preferidos e explicam as razões pelas quais os recomendam.



Grupo “Costureiras e Alfaiates”

Escola: St. Paul's C.E. Primary School, Londres

Professora: Vanda Araújo

Faixa etária: 7-9 anos

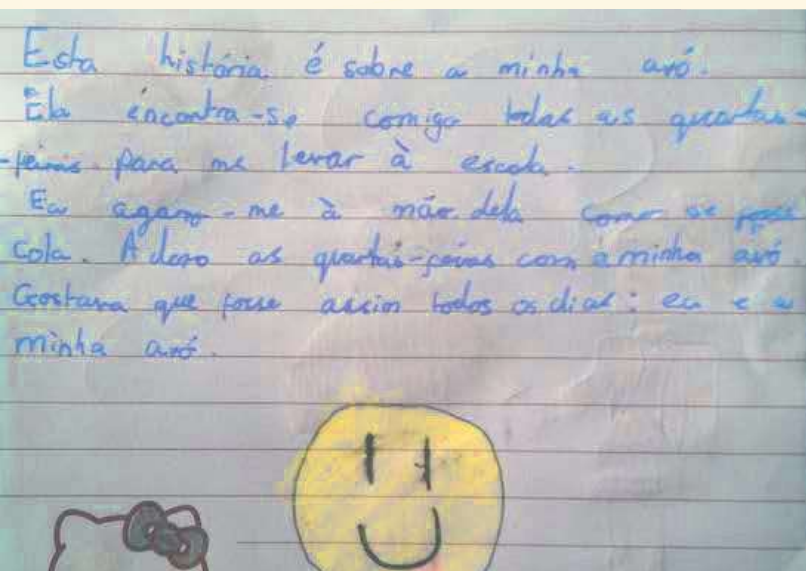
Livro Escolhido: A Manta - Uma história aos quadrinhos (de tecido)

Autoras: Isabel Minhós Martins e Yara Kono

Escolhemos esta história porque vamos falar acerca do tema da família e todos nós já vimos uma manta de retalhos.

Ficamos surpreendidos quando descobrimos que a manta era feita de bocadinhos de tecido e que cada quadrinho, ou retalho, tinha uma história muito divertida! Todos concordamos que há coisas bem mais importantes do que os objetos valiosos e outros bens, como por exemplo as histórias das nossas avós e os momentos que passamos juntos. Ao mesmo tempo, esta história fez-nos sentir um pouco tristes, pois a avó tinha morrido.

A PALAVRA É T A!



Recomendamos a leitura deste livro porque é uma história gira e cheia de significado. Mostra como a partilha e o carinho podem transformar vidas e lembra-nos que, unidos, tornamos o mundo num lugar melhor — um quadradinho de cada vez. Pode também inspirar as crianças a pedir às avós para fazerem, juntos, uma manta de retalhos.

Se procuras um livro com significado especial sobre lembranças de família, este livro é para ti!

Grupo “Esquadrão Misterioso”

Escola: St. Paul's C.E. Primary School, Londres

Professora: Vanda Araújo

Faixa etária: 8-9 anos

Escolhemos este livro porque reúne vários contos inéditos e muito divertidos. Um dos nossos preferidos, que lemos logo no regresso às aulas depois de umas férias bem passadas em família, foi “Na praia da Galé”.

Numa tarde quente de verão, mal o avô e o neto deixam a primeira pegada na areia, são surpreendidos por algo bastante desagradável, mas que nos fez desatar a rir às gargalhadas!

Entre o esquecimento do avô e o desconhecimento do neto, acabam por se meter numa situação muito perigosa, da qual só conseguem escapar graças ao susto provocado por um... tubarão? e à força de uma onda gigante!

Livro escolhido: O senhor do seu nariz e outras histórias

Autor: Álvaro Magalhães

Ilustração: Miriam Faria



A PALAVRA É T A!

Esta foi, sem dúvida, a nossa parte favorita.

Recomendamos este conto a todos os que têm avós distraídos, a quem está a aprender a nadar (ou ainda não sabe muito bem ou, até, pensa que sabe, mas não é bem assim...) e a todos os que querem descobrir os perigos e cuidados a ter quando se mergulha no mar!



Também adorámos o conto **“Onde está a felicidade”**, porque a personagem principal, o Sr. Pascoal, viaja pelo mundo inteiro à procura da felicidade. Ele visita muitos lugares e conhece cada recanto, e isso fez-nos pensar que também gostaríamos de viajar e descobrir diferentes partes do mundo.

No fim, o Sr. Pascoal encontra uma casa com um jardim, onde decide ficar a viver. Ele começa a consertá-la, pouco a pouco, e quando finalmente encontra a felicidade vai festejar para a rua e percebe que, afinal, aquela casa não lhe era assim tão estranha!

Esta foi, sem dúvida, a parte mais surpreendente da história. Com este conto, aprendemos que a felicidade pode estar adormecida, ou como se estivesse a brincar às escondidas, mas, muitas vezes, está mesmo à nossa frente — bem debaixo do nosso nariz!

Achamos que este conto é perfeito para quem gosta de histórias sobre o “lar, doce lar” e é ótimo para ler antes de dormir e ter sonhos felizes!

Recomendamos este livro a todos os que gostam de histórias curtas, divertidas e cheias de imaginação. O autor, Álvaro Magalhães, escreveu contos que nos fizeram rir, pensar e até sonhar! Enquanto líamos, aprendemos muitas palavras e expressões novas e viajámos por mundos diferentes. É uma leitura perfeita para a escola ou para realizar em família.

A PALAVRA É T^ÔA!

***O Ódio que Você Semeia:* a vida de uma adolescente de Angie Thomas**

Escola: *St Thomas More Language College,*
Londres

Aluna: Júlia Alexandre Manteigas

Professor: Pedro Marques

Eu sou a Júlia e tenho 14 anos. Eu gosto de ver filmes e ler histórias interessantes.

O livro é sobre uma menina que testemunha um tiro da polícia e a importância de encontrar uma voz no meio do drama das lutas de gangues. A personagem principal é uma adolescente que se chama Starr.

Ela testemunhou a morte de dois amigos — uma amiga na infância e outro amigo recentemente.

Ao longo do livro, ela encontra a sua voz e fica determinada a trazer justiça para os amigos dela.

Um exemplo de uma cena forte é quando Starr participa num protesto para o amigo dela que morreu em frente dela.

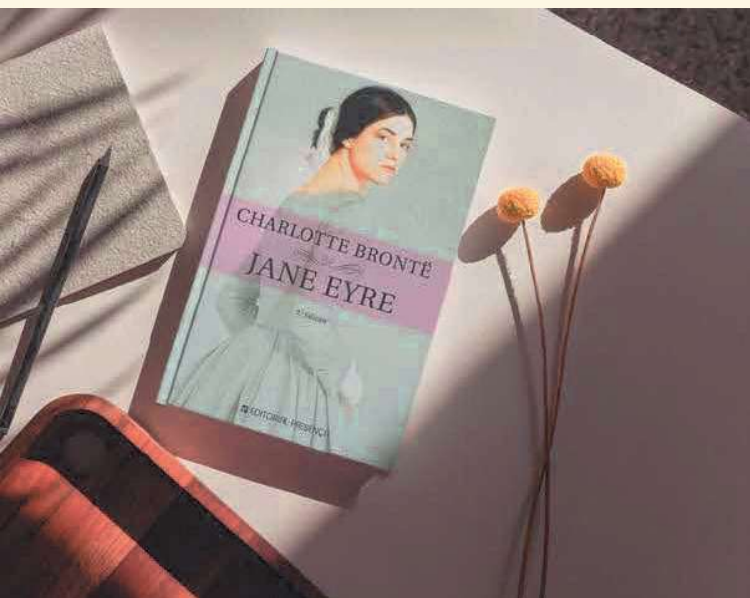
O livro traz uma mensagem séria sobre o racismo e a violência da polícia, e a importância de descobrir uma voz e confiança para buscar a justiça.

Também fala sobre ter amigos certos e não mudar quem se é por causa das outras pessoas. Eu adorei o livro porque foi muito emotivo e interessante.

É um bom livro para quem gosta de histórias agitadas e centradas nas personagens.



A PALAVRA É T A!



Jane Eyre: ***um olhar sobre o século XIX*** **de Charlotte Brontë**

Escola: *St Thomas More Language College,*
Londres

Aluna: Nicole Gouveia

Professor: Pedro Marques

Eu sou a Nicole e tenho 14 anos. Eu gosto muito de aventuras e sou uma pessoa muito curiosa e sociável.

Um dos meus livros preferidos é ***Jane Eyre***, escrito por **Charlotte Brontë**, que li pela primeira vez no último ano. Este livro fala sobre a passagem de vida de uma jovem chamada Jane e das lutas que ela enfrenta. Eu penso que um dos momentos mais difíceis que a Jane viveu foi quando a melhor amiga dela, a Helen, morreu.

Foi um momento muito difícil para a Jane, porque a Helen foi a primeira e única amiga que ela tinha feito durante a escola. Apesar disso, a Jane continuou a trabalhar na escola, esforçando-se e passando a tornar-se uma professora. Esse momento na vida da Jane mostrou a determinação dela e deu-me mais motivação para me esforçar na escola, porque a Jane teve de trabalhar muito para o futuro que queria.

Eu gostei muito deste livro, achei-o muito interessante e inspirador. Fala sobre a vida de uma jovem no século XIX e sobre as dificuldades, o trabalho e as relações humanas.

Uma Aventura na Cidade: ***o Crime a Revelar-se*** **de Ana Maria Magalhães e Isabel Alçada**

Escola: *St Thomas More Language College,*
Londres

Aluna: Maria Alexandra Marques

Professor: Pedro Marques

Eu sou a Maria, tenho 12 anos. Sou simpática e gosto de equitação.

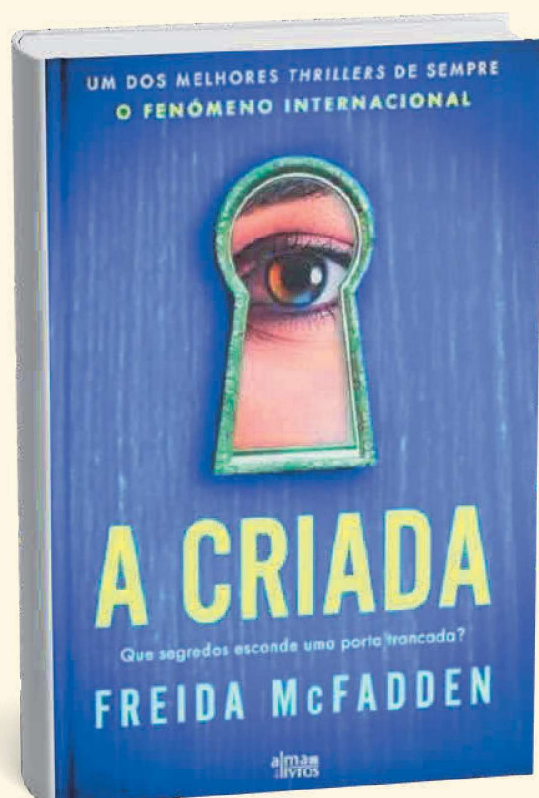
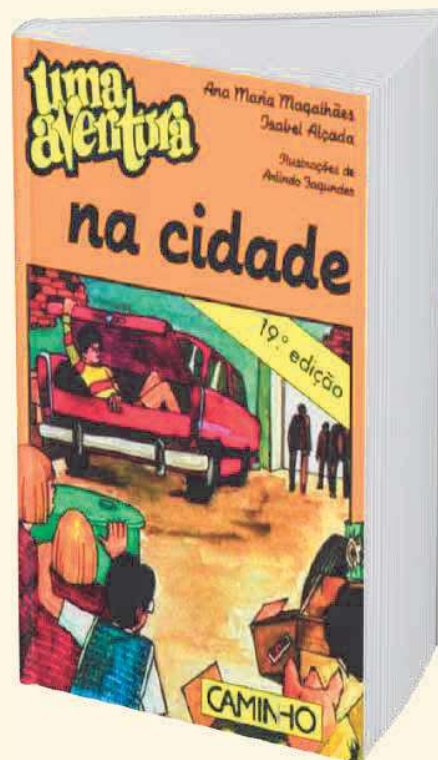
O meu livro preferido é ***Uma Aventura***. O livro é cheio de mistério. Eu adorei o livro porque são jovens da minha idade a encontrarem respostas. **Eu recomendo para pessoas que gostem de crime e mistério.** Uma cena de mistério é quando tentam entrar na garagem que tinha carros roubados. Os ladrões entraram e eles tiveram de fugir.

A PALAVRA É T A!

Isto é misterioso porque ficaram lá em segredo a tentar encontrar pistas.

As personagens nesta história — Teresa, Luísa, Pedro, Chico e João — passam por novas aventuras num ambiente urbano, enfrentando mistérios e desafios que testam a sua coragem e amizade. A minha personagem favorita é o Faial, o cão do João, porque, mesmo sendo um cão, nunca falha a ajudar o grupo. Ele é muito corajoso e inteligente.

Este livro mostra como a curiosidade ajuda o grupo a resolver problemas. Este livro ensina a ter esperança no futuro e também a trabalhar em equipa e com estratégia.



A Criada: Os segredos que acontecem atrás de portas fechadas
de Freida McFadden

Escola: St Thomas More Language College, Londres

Aluna: Benedicta Goarmon

Professor: Pedro Marques

Eu sou a Benedicta e tenho 14 anos. Gosto de sair com as minhas amigas. Eu gosto muito de ler e leio sempre muitos livros todos os meses. O meu livro preferido chama-se **A Criada** e foi escrito por uma **autora** que se chama **Freida McFadden**. É **um livro cheio de drama e reviravoltas**. Cria um clima de suspense, onde se descobrem segredos sobre a personagem principal, Millie.

A PALAVRA É T A!

Millie é uma jovem resiliente e inteligente, mas com um passado complicado, que consegue um emprego como empregada na casa dos Winchesters. Parece tudo perfeito, mas depois começa a descobrir os segredos da família e vê-se envolvida nos jogos deles.

Gostei imenso deste livro porque é muito dramático e acontecem coisas de que eu não estava à espera. Tem muitas reviravoltas inesperadas, como por exemplo, uma personagem que parece que é a vilã da história acaba por ser vítima de outra pessoa que parecia ser simpática.

O livro fez-me pensar em mistérios e como às vezes as pessoas não são quem dizem que são. É um bom livro para pessoas que gostam de histórias com personagens complexas e misteriosas.

Percy Jackson e os Ladrões do Olimpo: o mundo dos mitos de Rick Riordan

Escola: *St Paul's Church of England Primary School*, Londres

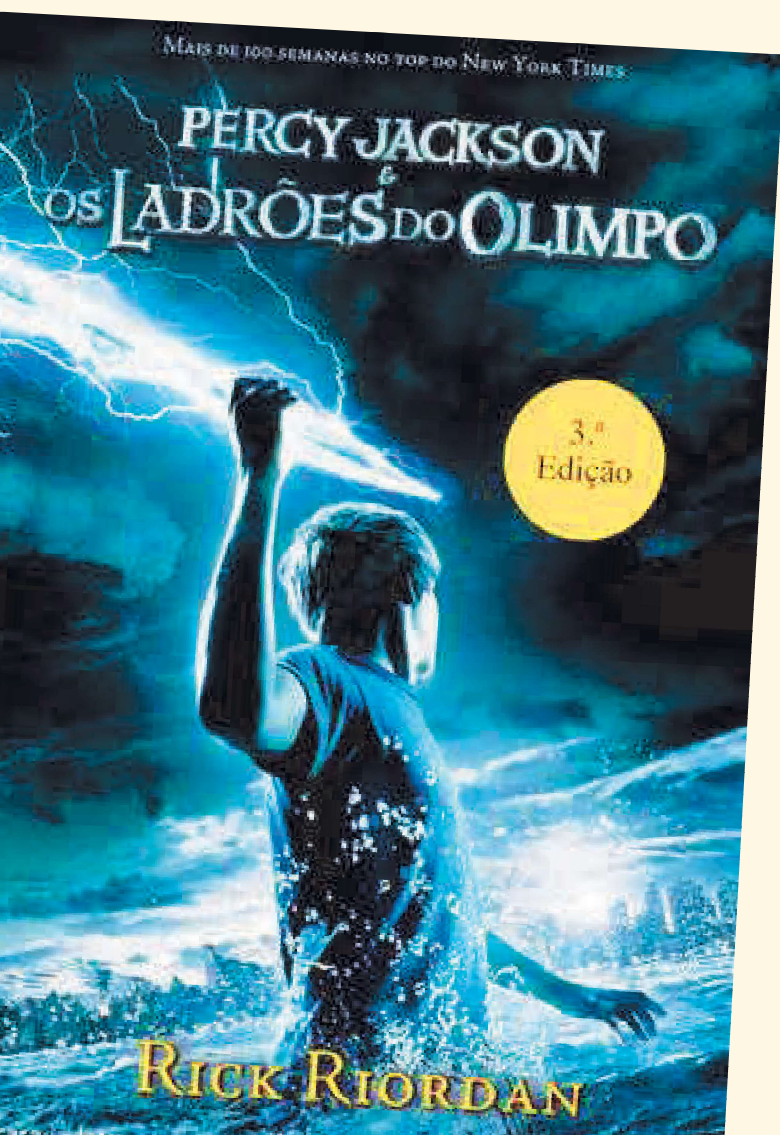
Aluno: Tomás Henriques

Professor: Pedro Marques

O meu nome é Tomás e eu tenho onze anos. Eu tenho aulas de português na escola *St Paul's*. Eu vivo em Londres, mas eu sou português. Para os meus anos, o meu amigo deu-me a coleção do *Percy Jackson*. Eu e o meu amigo somos bons leitores e até líamos juntos às vezes.

Eu comecei a ler os livros e não consegui parar. É um livro sobre as aventuras de um semideus que é filho de um deus grego: Poseidon. O Percy Jackson vive na América e descobre que é um semideus quando vai numa visita de estudo e é atacado por um demónio, sendo então mandado para um campo de semideuses. O Percy Jackson é muito aventureiro; às vezes ele acha a escola difícil porque é disléxico e tem ADHD.

O livro é perfeito para quem gosta de livros de aventura e ação, porque é muito rápido e tem uma história complexa, com muitas partes, mas é fácil de perceber.



A PALAVRA É TUA!

Cristiano Ronaldo:

O melhor jogador do mundo

Escola: St Paul's Church of England Primary School, Londres

Aluno: Gonçalo Santos

Professor: Pedro Marques

O meu nome é Gonçalo Santos, tenho 12 anos e faço 13 no dia 15 de março. Na escola inglesa estou no ano 8.

Este livro é o meu livro favorito porque eu acho que o Ronaldo é o melhor jogador do mundo e o livro é muito interessante. **Este livro é bom para pessoas que gostam de futebol e acham que o Ronaldo é o melhor.** Eu comprei o livro na livraria porque a capa do livro parecia fixe e eu gosto do Ronaldo. O livro é sobre a carreira do Ronaldo, as conquistas na vida e da família dele.

Eu gosto do Cristiano Ronaldo porque passou por muitas coisas, mas ele não parou.



A Ovelhinha Perdida de Teresa Dangerfield

Escola: St Paul's Church of England Primary School, Londres

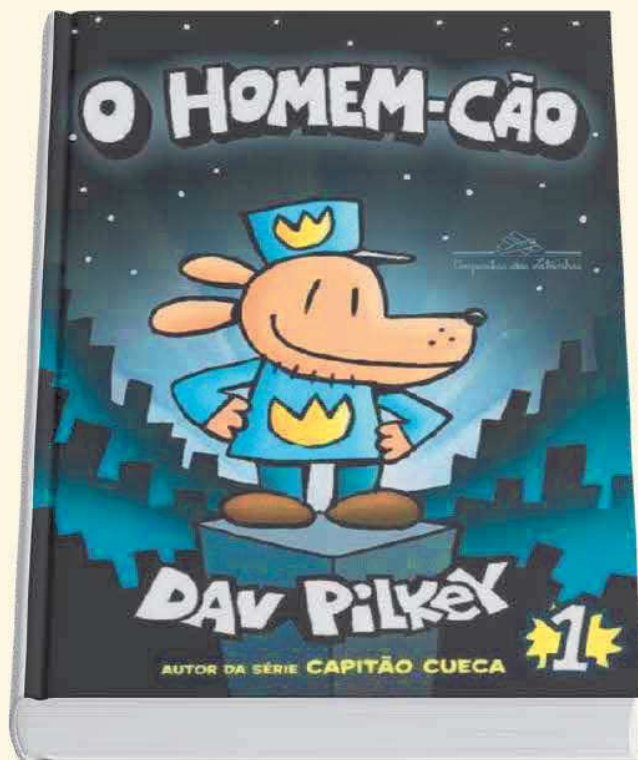
Aluno: Félix Peres

Professor: Pedro Marques

Eu sou o Félix. Eu vou à escola de St. Paul's, onde aprendo português. O livro é sobre uma ovelhinha de peluche que está perdida. A menina, que é dona da ovelhinha, encontra o peluche com a ajuda de muita gente — a avó, o pai, a mãe...

A autora é Teresa Dangerfield. Toda a gente devia ler esta história!

A PALAVRA É T A!



***Dog Man (o Homem-Cão),
o malcomportado***

de Dav Pilkey

Escola: Co-op Academy Brierley, Leeds, Condado de West Yorkshire

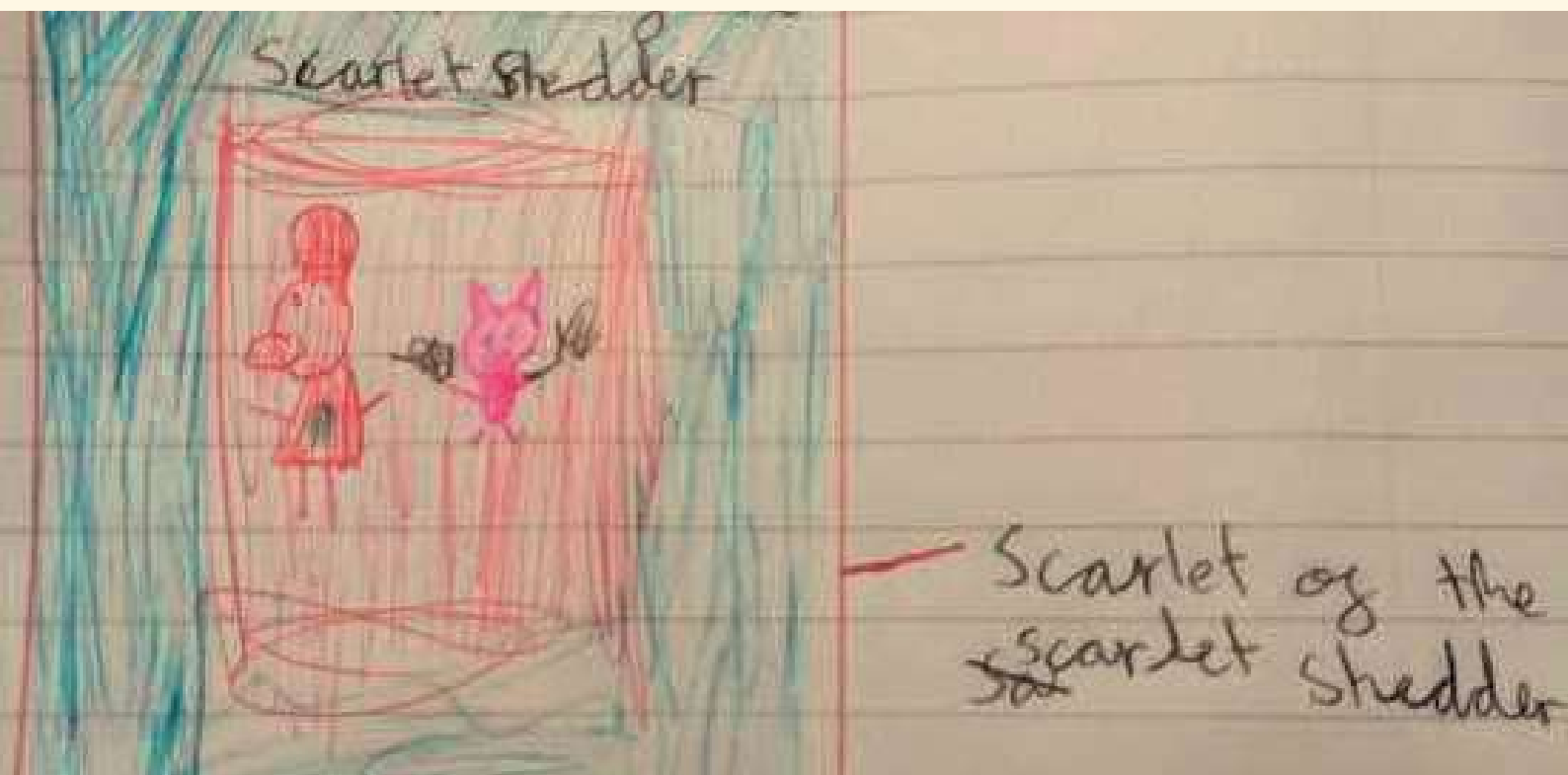
Aluno: MM, 9 anos

Professora: Vera Santos

Eu escolhi o *Dog Man* porque eu gosto muito, faz-me rir. O livro é escrito e ilustrado por **Dav Pilkey**. **O livro é mesmo fixe e é para 9 anos.**

As minhas personagens preferidas são o Dog Man, o chief, o Petey, o Lil' Petey e "the fleas" (as carraças). **Eu recomendaria o livro porque faz rir.** Gosto muito da coleção Dog Man, e The Scarlet Shedder foi o livro que desenei.

O Dog Man faz rir porque ele faz asneiras e é muito malcomportado.



A PALAVRA É T A!

An Inspector Calls (Está lá fora um Inspetor)

de J.B. Priestley

Escola: Co-op Academy Brierley, Leeds, Condado de West Yorkshire

Aluna: MC, 14 anos

Professora: Vera Santos

Olá, meu nome é Maria Cardoso e estou na classe de português. Eu tenho 14 anos e estou no décimo ano.

Escolhi este porque é um livro clássico de mistério e crime.

É sobre uma família rica e importante. Um detetive vai a casa deles para falar sobre uma menina que se suicidou. Ela trabalhava para o pai de família, mas ele tinha-a despedido.

Eles confessaram que foram responsáveis pelo suicídio. O inspetor saiu e a família desconfiou dele. Ligaram à polícia e perguntaram se uma menina se tinha suicidado, dando os detalhes da morte. A polícia disse que não, e que o detetive não era real. Enquanto estavam a celebrar, a polícia ligou a informar que uma menina tinha acabado de se suicidar tal como tinham descrito. Eles eram suspeitos, porque como é que eles sabiam os detalhes do suicídio?

Saga Harry Potter de J. K. Rowling

Escola: Co-op Academy Brierley, Leeds, Condado de West Yorkshire

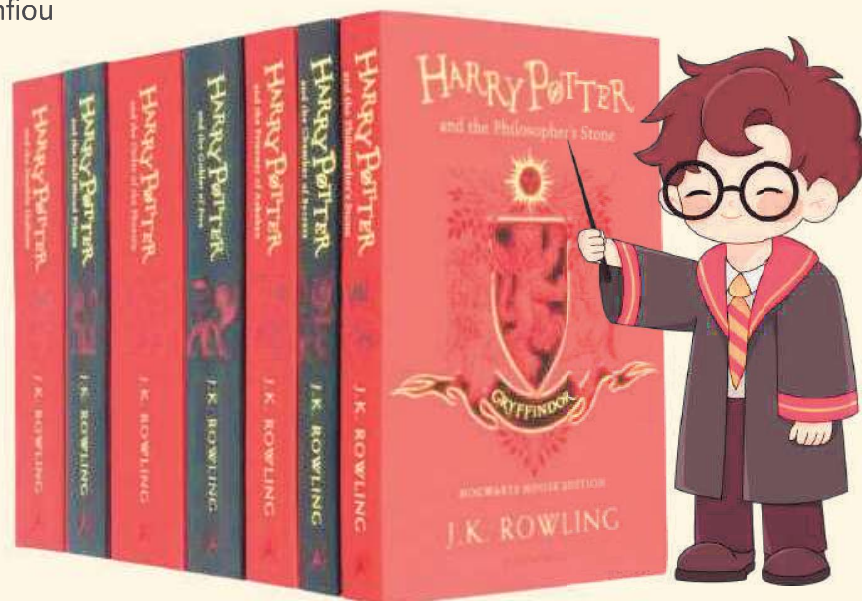
Aluno: RP, 12 anos

Professora: Vera Santos

Quando eu assisti ao filme eu gostei e decidi tentar ler o livro para ver se a história era a mesma.

A minha personagem preferida é o Ron, porque ele é a pessoa que faz mais besteiras e coisas engraçadas, por exemplo: quando ele bateu com a varinha no volante do carro, fez tanta força que a quebrou na mão.

Sim, **eu recomendo-o porque é de suspense e drama.** Acho que as outras pessoas devem gostar também. É também muito divertido ver os filmes com a família.



A PALAVRA É T A!

É difícil escolher só um livro preferido do Harry Potter!

Escola: Co-op Academy Brierley, Leeds, Condado de West Yorkshire

Aluno: LA, 12 anos

Professora: Vera Santos

O meu livro preferido é *Harry Potter*; a autora é a **J. K. Rowling**. Eu gosto destes livros porque eu gostei das personagens. A minha personagem preferida é a Hermione Granger.

Eu recomendo este livro porque é um bom livro para começar a leitura no 5º/6º ano.

Fiz um desenho de vários elementos da história: o Chapéu Seletor; Magia; o Expresso de Hogwarts; e a cicatriz e iniciais do Harry Potter.

Aprender mais sobre os Gregos com Percy Jackson

Escola: Co-op Academy Brierley, Leeds, Condado de West Yorkshire

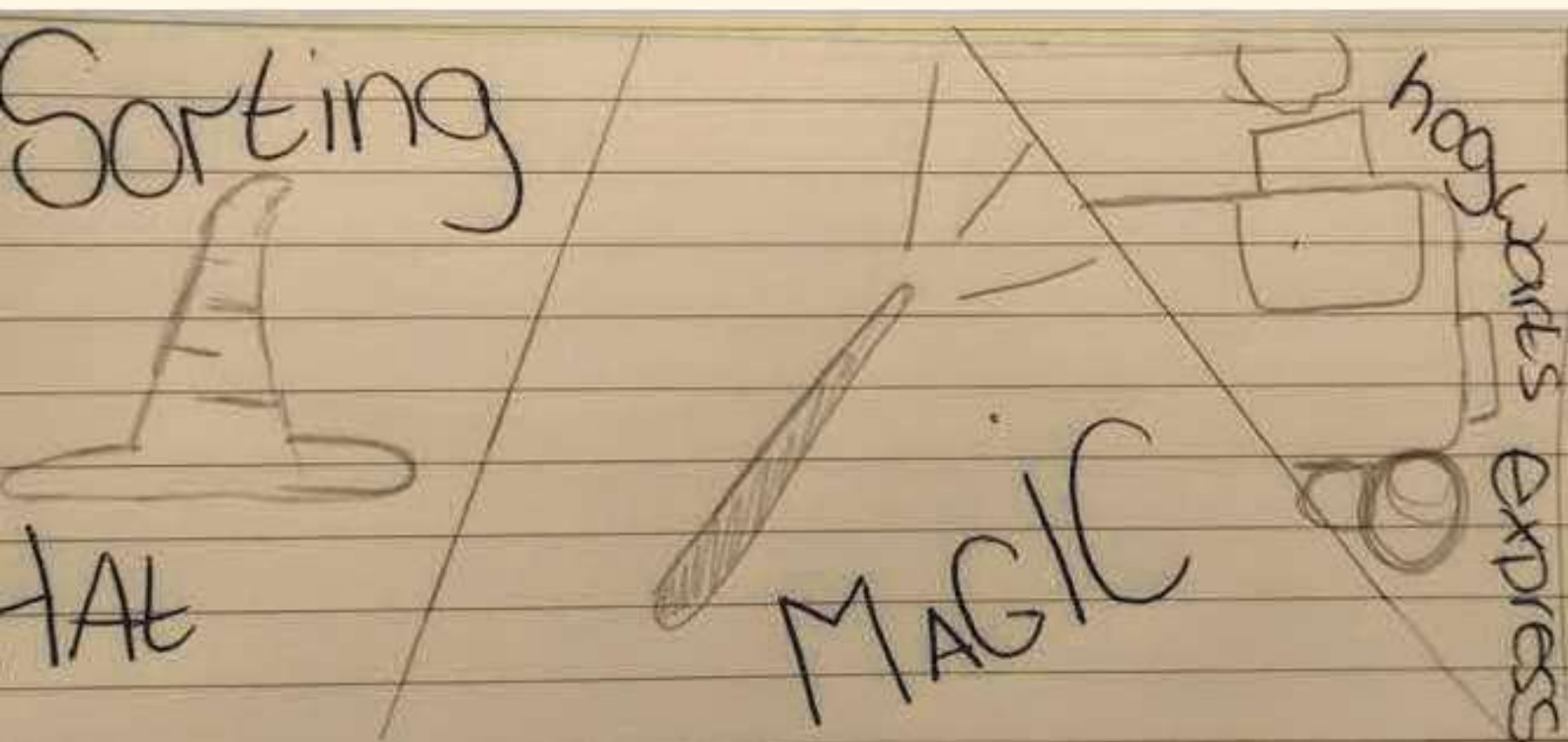
Aluno: TR, 9 anos

Professora: Vera Santos

Escolhi o *Percy Jackson* porque eu gostei. O livro é chamado assim porque essa é a personagem principal e é escrito por **Rick Riordan**.

Tem história e é muito interessante. As minhas personagens preferidas são o Percy Jackson, a Annabeth e o Grover. Eu gostei muito do momento em que o Minotauro “matou” a mãe do Percy Jackson (mas não matou mesmo!).

Eu recomendo o livro porque se pode aprender História sobre os Gregos e é muito bom porque tem muitas lutas.



A PALAVRA É T A!

Se gostas de ação, este livro é para ti!

Escola: Co-op Academy Brierley, Leeds, Condado de West Yorkshire

Aluno: DR, 13 anos

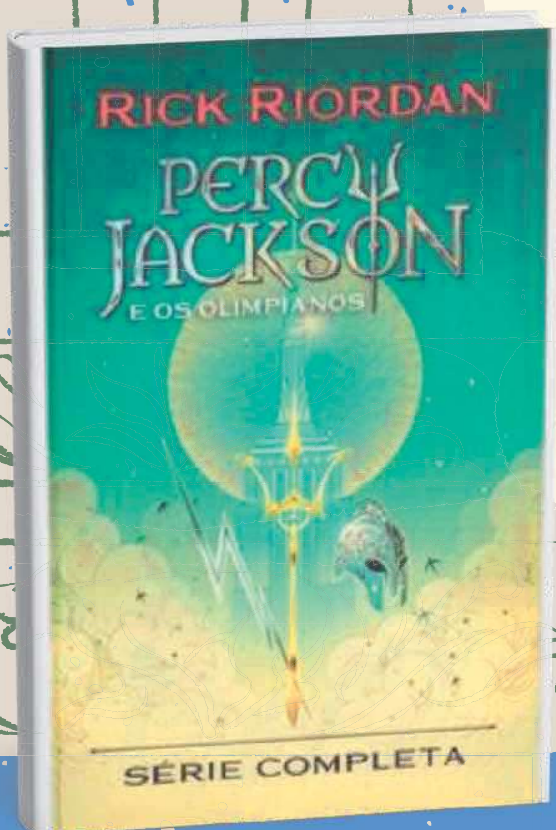
Professora: Vera Santos

O título do livro é **Percy Jackson, de Rick Riordan**. Eu comecei a lê-lo porque o meu pai o comprou para mim no Natal.

A leitura é muito engraçada porque a história é narrada na voz do Percy, que é um adolescente e faz muitas piadas.

Os meus personagens preferidos dos livros são o Jason, o Percy, a Piper, a Annabeth, o Leo, o Frank e a Hazel.

Eu indicava este livro para pessoas criativas, porque todas as personagens têm Transtorno de Déficit de Atenção com Hiperatividade (TDAH), e tem muita ação.



GUIÃO DE LIVROS

Fecha a torneira quando lavares os dentes

Autora: Manuela Vieira

Ilustrador: Paulo Henriques

Editora: Trinta Por Uma Linha

◆ Público-alvo

Crianças (1.º e 2.º ciclo) / Nível A2 – Português como segunda língua.

◆ Duração: 2/3 aulas

Objetivos de aprendizagem com este livro:

◆ Linguísticos (PLE)

- Ampliar vocabulário de uso quotidiano (água, torneira, aldeia, sonho, cartaz etc.);
- Desenvolver a compreensão da leitura usando texto e ilustrações;
- Estimular a expressão oral.

◆ Sociais e culturais

- Promover a reflexão sobre a importância da água como bem essencial;
- Despertar a consciência para o uso responsável dos recursos naturais;
- Conhecer diferenças culturais entre contextos de abundância e escassez;
- Valorizar a cooperação e a solidariedade.

◆ Pessoais e éticos

- Estimular atitudes de responsabilidade ambiental (refletir sobre a importância da água e propor atitudes para a poupar);
- Reforçar valores como a amizade, ajuda ao próximo e perseverança.

No final, os alunos deverão ser capazes de:

1. Identificar as personagens e momentos principais da história;
2. Nomear objetos e ações ligadas ao tema (torneira, água, lavar dentes, carregar, fechar);
3. Compreender a mensagem do cartaz 'Fecha a Torneira quando lavares os dentes';
4. Expressar-se oralmente e por escrito em frases curtas relacionadas com a história.



Guião de leitura

◆ Antes da leitura

- Mostrar a capa e falar do autor, ilustrador e editora;
- Perguntar:
 - O que vemos? (torneira, menino, água);
 - Sobre o que acham que será esta história?
 - Fornecer aos alunos algumas palavras-chave com imagens

◆ Durante a leitura

- Leitura por capítulos (professor lê, alunos repetem algumas frases);
- Mostrar imagens e pedir que apontem objetos/personagens;
- Fazer pausas para perguntas simples de compreensão, quer oralmente, quer recorrendo a jogos do Wordwall.

Capítulo 1 – Do outro lado do mundo

- . Imagens: aldeia, meninos a carregar latas, torneira pública.
- . Vocabulário: aldeia, balde, lata, água, caminho, pedra, chafariz, sonho, torneira

Perguntas

1. Como se chama o menino da história?
2. Onde vive?
3. O que o Joni leva para encher com água?
4. Onde é que ele vai buscar água?
5. O que é que ele ouve os adultos contar um dia?
6. Onde guardava a água que trazia?

Recursos Wordwall, Capítulo 1:

Correspondência palavra – imagem:

<https://wordwall.net/pt/resource/98822480>

Questionário:

<https://wordwall.net/pt/resource/98823725>

Palavras cruzadas:

<https://wordwall.net/pt/resource/98824193>

Capítulo 2 – A grande descoberta

- . Imagens: Um globo terrestre, para representar o planeta, torneiras a correr.
- . Vocabulário: Torneira, planeta, chuva/chover, casa, galo.

Perguntas

1. Que sonho teve o Joni?
2. O que fez o Joni acordar do sonho?
3. O que lhe disse a mãe sobre a água?
4. Que ideia teve o Joni?

Recursos Wordwall, Capítulo 2:

Correspondência palavra – imagem:

<https://wordwall.net/pt/resource/98829202>

Questionário:

<https://wordwall.net/pt/resource/98832986>

Completar frase:

<https://wordwall.net/pt/resource/98872951>

Capítulo 3 – Missão Impossível

. Imagens: Cartaz com frase, carrossel, crianças em pijama.

. Vocabulário: cartaz, carrossel, parque, balanço, escorrega, pijama.

Perguntas

1. O que escreveu Joni no cartaz?
2. Onde é que o Joni foi mostrar o cartaz?
3. Porque é que as crianças não entenderam o cartaz?
4. O que fez o Joni acordar do sonho?

Recursos Wordwall, Capítulo 3:

Correspondência palavra-imagem:

<https://wordwall.net/pt/resource/98876133>

Questionário (abra a caixa):

<https://wordwall.net/pt/resource/98920141>

Jogo da forca (com dicas de letras):

<https://wordwall.net/pt/resource/98885232>

Capítulo 4 – Uma ideia genial

. Imagens: Sala de aula, professor e alunos, crianças a escrever, cartazes.

. Vocabulário: escola, professor, escrever, amigos, línguas, viagem.

Perguntas

1. Quem ajudou o Joni a escrever o cartaz em várias línguas?
2. Em que línguas escreveram o cartaz?
3. Quantos cartazes escreveram?
4. O que repetiu Joni para si mesmo antes de adormecer?

Recursos Wordwall, Capítulo 4:

Correspondência palavra-imagem:

<https://wordwall.net/pt/resource/98886344>

Questionário:

<https://wordwall.net/pt/resource/98887025>

Colocar palavras na ordem na frase:

<https://wordwall.net/pt/resource/98887332>

Capítulo 5 – Um encontro especial

. Imagens: Dois meninos a conversar, arranha-céus, menino a acordar, galo.

. Vocabulário: amigo, arranha-céus, ajuda, galo.

Perguntas

1. Quem é que o Joni encontrou num banco do parque?
2. Onde morava o Nelo?
3. O que é que o Joni contou ao Nelo?
4. O que aconteceu antes de o Joni poder dizer onde era a sua aldeia?

Recursos Wordwall, Capítulo 5:

Correspondência palavra-imagem:

<https://wordwall.net/pt/resource/98887855>

Questionário (roleta):

<https://wordwall.net/pt/resource/98920934>

Jogo da forca (com dicas de letras):

<https://wordwall.net/pt/resource/98889205>

Capítulo 6 – Acreditar ou não?

. Imagens: Jeeps na aldeia, menino com balde de água, engenheiro.

. Vocabulário: aldeia, Jeep, engenheiro, saneamento, água potável, saúde, Abraços.

Perguntas

1. Porque é que Joni andava triste?
2. Quantos anos passaram desde o encontro com o Nelo?
3. Que chegou um dia, de surpresa, à aldeia?
4. O que iriam os engenheiros fazer?
5. Quem tinha tido a ideia da missão?

Recursos Wordwall, Capítulo 6:

Correspondência palavra-imagem:

<https://wordwall.net/pt/resource/98889951>

Questionário (TV quiz):

<https://wordwall.net/pt/resource/98922364>

Caça-palavras (com dicas):

<https://wordwall.net/pt/resource/98890609>

Palavras cruzadas (com dicas):

<https://wordwall.net/pt/resource/98891158>

Recursos adicionais:

Encontra os pares – imagens e palavras:

<https://wordwall.net/pt/resource/98891636>

Encontra os pares – só imagens:

<https://wordwall.net/pt/resource/98923149>

◆ Após a leitura

- Reconto coletivo: cada criança diz uma parte da história;
- Conhecer diferenças culturais para comparar como o Joni usa a água na aldeia e como nós a usamos em casa, refletindo sobre abundância e escassez;
- Valorizar a cooperação e a solidariedade: destacar como o Joni, o Nelo, o professor, colegas e os engenheiros se ajudaram uns aos outros e pensar em formas de ajudar na sala de aula e em casa;
- Conversa/discussão em grupo sobre a importância da água e como poupar água em casa/na escola.
- Medos e coragem: o que significa ser corajoso.

Propostas de escrita criativa:

- Fazer um cartaz com a frase “Fecha a Torneira quando lavares os dentes”. Se houver crianças de outros países, aproveitar também para escrever nas suas línguas, valorizando a diversidade da turma.
-
- Registrar: O que mais gostaram na história; Palavras que não conheciam
- Escrever uma carta ao Joni.

Teresa Dangerfield

GUIÃO DE LIVROS

Pássaros de papel

O livro “Pássaros de Papel”, de Lucinda Cunha e ilustrações de Rui Castro, conta-nos a história de Satoru, um menino japonês que aprendeu a fazer origami com a bisavó. Um dia, Satoru perdeu-se na Floresta dos Múrmurios. Diz-se que ninguém, jamais saiu de lá...

Achas que o menino encontra o caminho para casa? Viverá, antes de regressar, muitas aventuras?

Este é o livro que te propomos que leias e trabalhes. Como sabes, é possível recontar as histórias e abordá-las de diversas maneiras. Pode ser interessante e, sobretudo, muito divertido, realizar atividades que nos levem a conhecer melhor a história, as personagens, os lugares. E nem imaginas o que se pode aprender! Assim, trazemos algumas sugestões de exercícios que podes desenvolver na escola, com os teus colegas e com ajuda dos professores.

A bisavó contava como tinha aprendido a arte de dobrar papel – ori kami...

Já ouviste falar em *origami*? É uma arte antiga, oriunda do Japão, que consiste em fazer esculturas de papel, apenas através da dobragem, sem cortes, sem cola, ou qualquer outro material. Começa por pedir ao teu professor que te ensine a fazer origami. Depois, tu e os teus colegas devem escolher e fazer um pássaro, ou mesmo outro animal, ou até flores. No final, poderão decorar a sala: os pássaros poderão ser pendurados, os outros animais, flores, ou objetos que tenham feito, poderão ser colocados noutras partes da sala, junto das janelas, no chão, enfim, onde façam sentido. Terás uma sala de aula muito colorida e envolvente.

O animal preferido de Satoru era Tsuru, a cegonha...

Cegonhas. Pois, por cá, também as temos. Porque não fazer um painel informativo? Poderás desenhar ou fazer colagens de diferentes pássaros que conheças. Junto do desenho podes acrescentar informação sobre a espécie, o seu habitat, os hábitos de migração. Podes fazer um painel de grandes dimensões para colocar numa parede da escola e, desse modo, todos terão acesso à informação e o poderão apreciar.





Parecia que estava definitivamente perdido e que nunca conseguiria sair da Floresta dos Murmúrios...

Coitado do Satoru, andou perdido durante algum tempo na Floresta dos Murmúrios. E se acrescentares algumas aventuras? Escreve umas linhas sobre o que lhe poderia ter acontecido enquanto deambulava por entre as árvores. Entrou num castelo habitado por seres mágicos feitos de papel? Voou até às estrelas nas costas de uma *tsuru* colorida? Encontrou outras pessoas perdidas que nunca encontraram o caminho de volta?

Todos estavam curiosos para ouvir a história de Satoru, o rapaz dos pássaros de papel...

Também tu poderás contar a sua história. Imagina que és o director de uma peça de teatro; a turma irá representar “Pássaros de Papel”. Enquanto responsável, poderás distribuir as várias funções – alguns colegas podem elaborar e pintar os cenários, outros irão reescrever a história para a adaptar ao palco, outros serão responsáveis pelas roupas e, claro, ainda haverá quem seja actor. Esta é uma atividade para toda a turma onde cada um se pode dedicar àquilo que faz melhor ou gosta mais.

Satoru é um menino que vive no Japão...

E, uma vez que a ação decorre no Japão, porque não aprender algumas palavras em japonês? Já conheces algumas, como *tsuru*, que significa cegonha. Os professores podem ensinar-te, por exemplo, o nome de outros animais.

Compara com os nomes portugueses, são muito diferentes? São difíceis de pronunciar? Podes recortar pequenos cartões onde, de um lado, escreves o nome em português e japonês, do outro desenhavas ou colas a imagem do animal. Depois, com esses cartões, inventa jogos para fazer com os teus colegas.

Confuso, olhou à volta e apenas via troncos de árvores milenares...

Como serão as árvores na Floresta dos Murmúrios? E no Japão? Pede ajuda aos teus professores, pergunta-lhes que árvores existem por lá, serão parecidas às que temos no nosso país? Serão as mesmas? Serão muito antigas? Faz uma lista e partilha com os amigos. Tens alguma árvore preferida?

Pássaros de Papel...

Por fim, dá asas à imaginação e escreve a tua história – “E se eu fosse um pássaro de papel?”

Se realizares alguma destas atividades, diz-nos como foi, gostaríamos muito de saber; também podes tirar fotos e enviar-nos, o teu evento brilhará nas páginas da nossa revista!

Alexandra Duarte



DECÁLOGO DE ESCRITA

ALEXANDRA DUARTE

Albicastrense de gema, a rapariga das palavras sempre teve alguma dificuldade em dizê-las; gostava mais de as ler e de as escrever. De pequena adorava fazer ditados, porque nunca dava erros. Gostava de ver a história que alguém lhe contava, escrita no papel, com a sua letra, certa e redondinha. Não imaginava, nessa altura, que algum dia poderia escrever histórias inventadas por ela, criar personagens extravagantes e construir enredos ousados; engendrar novos vocábulos, significados ou trocadilhos e, deste modo, presentear as palavras com novas cores e matizes. Rumou a Lisboa para estudar Línguas e Literaturas Modernas e fez, depois, uma pós-graduação em Tradução. Após o curso, participou na redação e edição do livro *Ribatejo — Receituário Regional Tradicional*, tendo colaborado ocasionalmente na revista *Cardápio — Saber Viver*. Foi o primeiro, e verdadeiro, contacto com a escrita.

Em 2020 começou a frequentar cursos de escrita criativa, pela mão de Analita Santos, começando com a *Semana da Escrita*, seguindo-se a *Escrita em Ação* e, por último, o *Livro em Ação*, que resulta na publicação da coletânea *Não vão os lobos voltar*, e onde se estreia com o conto «Morte de Perdição». Entretanto, descobriu as formações da editora Trinta-por-uma-linha, sob a mentoria de João Manuel Ribeiro, que lhe dão a conhecer o mundo da literatura infantojuvenil, vindo a estreitar-se com o conto infantil «Sarapinta Joaninha, quantas pintas pintas tu?», presente na coletânea *Contos que contas tu*.



1. Se lutas com dinossauros, se voas em foguetões, se danças com fantasmas.... escreve, tens em ti as histórias.

2. Se passas os dedos pela lombada dos livros nas prateleiras, como quem sente a pele de um ente querido.... escreve, tens em ti a emoção.

3. Se o mar não é só mar, porque é profundo, azul, revoltado, imenso, sereno, impaciente, brando, arrebatador.... escreve, tens em ti as palavras.

4. Se os teus passos são pequenos, mas não temem o caminho... escreve, tens em ti a valentia.

5. Se procuras o lado oculto da lua, o cume inatingível da montanha ou o planeta desconhecido... escreve, tens em ti o mistério.

6. Se em dias a preto e branco vês as cores do arco-íris.... escreve, tens em ti a poesia.

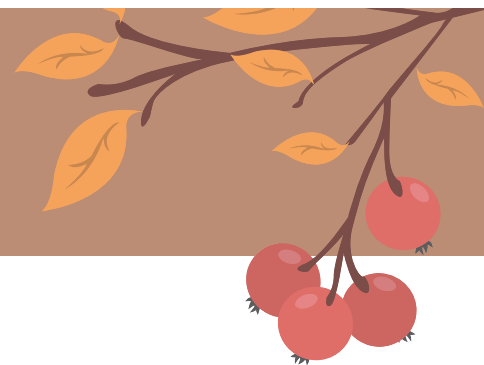
7. Se discutes com as personagens, com o autor, com a folha em branco, com a caneta, com o teu reflexo, com a tua cabeça, com as tuas ideias... escreve, tens em ti o diálogo.

8. Se a vida não te chega, não te aconchegues; desenrola o corpo e faz-te maior... escreve, tens em ti a criação.

9. Se o medo te enlaça, desenlaça-te; conecta-te com os outros e.... escreve, tens em ti a humanidade.

10. E se, mesmo assim, ainda não sabes o que tens... escreve, tens-te a ti e é quanto basta.

DE VIVA VOZ



Separar o trigo do joio

Esta expressão vem da Bíblia, concretamente do Evangelho segundo São Mateus (13:24-30), na parábola do trigo e do joio. Jesus conta que um agricultor semeou trigo, mas um inimigo espalhou joio (uma planta daninha muito parecida com o trigo quando jovem) no mesmo campo. O dono decidiu deixar ambas crescerem juntas até à colheita, quando então se separaria o que tinha valor (o trigo) do que era inútil (o joio).

Hoje, usa-se para indicar a necessidade de distinguir o que é bom do que é mau, o verdadeiro do falso, o essencial do acessório — muito usada em contextos críticos e morais, e também na crítica literária.

“Cabe ao crítico separar o trigo do joio: ver além da moda e descobrir o que tem substância.”

Atirar pedras do alto do pedestal

É uma metáfora moderna construída sobre duas imagens antigas:

* “Atirar pedras” remete para o ato de julgar ou condenar (também tem eco bíblico — “quem nunca pecou, que atire a primeira pedra”).

* “Do alto do pedestal” vem da escultura clássica: as estátuas de heróis ou deuses eram colocadas em pedestais altos, símbolo de superioridade e distância.

Hoje, significa criticar com arrogância, de forma distante e moralmente superior, como quem fala “de cima” ou sem humildade.

“Há críticos que escrevem como quem atira pedras do alto do pedestal, esquecendo-se de que também erram.”

Dar uma achega

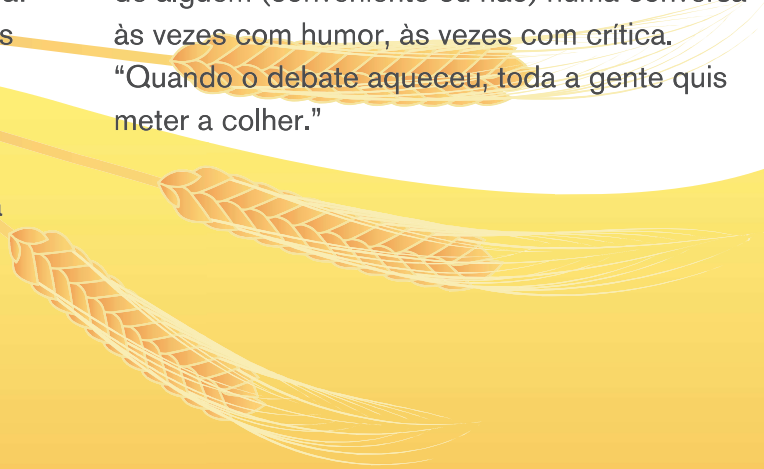
A palavra “achega” vem do verbo “achegar”, do *latim ad cicare*, significando aproximar, trazer para junto. Na tradição oral e popular portuguesa, “dar uma achega” era dar um empurrãozinho, acrescentar algo — uma ideia, um conselho, uma ajuda. Com o tempo, passou a ter também o sentido de acrescentar um comentário, uma observação útil ou crítica numa conversa ou texto. É intervir com uma contribuição breve e geralmente construtiva, sobretudo em contextos de debate, revisão ou reflexão coletiva.

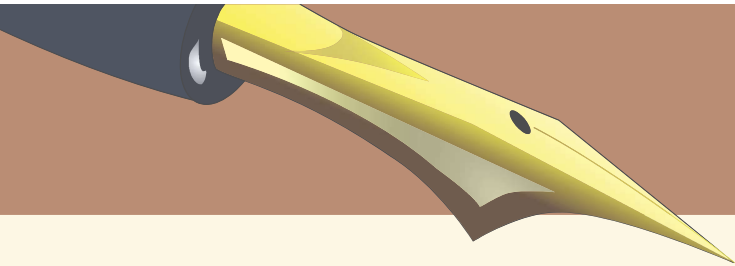
“A revisora deu uma achega importante sobre o ritmo da narrativa.”

Meter a colher

A expressão tem origem popular, ligada ao ambiente doméstico e culinário. Antigamente, “meter a colher” era literalmente interferir na comida de outra pessoa, ou mexer num tacho que não era o seu — um gesto de intromissão. Daí o sentido figurado de intrometer-se numa conversa, assunto ou discussão que não lhe diz respeito. Usa-se, atualmente, para designar a intervenção de alguém (conveniente ou não) numa conversa — às vezes com humor, às vezes com crítica.

“Quando o debate aqueceu, toda a gente quis meter a colher.”





CITAÇÕES

A crítica é a consciência ou o olho da poesia, a mesma obra espontânea do génio reproduzida como obra reflectida pelo gosto.

Anónimo

Idealmente, a missão da crítica seria ajudar a ler. Em teoria, o crítico será um leitor mais atento do que os outros. Não tem necessariamente que emitir juízos de valor.

Anónimo

Não há escritores intocáveis, muito menos os actuais; ... quem é que quer lidar com isso? É muito mais fácil elogiar a tempo inteiro. ... a crítica em Portugal não tem feito o seu trabalho.

Luís Miguel Rosa

Enquanto leitor, se um livro é bom, ele começa a fazer um percurso dentro de mim quando acabo de o ler. Essas vozes tornam-se cúmplices, amigos e companheiros de viagem porque continuam vivas connosco.

António Lobo Antunes
(Diário de Notícias, 28.10.2010)

O crítico é, senão, um homem que sabe ler e ensina os outros a ler.

Álvaro Lins

[O que é um bom leitor?] É um leitor que fala para o livro.

António Lobo Antunes
(Expresso - Revista Única, 16.10.2010)

O que me preocupa são os autores que dizem que «puseram os portugueses a ler». Isso é mentira. Puseram, isso sim, os portugueses a lerem-nos a eles — e isso não é ler.”

António Lobo Antunes

A leitura é uma coisa que se educa. Que se ensina e que se aprende. O problema é que qualquer grande escritor tem de ensinar os seus leitores a lê-lo. O grande juiz acaba sempre por ser o tempo.

António Lobo Antunes
(Ler, Maio de 2008)

As crianças são muito literárias porque dizem como sentem e não como deve sentir quem sente segundo outra pessoa.

Fernando Pessoa,
Livro do Desassossego



PARA BRINCALHARES

Curiosidades Literárias



Rejeições e grandes erros

Ninguém sabe exatamente por que é que um livro tem mais êxito que outro, mas talvez isso se deva à coincidência de muitos factores.

O que é certo é que se um escritor crê no seu trabalho por muito que todos o rejeitem, há que seguir em frente com o seu trabalho, sem decepções ou desânimos.

Olivier Cohen disse certa vez: *Um editor não deve ser julgado pelos bons livros não editados, mas sim pelos maus que já publicou.*

A frase deixa uma pergunta implícita no ar. Existem editores que publicam livros maus.

Vejam estes exemplos de grandes erros:

Gabriel García Márquez recebeu um bem sonoro "nem falar" quando apresentou **Cem anos de Solidão** a Carlos Barral. O editor arrependeu-se toda a sua vida daquele erro.

Os primeiros editores que leram "**Lolita**" de Nabokov colocaram as mãos à cabeça e disseram-lhe que escondesse o livro debaixo das pedras porque era um descaramento total. Tal e qual o seu erro, claro.

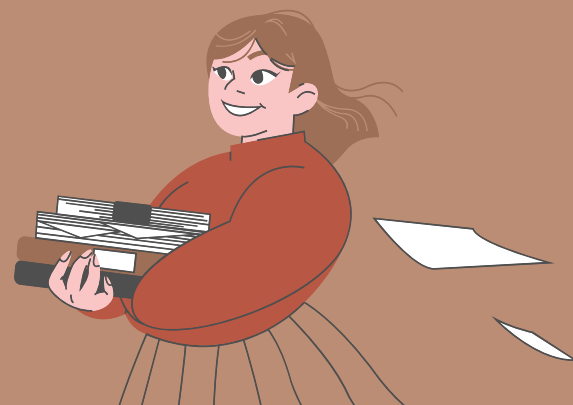
Os Dublinenses de **James Joyce** foi rejeitado por 22 editores, antes de ser publicado e converteu-se num dos clássicos do genial escritor.

Giuseppe Tomasi di Lampedusa morreu sem ver publicada a sua obra **O Leopardo**, um forte êxito editorial, que logo se converteu num clássico de cinema.

John Grisham viveu um grande fracasso na sua primeira obra. **Tempo de matar** acabou por publicar-se, mesmo com tantas rejeições. Alguém lhe disse que se dedicasse ao baseball, a sua grande paixão. Mas continuou a escrever e o facto é que se converteu num dos grandes fenómenos de thriller, chegando a vender mais de 230 milhões de exemplares da sua obra.



NOTÍCIAS



ENCONTRO EM ZAGREB (CROÁCIA)

Nos dias 14 e 15 de outubro, os parceiros do **Page** - *Project for Advancing Cognitive Accessibility in Publishing* encontraram-se em Zagreb (Croácia) para fazer avançar o projeto.

Que problemas o PAGE pretende resolver

Alguns dos desafios identificados são:

- Há poucos estudos sobre como pessoas com deficiência intelectual participam em leitura e atividades culturais, o que dificulta compreender bem as suas necessidades.
- A oferta de livros adaptados para esse público adulto é muito limitada ou quase inexistente.
- As pessoas com IDD têm poucos espaços culturais adaptados (clubes de leitura, oficinas

literárias, etc.), onde possam ler, criar ou participar de forma confortável.

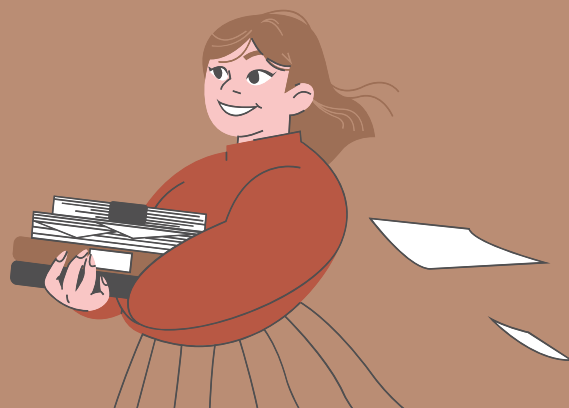
- As ferramentas digitais (e-books/apps) existentes normalmente não incorporam funcionalidades de acessibilidade cognitiva, como vocabulário simplificado, explicações de palavras difíceis, interfaces amigáveis, entre outros.

Para enfrentar esses desafios, o projeto propõe:

- Realizar investigação para identificar as necessidades de acessibilidade cognitiva das pessoas com Deficiência Intelectual e de Desenvolvimento (IDD), das suas famílias, de organizações culturais e de editoras, para definir critérios de acessibilidade de livros, atividades culturais e da futura app do projeto.



NOTÍCIAS



- Produzir livros acessíveis, através de concursos literários nos países-parceiros, para criar obras escritas em linguagem simplificada ou adaptada.
- Criar um toolbox ou kit de atividades culturais (clubes de leitura, oficinas de escrita) adaptadas, de modo a promover participação ativa das pessoas com deficiência intelectual.
- Desenvolver uma aplicação (app) dedicada que inclua funcionalidades de acessibilidade cognitiva: vocabulário simplificado, explicações, possivelmente apoio multimodal, etc., testada com as pessoas-destinatárias.
- Divulgar resultados, boas práticas, critérios, garantir coordenação e sustentabilidade do impacto do projeto.

O projeto está em linha com a *European Accessibility Act* e com a *European Strategy for the Rights of Persons with Disabilities (2021-2030)*, que visam promover direitos iguais de acesso e participação cultural para pessoas com deficiência.

Para nós, Trinta-Por-Uma-Linha, a participação neste projeto tem-nos ajudado a configurar e consolidar a nossa política editorial.

CONCURSO INTERNACIONAL PAGE

No mês de dezembro, será divulgado o regulamento do **Concurso Literário PAGE**. Este concurso literário internacional, organizado no âmbito do projeto europeu PAGE, tem como objetivo promover a criação de literatura acessível para jovens adultos com deficiências intelectuais e cognitivas.

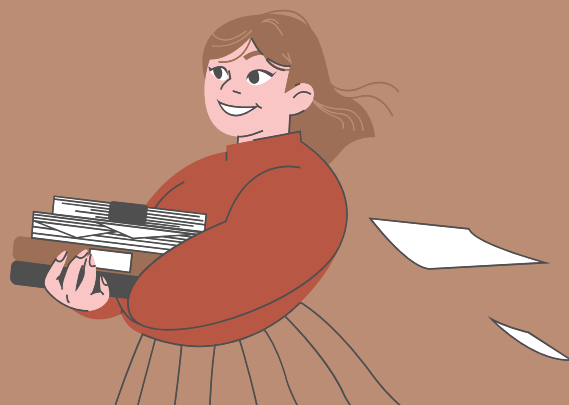
O concurso procura incentivar a produção de obras literárias acessíveis, estimulantes e adaptadas às necessidades e capacidades do público-alvo.

Podem participar **autores dos países-piloto (Itália, França, Eslovénia, Croácia e Portugal)**, desde que as suas obras sejam apresentadas nas línguas oficiais do respetivo país parceiro (IT, FR, SL, HR, PT). O texto vencedor de cada país verá o seu texto publicado em livro, em todas as línguas do projeto e, ainda, em inglês, no formato livro e e-book.

São aceites candidaturas individuais e em coautoria, desde que o texto final cumpra os critérios definidos. Fica atento às nossas redes sociais e ao regulamento a ser publicado em dezembro.



NOTÍCIAS



REGRAS EUROPEIAS PARA FAZER INFORMAÇÃO FÁCIL DE LER E DE PERCEBER_PAGE-0001

Sabias que existe um documento intitulado «Informação para todos - Regras Europeias para fazer informação fácil de ler e de perceber», produzido no âmbito do projeto Caminhos para a educação de adultos com deficiência intelectual que vamos aplicar com o objetivo de tornar esta revista mais inclusiva?

Podes descarregar o documento em:
https://drive.google.com/file/d/1IGYd8jBQ902AXqPeh1SrF550UEpttYjk/view?usp=drive_link

PLANO EDITORIAL DE 2026

O nosso conselho editorial analisou e escolheu 7 obras para publicação em 2026, das 92 obras submetidas até 15 de setembro de 2025. A escolha foi já divulgada no nosso site www.trintaporumalinha.com.

Estão já abertas as submissões de manuscritos para 2027.

Em 2027, note-se, daremos primazia ao livro ilustrado (Picture Book), aceitando também manuscritos (já) ilustrados.





OS LIVROS

É então isto um livro,
 este, como dizer?, murmúrio,
 este rosto virado para dentro de
 alguma coisa escura que ainda não existe
 que, se uma mão subitamente
 inocente a toca,
 se abre desamparadamente
 como uma boca
 falando com a nossa voz?
 É isto um livro,
 esta espécie de coração (o nosso coração)
 dizendo "eu" entre nós e nós?

Manuel António Pina

(in *Como se desenha uma casa*; ed. Assírio & Alvim, 2011)

